



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR**



SANSÃO HORTEGAL NETO

EDUCOMUNICAÇÃO:

pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de
Aplicação da Universidade Federal do Maranhão no período crítico da pandemia

SANSÃO HORTEGAL NETO

EDUCOMUNICAÇÃO:

pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão no período crítico da pandemia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

Coorientador: Prof. Dr. João Batista Bottentuit Júnior

São Luís
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Hortegal Neto, Sansão.

EDUCOMUNICAÇÃO: pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão no período crítico da pandemia / Sansão Hortegal Neto. - 2022.

108 f.

Coorientador: João Batista Bottentuit Junior.

Orientador: Luciano da Silva Façanha.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Educação. 2. Educomunicação. 3. Filosofia. 4. Pandemia. 5. Tecnologia. I. Bottentuit Junior, João Batista. II. da Silva Façanha, Luciano. III. Título.

SANSÃO HORTEGAL NETO

EDUCOMUNICAÇÃO:

pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão no período crítico da pandemia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Data da Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha (Orientador)

Doutora em Filosofia – PUC - SP
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. João Batista Bottentuit Júnior (Coorientador)

Doutor em Ciências da Educação – UniMinho - Portugal
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Dra. Luana Priscila Wunsch

Doutora em Educação – Universidade de Lisboa - Portugal
Centro Universitário Internacional UNINTER

Profª. Dra. Sannyá Fernanda Nunes Rodrigues

Doutora em Multimédia em Educação – Universidade de Aveiro - Portugal
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho à minha avó Maria Isabel Rosa Viana
(in memoriam), que, se estivesse presente em vida, teria
vibrado e ficado imensamente feliz por ver mais um neto
obtendo sucesso, mas tenho que certeza de que, no Mundo
Espiritual, ela está nessa mesma alegria e vibração.

*Se considerarmos as dificuldades sem
possibilidade de solução, como se elas nos
pussem contra a parede, podemos chegar ao
desespero, mas, se encararmos calmamente e em
atitude de prece, entenderemos as suas causas,
podemos encontrar as suas respectivas
soluções.
(Meishu-Sama)*

AGRADECIMENTOS

Tal como descrito na epígrafe acima, só tenho a agradecer a Deus, a Meishu-Sama (fundador da Igreja Messiânica Mundial, religião da qual faço parte), e aos meus Antepassados as bênçãos, proteções, orações atendidas e ter chegado até aqui com saúde e com vida. O ano de 2020 foi atípico. Em 2019, quando fiz a seleção de Mestrado, estava tudo certo de que seria presencial, até então, ninguém contava com a chegada de uma pandemia que ia parar o mundo. Iniciamos nossas atividades presenciais em março de 2020, quando, como em um badalar dos sinos, eis a mensagem “ISOLAMENTO SOCIAL”. Então, o Brasil todo ficou como em uma prisão domiciliar, apenas recebendo mensagens e vendo os noticiários que, em todos os canais, só falava de uma coisa: do caos que estava formado no mundo – a COVID-19 (SARS COV2).

Foi uma situação desconhecida pela ciência e pela sociedade, as quais não sabiam o que fazer, e muitos acreditavam ser algo passageiro que não duraria muito. Com a nossa turma 11 do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, não foi diferente. Nossas atividades presenciais foram suspensas, e, aguardando determinação da Universidade Federal do Maranhão, ficamos sem ter nossos encontros, porque a Universidade ainda não dispunha de métodos que dessem continuidade às nossas atividades acadêmicas. A UFMA, por meio do setor de Tecnologia da Informação, trabalhou incansavelmente, a fim de propor solução para que déssemos continuidade às atividades, então, implantou, como plataforma oficial, o *Google for Education*, com a utilização da ferramenta *Google Meet*.

A UFMA, por meio da Diretoria de Tecnologia na Educação, iniciou o processo de capacitação dos docentes da Instituição, e, no segundo semestre de 2020, as atividades, mesmo que timidamente, começaram a retornar, e nossas aulas do Mestrado foram continuadas de forma virtual, e, assim, concluímos a parte pedagógica no virtual. Foi uma experiência e tanto, para nossos professores e para nós, estudantes.

Por isso, aqui, quero agradecer a todo o corpo docente do PGCult, que, com paciência, entendimento e bom senso, conduziu nossas atividades acadêmicas e nos ajudou para que chegássemos até o fim da nossa pós-graduação.

Foram anos difíceis, com grandes perdas, dificuldades, preocupação, correria, cansaço, mas, como diz o ditado: “Deus só dá a cruz para quem consegue carregá-la”, entendo que nós somos vencedores e, se estamos aqui, é porque ainda temos uma missão, dada por Deus, para cumprimos, e assim o faremos, por isso a minha gratidão aos nossos professores e aqui, em especial, aos meus grandes orientadores desta dissertação, os professores doutores Luciano da Silva Façanha (orientador) e João Batista Bottentuit Júnior (coorientador), que, sempre com paciência e disponibilidade de tempo, como excelentes e espetaculares professores, ajudaram-

me com maestria na conclusão do Mestrado. Foram orientadores modelo, um exemplo de qualidade e profissionalismo, os quais me deram força e incentivo nos momentos que eu dizia que não daria para continuar e ia desistir de tudo, pela dificuldade em conciliar trabalho, estudo, minhas atividades religiosas e outros trabalhos que também desenvolvo. Eles foram imprescindíveis para a reta final deste processo. Portanto agradeço imensamente aos meus eternos professores Luciano e João Batista.

Minha gratidão para Leonardo Silva Sousa, professor de Filosofia, que participou da minha banca de qualificação do anteprojeto; Luana Priscila Wunsh, da Uninter, e Sanny Fernanda Rodrigues, do PGCult-UFMA, que participaram da minha pré-qualificação, da qualificação do meu projeto, e, agora, participam da minha banca de defesa do mestrado. As orientações que recebi deles foram fundamentais para a conclusão deste trabalho, foram todas essenciais e úteis para esta finalização, busquei atender ao máximo as valiosas contribuições que recebi.

Externo meu carinho e agradecimento à minha orientadora da graduação, Rosinete de Jesus Silva Ferreira, que foi a precursora e apoiadora para que eu estudasse a Educomunicação, tema ministrado no sexto período da graduação de Comunicação Social, habilitação Rádio e TV.

Agradeço a esses grandes mestres e doutores que passaram e ainda passam pela minha vida, a exemplo do meu orientador e amigo, Luciano Façanha, também, grande apoiador e incentivador para a realização do curso de Mestrado, e do amigo e professor Flávio Freitas, que foi essencial para entender e escrever sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sobre as discussões que estão ocorrendo sobre o futuro da disciplina de Filosofia nas escolas do ensino fundamental e médio.

Quero agradecer àqueles que foram essenciais para a minha existência, meus pais José de Ribamar Ribeiro Hortegal (em 2020, passou por um processo crítico da pandemia, sendo hospitalizado na UTI, com 75% do pulmão comprometido, mas que, com a graça e proteção divinas, superou essa dificuldade, saindo do hospital após doze dias de internação); e Marister Viana Hortegal, que sempre respeitaram minhas decisões e as inúmeras noites acordado trabalhando e escrevendo, e, mesmo com uma conta de luz tão cara, nunca me cobraram, brigaram, ou questionaram nenhuma ação, apenas respeitaram e me apoiaram em tudo.

Meu agradecimento a Deus e a Meishu-Sama, por eles serem meus pais e pela existência deles em minha vida, que são maravilhosos. Agradeço, ainda, às minhas irmãs, as doutoras Elane Viana Hortegal, na área de Nutrição, e Mylane Viana Hortegal, de Engenharia Civil, as quais, também, indiretamente, serviram de modelo para que eu entrasse no Mestrado.

Deixo o registro da existência dos meus sobrinhos, Lucas e Davi, sendo este último, nascido durante a pandemia, em 2022.

Registro meu agradecimento a um grande companheiro, amigo e parceiro, Antony Nicolas Nobate Barros, Engenheiro Civil, sempre presente na minha vida, que também me incentivou a dar continuidade ao mestrado e, todo orgulhoso, falava do meu mestrado e do que fazia, bem como agradeço aos pais dele, Sr. Doriston Barros e Sra. Luciana Barros, e aos irmãos João Gabriel Barros e Kamila Barros, que sempre me receberam bem, me acolheram e apoiaram em todo esse processo de estudo e finalização da pós.

Registro meus agradecimentos ao reitor da UFMA, Natalino Salgado Filho, que, desde 2015, quando concluí a graduação em Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, e já trabalhando como jornalista da UFMA, falava que eu deveria seguir com o mestrado, então minha gratidão pela ajuda, bem como à professora Ester Marques, que sempre perguntava sobre o mestrado, aos meus chefes Fernando Oliveira e professor Marcos Fábio, que entendiam a necessidade de finalizar o mestrado e a importância que ele tem, foram compreensivos e me liberavam sempre que eu necessitava, seja para fazer pesquisa, seja para escrever a dissertação, e aos colegas de trabalho Luciano Santos, Nelciane Dias, Agda Matias, Jardiel, Rildo Corrêa, Haphisa Kahemira, Mizaél Melo, Stenio Bruzaca, ao meu querido amigo e professor de Português, Jáder Cavalcante, revisor ortográfico deste trabalho, e tantos outros que ainda estão e os que passaram em minha vida, pessoal e profissionalmente, na Diretoria de Comunicação da UFMA, além das professoras Mônica Fontenelle e Isabel Ibarra, que sempre me ajudaram apoiando positivamente para a concretização e finalização deste trabalho

Agradeço aos meus amigos da igreja, Silvana Teixeira, Rodrigo Cunha, Jackline Mota, Lucas Moura, Jéssica Pereira, Ivana Duailibe, Ivo Yan Vieira, Jean Oliveira, aos ministros da Igreja, Anderson Cruz, Heráclito Mario, Rodrigo Cardoso, Bernardo Amaral e Geórgia Ruffino, e ao reverendo Francisco Trianon Souza.

São tantos amigos e colegas que não daria para listar todos, mas deixo meus abraços e reconhecimento de forma geral a todos, um carinho especial e fundamental. Agradeço a todos que fazem e fizeram parte da minha vida e foram fundamentais para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

RESUMO

A presente dissertação consiste em abordar a Educomunicação com integração das tecnologias para o ensino de filosofia no ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão (Colun – UFMA). A tecnologia sempre esteve presente no cotidiano da sociedade, o que inclui as escolas, desde a utilização de quadro de giz, passando por quadro branco, até a utilização de retroprojetores, datashows e recursos audiovisuais. Com a pandemia no início de 2020 e o isolamento social decretado em março do mesmo ano, no qual escolas, universidades, faculdades, bares, restaurantes, lojas, e todo e qualquer local que gerasse aglomeração precisava ser fechado, a sociedade foi se reinventando e buscando alternativas para continuar com suas atividades. Os mecanismos de webconferência, nesse período, foram ganhando destaque e espaço e aperfeiçoando serviços até então já existentes, timidamente, e pouco utilizadas. As tecnologias que foram surgindo ou se aprimorando durante a pandemia levaram-nos a analisar como a integração dessas tecnologias, em sala de aula remota tem refletido na formação crítica dos estudantes do ensino médio, especificamente na área de Filosofia, por ser uma área de concentração das humanas, que requer análise e reflexão. Para esse estudo, aplicaremos a metodologia de revisão de literatura, no qual buscaremos apresentar, conceitualmente, a existência do termo Educomunicação, mostrando seu uso no Ensino de Filosofia, que tem sido mediado pelo uso das tecnologias, além de entender como os professores do ensino médio do Colun que lecionam a disciplina de Filosofia têm trabalhado o conteúdo nesse formato remoto. O trabalho reforçará a ideia do professor como mediador de conhecimento e apontará uma necessidade interativa na sala de aula virtual, com base no uso das tecnologias, para que tenham uma função de compartilhamento e facilitadores na transmissão do conteúdo.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Ensino Médio. Tecnologia. Perspectivas após março de 2020.

ABSTRACT

This dissertation consists of addressing Educommunication with the integration of technologies for the teaching of philosophy in high school of the College of Application of the Federal University of Maranhão (Colun - UFMA). Technology has always been present in the daily life of society, which includes schools, from the use of chalkboards, through whiteboard, to the use of overhead projectors, datashows and audiovisual resources. With the pandemic in early 2020 and the social isolation enacted in March of the same year, in which schools, universities, colleges, bars, restaurants, shops, and any and all the agglomeration needed to be closed, society was reinventing and seeking alternatives to continue with its activities. The web conferencing mechanisms, in this period, were gaining prominence and space and improving services until then already existing, timidly, and little used. The technologies that were emerging or improving during the pandemic led us to analyze how the integration of these technologies in a remote classroom have reflected in the critical training of high school students, specifically in the area of Philosophy, because it is an area of concentration of humanbeings, which requires analysis and reflection. For this study, we will apply the literature review methodology, in which we will conceptually present the existence of the term Educommunication, showing its use in philosophy teaching, which has been mediated by the use of technologies, in addition to understanding how Colun high school teachers, who teach the discipline of Philosophy, have worked the content in this remote format. The work will reinforce the idea of the teacher as a mediator of knowledge and will point to an interactive need in the virtual classroom, from the use of technologies, so that they have a sharing function and facilitators in the transmission of content.

Keywords: Communication. Education. Middle school. Technology. Post-March 2020 Perspectives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferença entre Ensino Remoto e Educação a Distância.	16
Quadro 2 – Conceitos de Tecnologia	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Evolução da Tecnologia da Informação.....	23
Figura 2 – A Educomunicação na prática.....	24
Figura 3 – Uma nuvem de palavras que define o conceito da Educomunicação	25
Figura 5 – Máquina que fazia perguntas	30
Figura 6 – Eniac: primeiro computador digital eletrônico	30
Figura 4 – Fachada do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quais tecnologias são utilizadas em sala de aula	45
Gráfico 2 – Curso de aperfeiçoamento para uso das tecnologias	45
Gráfico 3 – Resistências às mudanças para o uso das tecnologias	46
Gráfico 4 – Uso de algum aplicativo específico em sala de aula por parte dos professores ...	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estatísticas de Uso da Internet e População na América do Sul (31 de março de 2021).....	32
--	----

SUMÁRIO

1. Introdução	13
CAPÍTULO I	20
2. Conceito da Educomunicação e sua aplicação	20
2.1. Educom um meio de interação	25
2.2. Tecnologias na educação: um processo na evolução prática do conhecimento	29
CAPÍTULO II	34
3. Histórico do Colun.....	34
4. O ato de comunicar para aprender: Educomunicação no contexto da Filosofia mediada por tecnologias.....	36
4.1. Relação professor-aluno	41
4.2. Ferramentas tecnológicas para utilização em sala de aula	49
CAPÍTULO III	57
5. Ato de comunicar para a Filosofia	57
5.1. O que se ensina na Filosofia?	58
5.2. Desafios do ensino de Filosofia.....	68
6. Considerações finais	77
Referências	81
APÊNDICE A – Justificativa da ausência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	88
APÊNDICE B – Parecer consubstanciado do CEP	89
ANEXO A – Formulário elaborado no <i>Google Forms</i> para aplicação do questionário ..	96
ANEXO B – Respostas do questionário aplicado por meio do <i>Google Forms</i>	100

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa para o mestrado nasceu em decorrência de uma inquietação sobre o uso das tecnologias no ensino de Filosofia no ensino médio, aplicado ao conceito da Educomunicação. O interesse por este estudo nasceu quando ainda estava cursando Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, na Universidade Federal do Maranhão e participei da disciplina Educação e Tecnologia, a qual discute um olhar diferenciado sobre o campo da Comunicação, ou seja, motivando que o educando perceba que, além da comunicação massiva, existe um processo comunicacional que atende ao terceiro setor (Ongs, Oscips, associações, rádios comunitárias, escolas...) e todo segmento que tenha uma preocupação na educação dos meios e para os meios.

Inicialmente, a pesquisa, que teria início em 2020, seria aplicada de modo presencial na disciplina de Filosofia ministrada no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão (Colun-UFMA), mas, por causa da pandemia de covid-19, foi necessária uma adequação e adaptação do projeto, transformando-o em um modelo remoto.

Ao decorrer dos meses, durante o Mestrado, fui percebendo, no ensino superior, a dificuldade que os professores estavam tendo, logo no começo da pandemia, quando pouco estava sendo explorado na tecnologia, para ministrar uma aula interativa e planejada para o remoto.

Esse pensamento levou-me a refletir sobre os mecanismos, então, que os professores que lecionam Filosofia no Colun estavam utilizando para transmitir seu conteúdo, de forma virtual, uma vez que a disciplina exige criticidade, promoção de debates, análises, participação ativa dos alunos e engajamento. Foi nesse contexto que buscamos entender os métodos tecnológicos utilizados pelos professores, durante a pandemia, para criar esse debate e essa interação com a turma.

Logo, com esta pesquisa, objetivamos, de modo geral, analisar como essas tecnologias têm refletido para a formação crítica dos estudantes do ensino médio, na área de Filosofia. Da mesma forma, no sentido de compreender o uso das tecnologias adotados nas salas de aulas virtuais, traçarmos alguns objetivos específicos, como apresentar conceitualmente a existência dos termos Educomunicação, Tecnologia e Ensino de Filosofia, e entender como os professores do ensino médio do Colun-UFMA que lecionam Filosofia têm trabalhado o conteúdo mediado pelas tecnologias.

Chegamos à conclusão, portanto, que vivemos muitas transformações tecnológicas que traçam caminhos e exigências de mudanças na prática do ensino de Filosofia e, para esse entendimento, precisamos lembrar sobre o início da pandemia que paralisou o mundo inteiro,

e que incentivou, a um curtíssimo prazo, a expansão acelerada das tecnologias, não apenas do seu uso, mas do fazer uso dessas ferramentas como método de criar uma relação ensino-aprendizagem mediada por diversas conexões.

Um mês depois do primeiro caso confirmado do Sars-CoV-2, o Coronavírus (covid-19) no Brasil, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 343, no dia 17 de março de 2020¹, a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. Passados cinco meses, no dia 18 de agosto de 2020, foi publicada a Lei nº 14.040², que “estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública, reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020³; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009⁴”.

Com a agravante do vírus pelo país e pelo mundo, tendo mais de 620 mil óbitos no Brasil, segundo levantamento da Agência Brasil e 5,60 milhões em nível Global decorrentes do novo Coronavírus, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, os índices serão lembrados pela consolidação de um cenário em que não será possível voltar atrás. Acreditamos que, enquanto o mundo ainda viver na pandemia, será necessária a implantação do ensino remoto e/ou híbrido por instituições de ensino de todos os níveis, seja ensino básico, fundamental, médio ou superior.

O site Global Campaign For Education⁵ publicou que, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), mais de 800 milhões de alunos de todo o mundo foram afetados, 1 em cada 5 alunos não pode frequentar a escola, 1 em cada 4 não pode frequentar aulas de ensino superior e mais de 102 países solicitaram fechamento de escolas em todo o país, enquanto 11 implementaram o fechamento de escolas localizadas, desde o seu surto no fim de dezembro de 2019.

No Brasil, as portas começaram a ser fechadas em março de 2020 e, desde então, os professores se viram com dificuldades em dar continuidade ao seu planejamento pedagógico. Era tudo muito novo, era preciso recriar as aulas, os modelos e formatos que deixaram de ser presenciais e passaram a ser remotos. Novos termos, já existentes no mundo da tecnologia,

¹ A Portaria está disponível para consulta no endereço <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>

² A Lei está disponível para consulta no endereço <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>

³ O Decreto está disponível para consulta no endereço http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm

⁴ A Lei está disponível para consulta no endereço http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11947.htm

⁵ Matéria publicada em 18 de março de 2020. Disponível em: < <https://campaignforeducation.org/en/press-centre/coronavirus-dont-let-our-children-down>>. Acesso em: 14 out. 2021.

começaram a ser utilizados com frequência, como Webinários, Live, Chat, entre muitos outros.

Diversos professores precisaram aperfeiçoar suas metodologias e práticas de ensino, buscando um formato mais atrativo e que se aproximasse ainda mais do aluno, porque o modo do ensino remoto começou a fazer parte do dia a dia do professor.

Nesse contexto, o ensino remoto surge como alternativa para minimizar os prejuízos com o ensino e a aprendizagem[...]. Diante disso, as escolas públicas e privadas precisaram adaptar-se às aulas remotas para que os estudantes de forma expressiva compreendessem o ensino remoto como promissor para concretizar a aprendizagem esperada no ensino regular (SOUZA, 2020, p. 10).

Quando o assunto era aula presencial, nem sempre o uso das tecnologias digitais fazia parte do planejamento pedagógico, mas, quando migrou para o remoto, a necessidade do uso aumentou. Era necessário produzir materiais e criar meios para lecionar, o que mostrou as limitações de diversos professores em várias áreas do conhecimento, algumas com o uso mais simples, outros tendo que se reinventar metodologicamente.

[...] nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira. (CORDEIRO, 2020, p. 10)

Essa afirmação de Cordeiro (2020) nos levou a pesquisar como tem sido a metodologia aplicada pelos professores do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão (Colun-UFMA). Tendo em vista as diversas áreas do conhecimento existentes, buscamos analisar e estudar apenas a disciplina de Filosofia, objeto de estudo deste trabalho.

Para trazer à tona a discussão do ensino remoto, alguns questionamentos foram levantados, principalmente no que diz respeito ao “ensinar a Filosofia” nos tempos pandêmicos, objeto de estudo deste trabalho, que tem por objetivo geral analisar como os professores de Filosofia do Colun-UFMA têm utilizado as tecnologias, instigando os estudantes do ensino médio a uma reflexão crítica para a sua formação; e os específicos visam apresentar conceitualmente a existência dos termos Educomunicação, Tecnologia e Ensino de Filosofia, além de entender como os professores do ensino médio do Colun que lecionam a disciplina de Filosofia têm trabalhado o conteúdo mediado pelas tecnologias.

Algumas das respostas presentes neste trabalho foram obtidas por meio de um questionário on-line cadastrado no *Google* Formulários, disponível no período de 17 a 20 de maio de 2022, reunindo três docentes da área de Filosofia: um do ensino médio⁶, representando o Colun, o outro é docente do ensino superior e representando o Departamento do Curso de Filosofia da UFMA e o outro é professor do curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Filosofia, da UFMA – Câmpus de Pinheiro, localizado na Baixada Maranhense. O questionário conteve perguntas de múltipla escolha, caixas de seleção e texto de resposta curta e longa. Portanto, para buscar respostas aos objetivos definidos, usaremos esse formato como metodologia.

O entendimento sobre como se dá o uso das tecnologias nas aulas de Filosofia no Colun foi o que nos motivou a realizar esta pesquisa, uma vez que a intenção não é verificar o uso da tecnologia pela tecnologia, e, sim, se a tecnologia está sendo utilizada como método de interação e de comunicação, criando estratégias de comunicação, constituindo, portanto, a Educomunicação, palavra-chave essencial para este trabalho.

Iniciei o estudo da Educomunicação quando concluí, ainda em 2015, o curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, na UFMA, no momento em que foi ministrada a disciplina Educação e Tecnologia, no 6º período do curso de graduação.

Essa temática, pouco explorada e com pouca abordagem literária, não havendo muitos estudos relacionados a “Educomunicação e Ensino de Filosofia no Ensino Médio”, leva-nos a explorar a temática de forma que possamos contribuir para o desenvolvimento educacional, principalmente, em meio à pandemia, visto que, de agora em diante, o principal aliado do professor será a tecnologia, e precisamos ajudar, propor ideias, soluções, alternativas, para que o “professor” desenvolva sua atividade de docência, principalmente em uma área que busca a crítica, a análise, o pensar, o refletir e o agir: a Filosofia.

No contexto do ensino remoto, iniciado em 2020, é necessário explicar e separar esse termo, em específico, do modelo de Educação a Distância, cuja “confusão” se dá pela utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação, as chamadas TICs, em ambas as modalidades de ensino. O ponto em comum é a mediação tecnológica como base para seu desenvolvimento. Vejamos a tabela a seguir:

Quadro 1 – Diferença entre Ensino Remoto e Educação a Distância.

⁶ Neste trabalho, utilizamos um professor de Filosofia do Ensino Médio do Colun, tendo em vista que o colégio de aplicação só dispunha desse único professor. Para completar a pesquisa e fazer um contraponto, buscamos entender como se dá esse uso também na disciplina de Filosofia do Ensino Superior.

<i>Educação a Distância</i>	<i>Ensino Remoto</i>
Pressupõe um processo de desenvolvimento da aprendizagem baseado na interatividade e na autonomia do aluno de adaptá-la à sua realidade.	É uma adaptação do ensino presencial a uma situação emergencial, como tem ocorrido com grande frequência no cenário atual, de pandemia do novo Coronavírus, Sars-CoV-2.
Estudantes e professores desenvolvem suas atividades educativas em lugares ou tempos diversos.	Envolve o emprego das TICs para permitir que as aulas ocorram remotamente.
Possui concepção didático-pedagógica, estrutura flexível e modo de funcionamento próprios, mais robustos e capazes de abranger todo um processo avaliativo de forma remota.	As atividades e os conteúdos são entregues por algum meio: aulas ao vivo ou gravadas, lista de atividades pelo e-mail, agenda virtual, entre outros meios.
Os conteúdos são ofertados por mídias diversas, permitindo que o discente aprenda da melhor forma.	Apresenta material personalizado e calendário adaptado ao contexto.
Há o ambiente virtual de aprendizagem, um espaço para concentrar a informação, registrar as interações e as atividades.	O professor da disciplina atua e interage com os alunos.
Pode contar com a figura de um tutor ou não, no caso dos cursos autoinstrucionais, sendo essa uma modalidade altamente escalável e internacionalmente conhecida como <i>massive open on-line courses</i> ⁷ .	A presença na sala virtual é obrigatória e aferida pelo professor, como no ensino presencial.
Há um percentual de presencialidade e de atividades síncronas	Devem ocorrer no dia em que as aulas estão previstas

Fonte: UFMA⁸

Mendonça (2021)⁹ esclarece aspectos sobre as TICs e sustenta a indissociabilidade entre as dificuldades na implementação do ensino remoto.

O uso de tecnologias se intensificou em 2020 com a pandemia da covid-19 pela necessidade de uso de plataformas de ensino remoto, híbrido ou mesmo semipresencial, e é possível argumentar que nunca se buscou tanto por alternativas tecnológicas como nos últimos meses. De um lado, nota-se empenho de instituições e de professores para a manutenção de aulas por meio do ensino remoto ou até mesmo híbrido. Por outro lado, é fundamental lembrar que parte significativa de estudantes [...] não dispõem de ferramentas adequadas [...]. É possível dizer que a pandemia forçou o desenvolvimento de políticas existentes, mas que eram evitadas por muitos professores por razões diversas (MENDONÇA, 2021).

Já Paiva (2020) argumenta, baseado em Hodges¹⁰ e em Tomazinho¹¹, que o ensino remoto emergencial se diferencia da educação a distância por se tratar de estratégia pontual de

⁷ Em português, significa Curso On-line Aberto e Massivo, que é um tipo de curso oferecido por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, ferramentas da Web 2.0 ou redes sociais que visam oferecer para um grande número de alunos a oportunidade de ampliar seus conhecimentos num processo de coprodução.

⁸ Conteúdo disponível na reportagem publicada no site da UFMA, em 4 de junho de 2020, disponível no endereço <https://portalpadrao.ufma.br/COVID19/noticias/diretora-da-dinte-destaca-iniciativas-novidades-e-conquistas-do-ensino-remoto-e-da-ead-ufma>

⁹ Pesquisador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas. É bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professor da disciplina Políticas Públicas em Educação, e também líder do grupo Política e Fundamentos da Educação (CNPq-PUC Campinas).

entrega de instruções de modo alternativo ao ensino presencial devido às circunstâncias de crise.

No universo acadêmico, existe a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem é uma relação simples em que um termo depende do outro para a sua existência. No entanto, apesar de esse fato ser evidente por si mesmo, essa reflexão exige um olhar mais apurado, porque a indissociabilidade do processo incentiva uma análise sobre o que é ensinar e o que é aprender, uma vez que um depende do outro para existir, ou seja, só é possível aprender se alguém ensinar, e, para ensinar, é necessário existir alguém para aprender.

Esse esforço cotidiano do professor em levar alguém a compreender uma situação, e não apenas a transmitir a informação, é parte de um processo de constituição da realidade, de onde a experiência é extraída para dar sentido ao mundo tanto do ensinamento quanto da aprendizagem como duas interfaces de uma mesma lógica. Esse entendimento modifica a visão da pedagogia tradicional – de uma proposta de que a educação deve ser centrada no professor –, cuja função define-se por um controle permanente dos alunos, um ensinamento unilateral do conhecimento e a correção dos possíveis erros que surgem na relação.

A decisão do tema e objeto de pesquisa advém de um processo de conhecimento que envolve todo o tempo de graduação e que agora se estende ao mestrado. É durante esse caminho percorrido, entre disciplinas, trabalhos e congressos que amadurecemos nossas escolhas. No trabalho em questão, apresentamos a proposta de trilhar pelo campo da Educomunicação no ensino de Filosofia, no ensino médio.

Dado esse processo introdutório, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, intitulado **Conceito e aplicação**, apresentaremos o conceito do termo Educomunicação, explicando sua empregabilidade tanto na prática quanto na teoria, mostrando como esse processo pode ser utilizado em sala de aula para dinamizar e potencializar as aulas mediadas pelas tecnologias, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, destacando o nosso local de fala, apresentando um histórico sobre o Colégio de Aplicação da UFMA.

No segundo capítulo, abordaremos **O ato de comunicar para aprender: Educomunicação no contexto da Filosofia mediada por tecnologias**. Este trabalho versa sobre a disciplina de Filosofia ministrada no Colun-UFMA, logo é necessário entender o

¹⁰ Autor que, acompanhado de outros, escreveu o artigo *The Difference between emergency remote teaching and online learning*, disponível em <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn7>

¹¹ Autor do artigo no Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. Disponível em <https://medium.com/@paulotomazinho/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar-6667ba55dacc>

conceito e a aplicação do termo Educomunicação para entender esse processo na sala de aula, se o professor conhece o termo e se utiliza essa prática em sala de aula, mais especificamente em Filosofia do Ensino Médio, principalmente no cenário atual de pandemia.

Esse capítulo é dividido em duas partes: a primeira falará sobre a *Relação professor-aluno*, como se dá esse processo, agora mediado por uma tela, seja desktop, notebook, celular ou tablet, será que está sendo possível manter esse diálogo, essa relação, de forma virtual, mediada pelas tecnologias? A segunda parte, intitulada *Ferramentas tecnológicas para utilização em sala de aula*, trará sugestões de ferramentas que poderão ser trabalhadas em salas de aula, sem perder de vista o conceito da Educomunicação. Nessa parte, será possível citar ferramentas que contribuam para o professor, sua usabilidade aplicada ao contexto da comunicação, deixando a aula interativa, dinâmica, trazendo a criticidade do aluno nesse processo educacional, haja vista a dificuldade que muitos alunos têm tido em aprender durante esse período pandêmico e as que o professor tem de ensinar mediado por tecnologias, mais especificamente na área de Filosofia, objeto de estudo deste trabalho.

No terceiro e último capítulo, falaremos sobre a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Nesse ponto, traremos uma discussão que tem ocorrido em cenário nacional sobre a permanência da disciplina de Filosofia nas escolas de ensino médio. Faremos uma breve introdução sobre essa situação, utilizando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Também nesse capítulo, apresentaremos dois tópicos: um refere-se aos *Desafios do ensino de Filosofia*, e o outro será *Como a educomunicação potencializa o ensino de Filosofia*. Após essas discussões, traremos as Considerações Finais, com base nos resultados encontrados, após pesquisas que foram aplicadas, virtualmente, por meio do Google Forms, com três professores que ensinam Filosofia, e as Referências Bibliográficas utilizadas para a construção desta dissertação.

CAPÍTULO I

2. CONCEITO DA EDUCOMUNICAÇÃO E SUA APLICAÇÃO

A Educomunicação parte de um conceito que une Educação + Comunicação. Segundo Oliveira (2011), “este termo apareceu publicado, pela primeira vez, em 1999, para designar um novo campo de intervenção social”. Nunca foi possível educar sem se comunicar, porque a base de todos os processos sociais é a comunicação, que funciona como a substância política que permite o acesso do homem ao mundo, já que está presente em tudo que haja uma ligação entre interlocutores ou sujeitos significantes.

Mas o fato de afirmar que há um processo comunicativo estabelecido entre o professor e o aluno não quer dizer que há educação, porque a educação começa com os processos de sociabilização primária ou na família e tem continuidade na escola com os demais processos de sociabilização. O fato é que, para educar, é necessário mais do que trocar informações; é necessária a produção de mensagens, cujos significados devem estimular a capacidade de reflexão sobre o que é certo ou errado, justo ou injusto, ou belo ou feio, ou até mesmo como fazer e proceder para ter resultados positivos sobre um determinado assunto. Esses conceitos são mais amplos. Portanto a comunicação, base de todos os significados e sentidos que ocorrem nos processos de interação, hoje está presente por meio das tecnologias que têm surgido e outras, sido aprimoradas, com o objetivo de manter a sociedade mais conectada e garantir mais interação entre as culturas e os sujeitos.

A Educomunicação é definida como um conjunto de ações destinadas a integrar as práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação, além de criar e fortalecer os ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Logo a Educomunicação está baseada em uma metodologia pedagógica que se apropria de recursos de impactos sociais modernos e técnicas de comunicação que valorizam a aprendizagem por meio de tecnologias, como uma lousa interativa, microcomputadores, notebooks, sons, televisores, *datashows*, internet, entre outras ferramentas que visam aproximar, ao máximo, o aluno do conteúdo e dinamizar a aula, que, devido à pandemia e ao isolamento social, tem sido ministrada de forma virtual, o que vai proporcionar ao professor uma construção de métodos de ensino-aprendizagem interativo, dinâmico e pedagógico.

Essa abordagem de aplicabilidade pedagógica pode vir como superação da *educação bancária*¹², que tem por princípio a transmissão do conhecimento por meio da aula do professor, que centra o processo discursivo, com base na sua instância de enunciação, ou seja, ele fala, e o aluno apenas ouve e aprende. Isso se dá pelo fato de o professor não conceder espaço para que o aluno participe do processo de aprendizagem, surgindo somente como um sujeito passivo, uma vez que o professor é quem detém o saber.

Ensinar, entretanto, não é somente transmitir, não é somente transferir conhecimentos de uma cabeça a outra, não é somente comunicar. Ensinar é fazer pensar, é estimular o outro para a identificação e a resolução dos problemas; é ajudar a criar novos hábitos de pensamento e ação. (BORDENAVE e PEREIRA, 2003).

O modelo de educação idealizada por Paulo Freire seria dinâmico como uma base ideal para uma sociedade igualitária. Paulo Freire também buscava a construção do saber em que o professor, nesse caso chamado de educador, estivesse próximo aos pré-conhecimentos dos estudantes, para que ele (professor) desenvolvesse uma habilidade de apresentar o conteúdo aos alunos, tendo então o poder e o espaço para discutir acerca dos novos saberes.

Na prática, a coisa seria para funcionar assim: o professor questiona os estudantes sobre o seu dia a dia, apresenta uma explicação ideológica para os problemas e insatisfações relatados e depois discute com eles o que acharam desse conteúdo. Se os alunos discordarem da explicação, o professor argumenta em favor do seu próprio ponto de vista ideológico. Ao fim do diálogo, o professor conclui que os alunos que ele conseguiu convencer estão agora “conscientes” da sua “verdadeira” condição de oprimidos e explorados pela sociedade de classes. (DINIZ FILHO, 2013)¹³.

Já na pedagogia moderna¹⁴, o professor é visto como um mediador no processo de busca do conhecimento, que deve partir de uma experiência comum ao aluno. Nesse caso, o professor deve organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver em cada um as suas capacidades e habilidades intelectuais. Desse modo, o entendimento do que seria o termo “aprender” significa que o professor deve conduzir o aluno ao processo de aprendizagem para que este

¹² Paulo Freire, que “defendia uma educação assumidamente ideológica” – “propunha uma prática de sala de aula” que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos e condenava o tradicionalismo da escola brasileira, o qual ele chamou de “educação bancária”, em que o professor deposita o conhecimento em um aluno desprovido de seus próprios pensamentos. (FILHO, 2013)

¹³ Doutor em Geografia pela FFLCH-USP e professor do Departamento de Geografia da UFPR, publicou, em 15/02/2013, um texto na editoria Opinião, do jornal on-line Gazeta do Povo, intitulado Paulo Freire e a “educação bancária” ideologizada.

¹⁴ Com base no que é aplicado como modelo na escola paulista, a expressão é entendida como *arte de ensinar*, em que a prática da observação modula a relação ensino-aprendizagem, instaurando o primado da visibilidade (Rodrigues, 1930)

adquirir o domínio sobre o conteúdo ensinado, reflita sobre ele e consiga transformar a sua realidade e a dos outros, traduzindo, na prática, o que foi e está sendo ensinado.

Com a pandemia do novo Coronavírus, essa pedagogia precisou ser reinventada em todas as áreas do conhecimento, e aqui nos ateremos ao ensino da Filosofia, principalmente quando o conteúdo é transmitido pelos meios midiáticos, em um tripé: Educação, Comunicação e Tecnologia.

No campo da educação, por exemplo, há uma tendência para a inter-relação entre Educação e Comunicação observada desde a criação de meios como o rádio no Brasil, o qual já surgiu sob uma proposta de levar a educação por meio dessa mídia, a chamada “mídia-educação”¹⁵, sendo necessário um estudo das interfaces (Educação e Comunicação) e como os dois campos sociais podem ter seus caminhos cruzados com a ajuda das novas tecnologias, contribuindo para o processo ensino-aprendizagem. A pesquisa busca entender as particularidades e interfaces nos dois campos, conforme classifica Braga e Calazans (2000) como sendo penetrabilidade e inclusividade.

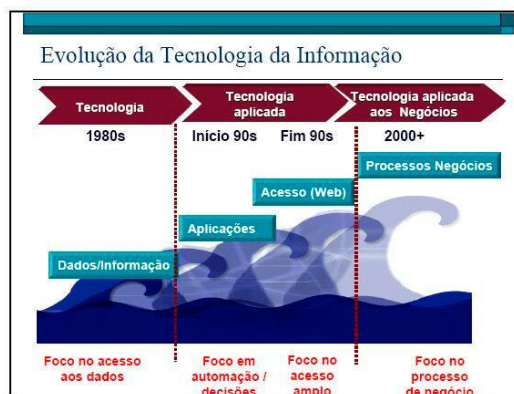
O projeto está voltado para o Colégio de Aplicação Universitário da Universidade Federal do Maranhão (Colun – UFMA), cuja pesquisa, inicialmente, seria realizada *in loco*, mas, por causa da pandemia, esse cenário foi modificado e estamos desenvolvendo o estudo no período pandêmico para verificar a aplicação e o uso das tecnologias no ensino de Filosofia na escola. Ressalta-se que, desde abril de 2020, um mês após o agravamento da pandemia com o isolamento social, a Universidade Federal do Maranhão fechou suas portas, retornando às atividades remotas no segundo semestre de 2020, aplicando esse modelo também para o Colun, que precisou se aperfeiçoar e buscar alternativas, agora 100% mediado pelo uso das tecnologias, para que os alunos do colégio de aplicação não fossem prejudicados.

A partir de então, o desafio, principalmente para o corpo docente, estava lançado, e, sem se darem conta, começaram a desempenhar um papel fundamental na educação brasileira, o de Educomunicadores.

Para entender esse processo, vamos acompanhar a evolução da tecnologia desde 1980, passando pelo ano 2000, até os dias atuais, conforme figura 1.

¹⁵ Tendo como base as interfaces entre os campos da educação e comunicação, o próprio Ministério da Educação (MEC) recomenda, no capítulo II, seção III, artigo 32, inciso II da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a utilização do assunto: consumo, meios de comunicação, publicidade e venda, como temas transversais para se trabalhar a educação e comunicação no Ensino Médio. (Portal do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 08 fev. 2021)

Figura 1 – Evolução da Tecnologia da Informação



Fonte: Rezende (2015), disponível no artigo *A evolução da tecnologia da informação nos últimos 45 anos*¹⁶

A Educomunicação é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaboratividade e interdisciplinaridade, logo é um campo teórico-prático que propõe intervenção a partir da educação para a mídia, do uso das mídias na educação, da produção de conteúdos educativos, da gestão democrática das mídias, e da prática epistemológica e experimental do conceito. Segundo Soares (2011), “este termo apareceu publicado, pela primeira vez, em 1999, para designar um novo campo de intervenção social”. Nunca foi possível educar sem se comunicar, porque a base de todos os processos sociais é a comunicação, que funciona como a substância política que permite o acesso do homem ao mundo, já que está presente em tudo em que haja uma ligação entre interlocutores ou sujeitos significantes.

Sua aplicação pode ser desenvolvida em qualquer ambiente de formação, não apenas ao âmbito da educação formal, embora muitas experiências no Brasil venham acontecendo em escolas, especialmente com crianças e adolescentes. O termo também é conhecido abreviadamente como educom.

Desde 1970, algumas instituições reivindicaram a necessidade da formação em Educomunicação, a qual busca um olhar diferenciado na formação de professores, na educação de famílias e mesmo de adultos, idosos, donas de casa e desempregados. No Brasil, já existem vários trabalhos aplicados à educom.

Na prática, a Educomunicação propõe novos tipos de aprendizagem, utilizando recursos tecnológicos e novas relações na comunicação, mais democrática e participativa. O conceito de Educomunicação, entendido pelo professor Ismar de Oliveira Soares (2012), é "o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos,

¹⁶ O trabalho está disponível em https://www.researchgate.net/profile/Denis-Rezende/publication/267218144_A_evolucao_da_tecnologia_da_informacao_nos_ultimos_45_anos/links/54b3f57c0cf28ebe92e446b7/A-evolucao-da-tecnologia-da-informacao-nos-ultimos-45-anos.pdf

programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos", e outros espaços formais ou informais de ensino e aprendizagem.

Afirmar que há um processo comunicativo estabelecido entre o professor e o aluno não quer dizer que há educação, porque a educação começa com os processos de socialização primária ou na família e tem continuidade na escola com os demais processos de socialização. Educar é mais do que trocar informações; é necessária a produção de mensagens, cujos significados devem estimular a capacidade de reflexão sobre o que é certo ou errado, justo ou injusto, belo ou feio, ou até mesmo como fazer e proceder para ter resultados positivos sobre um determinado assunto. Esses conceitos são mais amplos. Portanto a comunicação, base de todos os significados e sentidos que ocorrem nos processos de interação, atualmente, está presente por meio das tecnologias que surgem instantaneamente a cada momento, e isso garante mais interação entre as culturas, entre os sujeitos ou entre as sociedades.

A Educomunicação propõe a autonomia para interagir nos diversos processos de elaboração de conteúdos e construção de conhecimento, bem como intervenção na sociedade, isso de forma coletiva onde os sujeitos têm ciência de suas atuações e suas consequências. (SOARES, 2017)

Esse conceito pode ser claramente ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – A Educomunicação na prática



Fonte: <http://www.educomunicacao.jor.br/2016/07/educomunicacao-edu-o-que.html> Acesso em: 16 nov. 2021

Assim, a Educomunicação define-se como um conjunto de ações destinadas a integrar as práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação, além de criar e fortalecer os ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

As bases da educom versam sobre a comunicação dialógica e participativa, a força dos meios de comunicação na formação das pessoas, leitura crítica dos meios de comunicação,

comunicação transformadora, diálogo e pluralidade e conflito de vozes, e, na comunicação, tantos os emissores quanto os receptores aprendem.

2.1. *Educom um meio de interação*

As ações da Educomunicação, definidas por Primo (2003), que fundamentam grande parte dos estudos da chamada “interatividade”, tendo em vista o caráter tecnicista e matemático da teoria da informação¹⁷, criaram uma visão de comunicação disfarçada como adequada para o estudo da interação mediada por computador. Emissor-canal-receptor se transformam em *Webmaster*-interface usuário.

Associando-se a essa concepção, o par comportamentalista de estímulo/resposta traduz-se como *input/output* no contexto informático. Enquanto isso, o neobehaviorismo da ciência cognitiva propala que a mente humana não passa de um programa de computador (PRIMO, 2003).

Logo a Educomunicação está baseada em uma abordagem de aplicação tecnológica pedagógica que se apropria de recursos tecnológicos modernos e técnicas de comunicação que valorizam a aprendizagem por meio de mídias, como uma lousa interativa, microcomputadores, notebooks, sons, televisores, *datashows*, internet, aplicativos entre outras ferramentas utilizadas em salas de aula para aproximar ao máximo o aluno do conteúdo e dinamizar o ensino, a pesquisa, a reflexão e a intervenção social com metodologias variadas e específicas.

A Educomunicação, ante os estudos contemporâneos, deverá ser caracterizada pela abordagem sistêmica das relações entre os recursos da comunicação e as atividades humanas, identificando a natureza da interatividade propiciada pelos novos instrumentos da comunicação e democratizando o acesso às tecnologias, desmistificando-as e colocando-as em prática não somente no ambiente acadêmico, mas em prol de toda a sociedade. Deve ser vista, antes de tudo, como a possibilidade de novas perspectivas, de algo que será construído por meio de uma fundamentação, porém apto a ser questionado, criado, respeitando o princípio do coletivo em discussões e debates, mas não abrindo mão do individualismo de pensamentos e decisões, agindo como campo de integração, interdiscursivo, participativo e com olhar crítico. (GALVÃO, 2015)

*Os novos instrumentos de comunicação podem ser desenvolvidos com estudantes de qualquer idade e utilizados por professores de qualquer área. Alguns exemplos de ferramentas utilizadas durante o contexto pandêmico serão abordados no capítulo II. **Figura 3** – Uma nuvem de palavras que define o conceito da Educomunicação*

¹⁷ A teoria da informação é um ramo da matemática que estuda quantificação da informação. Ela foi desenvolvida originalmente para compressão de dados, para transmissão e armazenamento deles. Porém foi planejada para aplicação ampla e tem sido usada em muitas outras áreas. (PAVÃO, 2011, p. 1)



Fonte: Abpeducom. Acesso e 16 Out. 2021

Os softwares de aprendizagem podem ser bastante utilizados por professores das diversas áreas do conhecimento, mas, para este trabalho, citaremos, especificamente, os de Filosofia, que podem fazer uso de *podcasts*¹⁸, ter suas aulas gravadas e disponibilizá-las; utilizar blogs, para inserir textos e conteúdos filosóficos de autores utilizados em suas aulas para serem lidos e discutidos pelos alunos, e projetos de entrevistas e debates executados pelos estudantes, por meio do YouTube¹⁹, por exemplo, para que desenvolvam a prática da crítica e do saber perguntar e questionar, bem como treinar também a fala, a escrita e o debate, o que, consequentemente, incentiva o uso da leitura, já que, para ter uma boa escrita, é necessário uma boa leitura.

A Educomunicação, portanto, necessita que sejam observados alguns procedimentos sem os quais ela se torna irreconhecível. Para tanto, é necessário prever e planejar os “conjuntos de ações”, no contexto do plano pedagógico das escolas e não ações isoladas, ações essas que estão sendo realizadas de forma remota por meio do *Google Meet for Education*²⁰, como mecanismos de interação virtual com o aluno. A perspectiva de um planejamento deve ser

¹⁸ É uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criados pelos próprios usuários. Nesses arquivos, as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas ou simplesmente falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como política ou o capítulo da novela. Pense no podcast como um blog, só que, em vez de escrever, as pessoas falam. (Martins, 2008. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/1252-o-que-e-podcast-.htm>. Acesso em 5 mar. 2021)

¹⁹ É um portal, lançado em maio de 2005, que permite aos internautas carregar e compartilhar produtos audiovisuais para todo o mundo. Atualmente, o YouTube, uma empresa da Google, é o maior portal audiovisual existente, uma vez que ele garante, com segurança, o armazenamento de diversos vídeos com alta qualidade como, por exemplo, filmes, vídeos e até mesmo vídeos chamados de caseiros.

²⁰ Serviço do Google lançado em 2006, voltado para o setor da educação, o qual possui ferramentas específicas para quem precisa ensinar, aprender e se conectar, contribuindo para que professores e estudantes aprendam e inovem juntos.

participativa e envolver todas as pessoas presentes como agentes ou beneficiárias das ações, uma vez que as relações de comunicação devem ser francas e abertas, cujo objetivo principal é o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupos.

Nesse período da pandemia, com as ferramentas tecnológicas cada vez mais em uso, verificamos que há professores que estão preocupados com o entendimento e a participação ativa do aluno, visto que, no cenário virtual, há fatores que podem interromper essa troca de conhecimentos, como baixa capacidade de navegabilidade, e aqui nos referimos aos serviços de internet que são caros, economicamente falando, haja vista que a desigualdade social ainda é extrema, e muitos estudantes não dispõem de condições financeiras favoráveis para manter uma internet que seja de qualidade e, mesmo que sejam utilizados os dados móveis, o serviço oferecido é de baixa qualidade, velocidade e frequência de sinal inferiores aos necessários para manter uma boa comunicação em via dupla, ou seja, emissor-mensagem-receptor, impedindo que a mensagem seja recebida com qualidade. Além desse cenário, também há a falta de equipamentos e a dificuldade de o professor estar de olho em seu aluno para saber se está compreendendo ou não o assunto, e isso se dá pelo fato de, na aula remota, os alunos permanecerem o tempo todo com a câmera desligada.

Observamos que a tecnologia tem o papel de democratizar o acesso ao ensino. A cada momento, durante a pandemia, o que temos notado é que diversas ferramentas e metodologias têm sido desenvolvidas para auxiliar os profissionais da educação a promover o acesso ao ensino e a permitir uma educação mais inclusiva.

É com essa comunicação estabelecida, quando o emissor fala, o receptor entende a mensagem decodificando-a e devolvendo positivamente para o professor que os resultados são obtidos ao longo das aulas, tendo, portanto, a participação ativa de todos e respondendo às atividades internas, que também são disponibilizadas por muitos outros métodos de ensino remoto, os quais enriquecem o conteúdo programático, deixando a aula dinâmica e menos cansativa.

Esta tríplice dimensão subsiste, mas cada uma delas vem sofrendo visíveis modificações nas últimas décadas, sempre que o sistema formal de educação se aproxima das filosofias e das práticas da comunicação, sob a ação eficaz do Educomunicador.²¹ (SOARES, s.d., p. 5)

²¹ SOARES, Ismar de Oliveira. **Uma educomunicação para a cidadania**. Núcleo de Comunicação e Educação da USP, São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2021

O tema da inter-relação comunicação, tecnologias e educação acaba de ser legitimado, não podendo ser tomado de forma estanque ou fragmentada, muito ao gosto do marketing educacional, mais preocupado em vender equipamentos do que em implementar reformas profundas.

Soares (1998, p. 2)²² explica que o

MEC e as próprias redes de ensino sofrerão duas ordens de problemas. A primeira é uma tendência de reduzir toda a linguagem tecnológica à informática, minimizando a importância e o impacto das demais tecnologias, especialmente as audiovisuais para o processo de aprendizagem. Quanto à segunda, o próprio texto do MEC reconhece a inadequada formação dos professores para o ensino médio como a maior dificuldade da reforma (SOARES, 2018, p. 2).

Essa discussão de reduzir toda a linguagem tecnológica à informática, conforme pontuado por Soares, é algo que na prática não funciona bem nas escolas, uma vez que tanto os professores quanto os alunos devem estar unidos e conectados para haver essa troca de informação e até mesmo passar por um processo de capacitação e aperfeiçoamento, isso é o ensino remoto, diferente do que vem a ser educação a distância, assunto já explicado aqui.

Para Bottentuit Junior (2020), a interação é uma estratégia fundamental na sala de aula, pois promove situações de troca de experiências e conhecimentos. Ela poderá ser realizada por meio de uma metodologia específica ou com a utilização de artefatos tecnológicos, como softwares, sites, dispositivos móveis e aplicativos conectados à Internet.

Em relação à adoção de tecnologias na educação, ainda temos muitas barreiras a superar, entre elas a formação inicial e continuada dos professores, que, muitas vezes, deixa a desejar nos aspectos de instrumentalizar o professor para essas novas realidades, bem como a falta de infraestrutura de muitas escolas, a falta de políticas públicas que garantam acesso aos recursos, e, por fim, as desigualdades sociais que fazem com que muitos ainda não possuam os recursos necessários para a implementação na prática. (BOTTENTUIT JUNIOR, 2020, p. 2)

Ainda segundo o professor,

A promoção de experiências mais significativas em sala de aula é uma exigência nos dias atuais, uma vez que os alunos vão atuar em um mercado cada vez mais exigente e que necessita de profissionais polivalentes, com competências necessárias, entre elas: cultura digital, domínio dos recursos tecnológicos, facilidade em comunicação, colaboração, resolução de problemas, entre outros. (BOTTENTUIT JUNIOR, 2020, p. 3)

²² Artigo publicado por Ismar de Oliveira Soares, na Folha de São Paulo em 21/12/1998, com o título **A comunicação e o ensino médio**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/19.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Essa afirmativa nos faz pensar nas condições que os professores têm de conviver com o novo modo de se comunicar, e que é próprio das novas tecnologias que são inerentes à natureza das comunidades virtuais. Em outras palavras, já estão em pauta os atuais e vindouros paradigmas da educação em seu confronto ou até mesmo a sua associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor-instrutor nessa revolução tecnológica. Ou eles conseguem decifrar o que está ocorrendo e se preparam para assumir um papel de protagonistas no processo, ou serão substituídos por quem se disponha a servir ao sistema que está sendo implantado, ou seja, a polivalência apontada pelo professor Bottentuit, que virá junto à nova geração.

Aqui, faremos uma pausa nas análises do conceito de Educomunicação para falarmos sobre o nosso objeto de estudo, o Colégio de Aplicação da UFMA, local onde vamos abordar seu histórico e o ensino de filosofia.

2.2. Tecnologias na educação: um processo na evolução prática do conhecimento

Para entender o consumo das tecnologias na educação, antes de tudo, é necessário ter em mente que não de agora, por causa da pandemia, que a educação já utilizava tecnologia, pois é fato que, após março de 2020, esse consumo aumentou, mas, bem antes disso, já era utilizada, claro que de forma desigual nas escolas, economicamente falando, fato que não discutiremos neste momento.

Só para se ter uma ideia, em 1920, foi criada uma máquina que fazia perguntas (figura 4), como método de aprendizagem. Funcionava da seguinte maneira: o aluno recebia a pergunta e só avançava para a próxima se acertasse a pergunta atual, ou seja, é o que hoje conhecemos como *quizz*.

Podemos dizer que o discurso foi inovador e a busca por novas maneiras da tecnologia auxiliar a educação continuou em 1920, com o americano S. L. Presley criando uma máquina que fazia perguntas, e o aluno só seguia em frente se a resposta estivesse correta. Sua invenção fundou os princípios do ensino programado, que, em 1954, é parcialmente retomado por B. F. Skinner com sua máquina que focava no ensino individualizado permitindo a transmissão de conhecimento sem a intervenção direta do professor. Podemos dizer que a máquina de Skinner lançou os princípios para as primeiras experiências com o computador: individualizar o ensino e programá-lo (DONADEL e MAMAN, 2014, p. 7).

Em 1913, Thomas Edison afirmou que “os livros logo ficarão obsoletos nas escolas” e concluiu dizendo que “Nosso sistema escolar será completamente mudado nos próximos 10 anos”. É claro que esse processo não esteve completo nos 10 anos seguintes, como ele previu, mas é fato que, com o advento da internet, os livros estão cada vez menos sendo utilizados, ao mesmo tempo em que os computadores estão ganhando o espaço de ensinar tudo, trabalho antes

dados aos livros. Observa-se que a maioria das escolas ainda incentiva e adota o livro como método de ensino, mas que buscam alinhar seu uso à tecnologia.

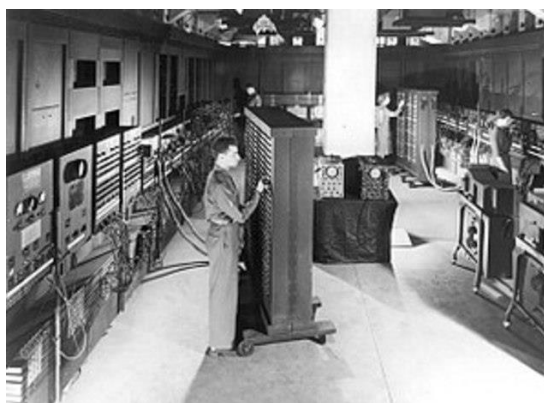
Figura 4 – Máquina que fazia perguntas



Fonte: [Timetoast](#). Acesso em 20 Out. 2021

No ano de 1946, vinte e seis anos após a criação da máquina que fazia perguntas, foi construído o Eniac — sigla, em inglês, para computador e integrador numérico eletrônico —, primeiro computador digital eletrônico, ocupando uma área de 93 metros quadrados, com altura de dois andares e 30 toneladas.

Figura 5 – Eniac: primeiro computador digital eletrônico



Fonte: Timetoast. Acesso em 20 de out. de 2021

Foi no ano de 1969 que surgiu a internet. Criada nos Estados Unidos, ela era chamada de Arpanet, com a função de conectar os laboratórios de pesquisa. Nesse ano, o primeiro e-mail foi enviado. Desde então, o sistema foi apenas se aprimorando.

Em 1971, surgiu o disquete, um dispositivo para armazenar informações e transferir para outros computadores. Logo em seguida, em 1978, nascia o Telecurso 2º Grau, um programa de televisão mantido pela Fundação Roberto Marinho e pelo sistema FIESP. Foi

quando iniciou o ensino mediado por tecnologias, o qual, nesse formato, eram teleaulas das últimas séries do ensino fundamental (antigo 1º grau, ou ginásio) e do ensino médio (2º grau, ou colégio), que eram acompanhadas de casa ou em telessalas.

Aperfeiçoando a tecnologia, com o surgimento do disquete, era necessário um dispositivo mais compacto, seguro e com mais capacidade. Foi então que surgiu, em 1998, o Pendrive ou, como também é conhecido no mundo digital, Memória USB Flash Drive.

A partir dos anos 2000, o crescimento da internet foi ainda mais rápido, com a popularização dos notebooks, na virada do milênio. Nessa época, a internet começou a ganhar espaço nas residências e nos ambientes de trabalho, sendo conhecida como o maior mecanismo para armazenamento de dados e de troca de informações.

Em 2005, nasceu o YouTube, um dos principais serviços da Google e um dos mais utilizados, principalmente durante a pandemia, após março de 2020. Já dois anos depois, em 2007, iniciou-se o processo de comunicação com troca de informações mais rápida e instantânea, surgiram, então, os smartphones e suas séries de aplicativos, para ter um controle na palma da mão, servindo, não só para se comunicar por voz, mas também, para se comunicar por dados, para ler, estudar e se comunicar com vídeo com pessoas que estivessem a quilômetros de distância.

No ano de 2012, não comum aqui no Brasil, surgiu o Nokia Life, um modelo de dispositivo móvel voltado para a área educacional. Hoje, já existem 50 milhões de usuários, porém é um sistema disponível apenas na Índia, China, Indonésia e Malásia. A adesão crescente faz a Nokia pensar em expandir seu serviço para outros países.

Agora mais recentemente, em 2014, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), estabelecida no Brasil em 19 de junho de 1964, declarou que as tecnologias móveis podem ampliar e enriquecer oportunidades educacionais para estudantes em diversos ambientes, fato esse que está notório agora na pandemia, quando a maior parte dos dispositivos eletrônicos conectados são celulares, o que corresponde a uma média de 177 milhões de usuários, o que equivale a 82% da população brasileira. Comparando-se esse quantitativo com o ano de 2017, o número chegava a 167 milhões.

Justamente nesse ano (2017), quando a internet e o uso das tecnologias já estavam no auge de seu aperfeiçoamento, as TICs na Educação, começaram a ganhar cada vez mais espaço: eram mais dispositivos conectados, mais dispositivos sendo utilizados, mais a necessidade de aplicá-los à educação, de utilizar essas ferramentas a favor do ensino e da aprendizagem, já que, nesse período após março de 2020, a internet tem sido a maior aliada de todos e o principal meio de comunicação.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) exercem um papel cada vez mais importante na forma de nos comunicarmos, aprendermos e vivermos. O desafio é equipar essas tecnologias efetivamente, de forma a atender aos interesses dos aprendizes e da grande comunidade de ensino e aprendizagem (UNESCO, s.d., p. s.p.).

Estima-se que, até 2023, sejam mais de 5,3 bilhões de pessoas conectadas no mundo, o equivalente a 66% da população mundial. No Brasil, o número de pessoas conectadas à internet será de 199,8 milhões em 2023, ou 92% da população estimada para o ano.

No Brasil, os dados sobre os dispositivos móveis acompanham a evolução mundial. Em 2023, 84% da população brasileira terá um dispositivo móvel, ou seja, 181,1 milhões de pessoas. Em 2018, eram 169,7 milhões. As conexões móveis também darão um salto, indo de 242,7 milhões (2018) para 334 milhões. O mesmo acontecerá com a velocidade média da conexão móvel, que sairá de 8,9 Mbps (2018) para 41,1 Mbps, ou 4,6 vezes mais rápida (BUTCHER, 2020)²³.

Percebe-se, claramente, o crescimento exponencial do acesso dos brasileiros à internet, liderando o maior uso registrado em março de 2021, na América do Sul.

Tabela 1 - Estatísticas de Uso da Internet e População na América do Sul (31 de março de 2021)

Internet Usage and Population Statistics for South America March 31, 2021						
SOUTH AMERICA	Population (2021 Est.)	% Pop. Table	Internet Usage, 31-Mar-2021	% Population (Penetration)	% Users Table	Facebook 31-Mar-2021
Argentina	45,605,826	10.5 %	41,586,960	91.2 %	12.2 %	35,580,000
Bolivia	11,832,940	2.7 %	8,817,749	74.5 %	2.6 %	8,285,000
Brazil	213,993,437	49.3 %	160,010,801	74.8 %	46.8 %	151,300,000
Chile	19,212,361	4.4 %	17,671,345	92.0 %	5.2 %	15,660,000
Colombia	51,265,844	11.8 %	38,490,000	75.1 %	11.2 %	38,490,000
Ecuador	17,888,475	4.1 %	14,340,687	80.2 %	4.2 %	14,240,000
Falkland Islands	3,533	0.0 %	3,400	96.2 %	0.0 %	3,400
French Guiana	306,448	0.1 %	152,100	49.6 %	0.0 %	152,100
Guyana	790,326	0.2 %	519,600	65.7 %	0.2 %	519,600
Paraguay	7,219,638	1.7 %	6,177,748	85.6 %	1.8 %	4,296,000
Peru	33,359,418	7.7 %	27,330,000	81.9 %	8.0 %	27,330,000
Suriname	591,800	0.1 %	389,600	65.8 %	0.1 %	389,600
Uruguay	3,485,151	0.8 %	3,059,727	87.8 %	0.9 %	2,836,000
Venezuela	28,704,954	6.6 %	23,601,504	82.2 %	6.9 %	13,810,000
TOTAL SOUTH AMERICA	434,260,151	100.0 %	342,151,422	78.8 %	100.0 %	312,911,700

NOTES: (1) The South America Statistics were updated for March 31, 2021. (2) CLICK on each country name for detailed individual country and regional statistic data. (3) The demographic (population) numbers are based on figures and data from the United Nations Population Division. (4) Mexico is included together with the Central American countries according to the United Nations Statistical Division listings. (5) The most recent Internet usage information comes mainly from the data published by Nielsen Online, ITU, Facebook and other reliable local sources. (6) For definitions and help, please see the site www.internetworldstats.com. (7) Data may be cited, giving the due credit and establishing an active link back to www.internetworldstats.com. Miniwatts Marketing Group. Copyright © 2021. All rights reserved worldwide.

Fonte: [Internet World Stats](http://www.internetworldstats.com). Acesso em 16 de out. de 2021

Para 2023, segundo a Cisco²⁴, a estimativa é que 66% da população mundial estará conectada à Internet, e que esse número amplie ainda mais com a chegada do 5G, ainda em

²³ Citação retirada do site Mobile Time 10 anos. Disponível em: <
<https://www.mobiletime.com.br/noticias/18/02/2020/ate-2023-53-bilhoes-de-pessoas-estara-conectadas-a-internet-diz-cisco/>>. Acesso: 18 fev. 2020

²⁴ A Cisco Systems, Inc. é uma empresa estadunidense transnacional que oferece soluções para redes e comunicações. A Cisco é a líder mundial em tecnologia, que faz a Internet funcionar desde 1984. A empresa ajuda a sociedade a se conectar com segurança e aproveitar hoje as oportunidades digitais de amanhã. Disponível em <https://www.facebook.com/cisco/>. Acesso em: 16 out 2021.

2022. Já no Brasil, segundo o site Mobile Time²⁵, os dados sobre os dispositivos móveis acompanham a evolução mundial.

Em 2023, 84% da população brasileira terá um dispositivo móvel, ou seja, 181,1 milhões de pessoas. Em 2018, eram 169,7 milhões. As conexões móveis também darão um salto, indo de 242,7 milhões (2018) para 334 milhões. O mesmo acontecerá com a velocidade média da conexão móvel, que sairá de 8,9 Mbps (2018) para 41,1 Mbps, ou 4,6 vezes mais rápida. (BUTCHER, 2020, p. s.p.)

Analisando essas previsões e estatísticas, percebemos que o impulsionamento da internet, sua evolução e o surgimento de tecnologias mais rápidas contribuirão para a permanência do modelo de ensino remoto e/ou híbrido, que já vem sendo empregado nas escolas e universidades. Um modelo que começou a ser notado, após março de 2020 e tem permanecido, até hoje, em diversas instituições de ensino da rede pública ou privada.

Essa nova realidade transforma não apenas os modelos de aprendizagem na educação, mas a forma de preparar os sujeitos para a sociedade, para o mercado de trabalho e aprendizado contínuo, pois as práticas sociais, as relações de trabalho e as demandas de formação profissional mudam rapidamente. (HERARTH e WUNSCH, 2020, p. 24)

É viver e conviver em uma sociedade mais conectada, como já analisado por Castells (1999), na obra “Sociedade em Rede”, que traz significativas mudanças e necessidades de adequações nos mais diversos contextos formais ou informais, como na educação, no ambiente corporativo, social e acadêmico.

²⁵ Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/18/02/2020/ate-2023-53-bilhoes-de-pessoas-estarao-conectadas-a-internet-diz-cisco/>. Acesso em: 16 out 2021.

CAPÍTULO II

3. HISTÓRICO DO COLUN

Para apresentar o histórico do Colun, utilizamos, como fonte de pesquisa, o site da própria escola, utilizando o texto, na íntegra, elaborado pela direção, a fim de não cometermos equívocos de informação.

O Colégio de Aplicação e Escola Técnica da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Colégio Universitário (COLUN), foi criado por meio da Resolução nº 42, de 20 de maio de 1968, pelo Conselho Diretor da Fundação Universidade do Maranhão.

O COLUN funciona como uma Instituição de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, que oferece Ensino Fundamental (Anos Finais), Ensino Médio Regular (1º ao 3º Ano), Ensino Médio e Técnico Integrado (Cursos de Administração e Meio Ambiente) e Curso Técnico Subsequente (Enfermagem).

Na estrutura organizacional da UFMA, o Colégio Universitário é uma unidade de ensino ligada à Pró-reitoria de Ensino, que confere autonomia de gestão à escola, viabilizando a qualidade do ensino ofertado, a qual já é reconhecida pelos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O COLUN iniciou suas atividades no Palácio Cristo Rei com o objetivo de contribuir para a preparação de seus discentes para o seu ingresso nos estabelecimentos de ensino superior e oferecer o ensino diversificado da terceira série do segundo grau, nas áreas de saúde, humanística e tecnológica (orientação profissional).

Com a reforma do seu regimento interno, em 1972, o COLUN passou a oferecer o ensino regular para os três anos do segundo grau e se tornou campo de estágio para experimentação e aplicação dos Cursos de Pedagogia e Licenciaturas da UFMA.

A primeira transferência do colégio ocorreu em 1974, tendo funcionado no Centro de Estudos Básicos (“CEB Velho”) e nos prédios “Pombal” e “Pimentão”, no Câmpus do Bacanga.

É importante destacar que, por meio do parecer nº 98/77, processo nº 328, de 18/03/77, foi solicitada a autorização de funcionamento dos cursos técnicos, em nível de segundo grau, com as habilitações profissionais de assistente de administração, secretariado e estatística.

Em 1980, por meio do convênio entre a UFMA e a Secretaria de Estado da Educação, o COLUN transferiu-se para o bairro da Vila Palmeira. Com uma ampla estrutura, passou a funcionar em dois prédios contíguos, sendo um para o 1º grau e outro para o 2º grau. Após

certo período de funcionamento, uma das novidades apresentadas pelo Colégio Universitário foi possibilitar a iniciação do trabalho no núcleo de produção, por meio das suas oficinas de marcenaria, jardinagem, técnicas agrícolas, serralheria, serigrafia e educação para o lar. Nesse contexto, foram introduzidas as habilitações básicas em Administração, Construção Civil, Eletricidade, Mecânica, Saúde e o Curso de Magistério, bem como a formação especial (preparação para o trabalho no 1º grau). Houve, também, a implementação de atividades culturais, desenvolvidas por meio de projetos, tais como: Capoeira, Ginástica Rítmica, Banda e Coral — os quais não visavam somente ao aspecto lúdico e artístico, mas ao educativo, também.

No final da década de 1980, as políticas de austeridade fiscal e a consequente falta de verbas para as universidades federais contribuíram para o aprofundamento dos problemas estruturais do Colégio Universitário e, infelizmente, o prédio na Vila Palmeira foi se deteriorando progressivamente. Surgiu, então, o projeto de uma nova migração para o câmpus da UFMA, no Bacanga, a qual foi iniciada em 2006.

Atualmente, o Colégio Universitário está localizado na Cidade Universitária Dom Delgado e conta com salas climatizadas, laboratórios, auditório, biblioteca, quadra de esportes e sala de recursos multifuncionais, entre outros ambientes educacionais.

Figura 6 – Fachada do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão



Fonte: Acervo UFMA

A partir de 2002, conforme o parecer CNE-CEB nº16/99, que trata das diretrizes curriculares da educação profissional de nível técnico, o COLUN passou a ofertar três cursos técnicos.

O Curso Técnico em Administração, com mais de 20 anos de experiência, desde a sua implantação como habilitação, já formou centenas de profissionais e oferece uma visão holística das

organizações, além de conhecimentos específicos nas áreas de planejamento, organização, direção e controle. Os técnicos em Administração atuam na área organizacional, seja em empresas privadas ou públicas, ONGs ou podem, ainda, iniciar seu próprio negócio na qualidade de empreendedores.

O Curso Técnico em Meio Ambiente objetiva capacitar técnicos com conhecimento sobre a questão ambiental e que possam trabalhar de forma consciente para o desenvolvimento sustentável do Estado do Maranhão. Os principais campos de atuação do técnico em Meio Ambiente são as empresas de extração e transformação, empresas de geração de energia, órgãos públicos, empresas privadas e secretarias de meio ambiente.

O Curso Técnico em Enfermagem busca instrumentalizar o indivíduo para atuar no modelo de saúde centrado na tecnologia e na intervenção da situação-problema instalada, como, também, viabilizar o cuidado de enfermagem como um direito cidadão fundamentado em um profundo respeito ao ser humano. O curso propõe a formação profissional do técnico de enfermagem voltada ao atendimento das necessidades de saúde de paciente/cliente/comunidade nas diferentes fases do seu ciclo vital, bem como comprometida com a proteção e promoção da vida.

O Colun possui, atualmente, 726 estudantes, 83 professores e, só na área de Filosofia, apenas 3, para atender a toda a demanda da escola.

4. O ATO DE COMUNICAR PARA APRENDER: EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA FILOSOFIA MEDIADA POR TECNOLOGIAS

Há dois pontos que precisam ser estudados e avaliados na atualidade, por causa da transformação tecnológica aguçada e com mudanças variantes pelas quais a sociedade passa a cada instante. Até chegar ao que hoje conhecemos por “Educomunicação”, esse conceito passou por inúmeras evoluções, desde a criação do rádio, que tinha o poder de ensinar, de educar, por meios das ondas radiofônicas, até o termo conhecido por modernização, tema que ficou conhecido em plena década de 80, de forma que, na seguinte, foi surgindo aos poucos a Educomunicação, um período fortalecedor pela onda de novas e transformantes tecnologias interativas que iam nascendo junto ao seu conceito.

Tecnologia educacional é para todos? Segundo a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (1981), a tecnologia educacional representa uma opção filosófica de atuação no sistema educacional, e tem por finalidade a renovação da educação por meio do desenvolvimento de um processo educativo de qualidade.

A tecnologia educacional desenvolve-se como campo de estudo e disciplina acadêmica, principalmente a partir da década de 40 do século XX, nos Estados Unidos. Uma das primeiras experiências realizadas nessa área é a utilização de instrumentos audiovisuais em cursos para formação de especialistas militares durante a Segunda Grande Guerra. Seu campo de estudo se organiza baseada em experiências ligadas a instituições de ensino superior (PONS, 1998, s/p).

Para Juan de Pablo Pons (1994),

a tecnologia educacional tem como caráter uma maneira sistemática de elaborar o processo de aprendizagem a fim de atingir objetivos específicos, que vêm a ser a aprendizagem e a comunicação humana, empregando uma combinação de recursos humanos e materiais para conseguir uma aprendizagem mais afetiva (PONS, 1994, p. s.p.)

Os meios de comunicação de massa, em decorrência da pandemia, estão cada vez mais imersos no dia a dia de cada um. Basta analisarmos o nosso agir, o nosso fazer e o nosso pensar. Percebemos isso no uso excessivo de computadores, *tablets* e celulares que estão sendo utilizados praticamente 24 horas por dia, e então paremos para pensar em sua evolução.

Em meados do século XVIII, para enviar uma mensagem, era utilizado o telégrafo²⁶, a carta, depois surgiu o fax, que encurtou por alguns anos essa comunicação, e, atualmente, o meio de comunicação que tem sido mais utilizado são e-mails e mensageiros instantâneos. Se no dia a dia as coisas foram se transformando, por que não mudar também nas escolas?

Como já foi dito, especificamente nas aulas de Filosofia, essa análise será voltada para os educadores que lecionam a disciplina no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão (Colun-UFMA). Mas, antes, precisamos entender sobre o ensino de Filosofia, como as aulas têm sido administradas neste tempo pandêmico, em relação ao uso das tecnologias.

Anterior a esse processo, as atividades escolares eram presenciais e muitas vezes, não passavam por fortes influências tecnológicas, a não ser pela utilização do que é básico em uma sala de aula, o *datashow* e recursos audiovisuais.

O isolamento social, os trabalhos em casa (*home office*), a mediação pela utilização das tecnologias (aulas on-line) têm levado os professores a buscarem formas de lidar com essa situação singular.

²⁶ Meio de comunicação de escrita a distância. O engenheiro francês Claude Chappe foi o primeiro a utilizar o termo "telégrafo", em 1790. Nesse ano, Chappe construiu uma ferramenta capaz de enviar letras e frases por meio de um sistema óptico.

É preciso, portanto, preparar e mediar as aulas com as tecnologias, utilizando-se de aplicativos, além de recursos de imagens, áudios e vídeos.

As máquinas a vapor escravizaram os operários das indústrias têxteis do século XIX, enquanto os computadores pessoais aumentaram a capacidade de agir e de comunicar dos indivíduos durante os anos 80 de nosso século. (...) Por exemplo, será legítimo colocar no mesmo plano a energia nuclear e a eletrônica? A primeira leva em geral as organizações centralizadas, controladas por especialistas, que impõe normas de segurança bastante estritas, requer escolhas a prazo muito longo etc. Por outro lado, a eletrônica, muito mais versátil, serve tão bem a organizações piramidais quanto à distribuição mais ampla do poder, obedece a ciclos tecnoeconômicos muito menores etc. (LÉVY, 1999, p. 21).

Nessa passagem, Lévy destaca que a tecnologia está em constante mutação, nunca linear e estática. É preciso, portanto, acompanhar sua evolução. Todas as mudanças trazem consigo consequências tanto positivas quanto negativas. No caso das positivas, gira em torno da rapidez em resolver as coisas, a linha temporal de resolução e solução é mais curta, enquanto, no caso das negativas, há uma grande questão: quem não se adapta a esse “novo normal” pode estar isolado e até ser substituído por uma máquina.

Mas, e no caso do ensino da filosofia? Como se dá esse processo? Antes do efeito pandemia, a utilização das tecnologias nessa área, não era tão eficaz em sala de aula, e agora, após março de 2020, início do período da pandemia, esse uso massivo potencializou-se, logo os professores tiveram que se adequar a essa nova maneira de lecionar, por trás de uma rede imaginária, sem contato direto com o aluno.

Demerval Saviani explica que, para ensinar filosofia, é necessário ter conhecimento de algumas características.

Com efeito, a filosofia é realmente uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta, entretanto ela não é qualquer tipo de reflexão. Para que uma reflexão possa ser adjetivada de filosófica, é preciso que se satisfaça uma série de exigências que vou resumir em apenas três requisitos: a radicalidade, o rigor e a globalidade. Quero dizer, em suma, que a reflexão filosófica, para ser tal, deve ser radical, rigorosa e de conjunto.

Radical: Em primeiro lugar, exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida a palavra radical no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, é preciso que se vá até as raízes da questão, até seus Fundamentos. Em outras palavras, exige-se que se opere uma reflexão em profundidade.

Rigorosa: Em segundo lugar e como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, sistematicamente, segundo métodos determinados, colocando-se em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas que a ciência pode ensejar.

De conjunto: Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial, mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido. É nesse ponto que a filosofia se distingue da ciência de um modo mais marcante. Com efeito, ao

contrário da ciência, a filosofia não tem objeto determinado; ela dirige-se a qualquer aspecto da realidade, desde que seja problemático; seu campo de ação é o problema, esteja onde estiver. Melhor dizendo, seu campo de ação é o problema enquanto não se sabe ainda onde ele está; por isso se diz que filosofia é busca. E é nesse sentido também que se pode dizer que a filosofia abre caminho para a ciência; por meio da reflexão, ela localiza o problema tornando possível a sua delimitação na área de tal ou qual ciência que pode então analisá-lo e, quiçá, solucioná-lo. Além disso, enquanto a ciência isola o seu aspecto do contexto e o analisa separadamente, a filosofia, embora dirigindo-se, às vezes, apenas a uma parcela da realidade, insere-a no contexto e a examina em função do conjunto (SAVIANI, 1996, p. 16).

A Filosofia é para raciocinar de forma consciente, é para usar a razão, com base nos argumentos. Por isso, uma reflexão filosófica precisa ser radical; precisa do rigor, porque a filosofia não é ciência, mas tem um modo específico e um método de agir, portanto precisa de uma rigorosidade, ou seja, a linguagem do filósofo, que é particular e precisa ser global. A filosofia não age sozinha, por não ter um único objeto, como a ciência, por exemplo, então, se ela não tem um único objeto, significa que ela é aliada a outros ramos do conhecimento, seja à sociedade, ao direito, à religião, enfim, absolutamente a todos os outros conhecimentos, o que a faz ser de conjunto, e a filosofia não vê as coisas a partir de um único plano, ela tenta sempre relacionar com os outros ramos do conhecimento.

O que mais vemos, nessa pandemia, são professores utilizando-se da tecnologia para promoção filosófica, mas, na verdade, a filosofia não é para ser exposta, ela é para ser ensinada em como pensar sobre ela.

A Filosofia da Educação só poderá prestar um serviço à formação dos educadores na medida em que contribuir para que os educadores adotem esta postura reflexiva para com a problemática educacional. Se, ao contrário, nós, como educadores, nos limitarmos a tomar conhecimento de determinados resultados a que se chegou baseados em determinadas reflexões, então não estaremos desenvolvendo a reflexão filosófica propriamente dita, vale dizer, estaremos abdicando da tarefa própria da filosofia (SAVIANI, 1996, p. 28).

Verifica-se, portanto, que, ao trabalhar com o ensino de filosofia, e, principalmente neste momento de pandemia, em que as tecnologias digitais estão presentes no dia a dia tanto do docente quanto do aluno, o professor, na condição de filósofo, tem passado por desafios em diferentes formas, ao contrário daquilo que ele vivia antes da pandemia. Não quer dizer que não havia desafios, pelo contrário, eles sempre existirão, mas, agora, no momento em que é preciso se reinventar, o pensar, o agir e a criatividade devem estar cada vez mais aguçados, principalmente no contexto da educação. Com a utilização dessas ferramentas tecnológicas, especialmente na educação, percebem-se caminhos que levam o docente a aplicar um determinado assunto mais facilmente, enquanto, em outros, pode haver limites na

compreensão por parte do aluno, por ambos não estarem habituados à utilização das ferramentas no ambiente escolar.

Assim, nos dias atuais, em que temos diversos recursos tecnológicos à nossa disposição, urge utilizá-los para provocar o pensamento dos nossos interlocutores que, de forma mais direta, são nossos alunos de filosofia no ensino médio. Os professores de filosofia são convidados a problematizar filosoficamente a utilização das novas tecnologias em aulas de filosofia (MENDES, GABRIEL e ARAÚJO, 2020).

Se antes a tecnologia já estava no caminho de transformar a sociedade e mudar a forma de vida das pessoas, com a pandemia, esse processo acelerou-se, alterando os modos de as pessoas se relacionarem e de se comunicarem. Ter a expertise de utilizar as tecnologias na educação, especificamente na filosofia, é conectar-se às mudanças advindas pelo tempo presente, ou seja, é necessário estar cada vez mais ligado à rede mundial de computadores, utilizando-se do acesso e uso dos recursos tecnológicos que são oferecidos para a educação.

O processo de democratização das tecnologias, nos últimos anos, tem representado um grande impulso para a Educomunicação. Num primeiro momento, graças ao incentivo ao uso individual das várias tecnologias, num intuito visivelmente comercial, nos tornamos mais do que seus beneficiários, seus consumidores fascinados, o que nos leva à crescente necessidade de comprar e de conhecer o funcionamento dos vários equipamentos disponíveis, para seu manuseio mais eficiente (tecnoinformação) (ANDRADE, 2019, p. 224).

Nessa questão, as tecnologias vão além de um simples objeto para consumo, no ensino, ela se torna um principal aliado do docente, principalmente em situações atuais, como a pandemia, que tem se mostrável favorável à sua utilização, ainda mais quando o assunto é o ensino de Filosofia. Assim, o uso da internet e dos meios de comunicação se unem às práticas educacionais.

Essas práticas podem contribuir para a formação filosófica dos estudantes de Ensino Médio. Para exemplificar essa formação, citam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), de 2000, e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas tecnologias – conhecimentos de Filosofia, de 2006. Nesses documentos, existem as competências que devem ser desenvolvidas pelos estudantes do Ensino Médio, e uma delas refere-se às práticas pedagógicas de filosofia para “ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros” (BRASIL, 2006, p. 33), a exemplo da literatura, das imagens, dos vídeos, das notícias, reportagens, crônicas, dos artigos de opinião, das propagandas, tirinhas e das entrevistas.

As práticas educacionais podem tornar as aulas de Filosofia mais dinâmicas, ao permitirem o direcionamento do olhar filosófico para textos produzidos sem

propósito filosófico explícito, mas que são capazes de dialogarem diretamente com a realidade dos jovens. (ANDRADE, 2019, p. 226)

Segundo o PCNEM (2000), esse olhar filosófico citado por Andrade (2019) diz respeito a um olhar “analítico, investigativo, questionador, reflexivo, que possa contribuir para uma compreensão mais profunda da produção textual específica que tem sob as vistas” (BRASIL, 2000, p. 54). As práticas educacionais podem fazer essa mediação, dando oportunidades para os estudantes tornarem-se sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.

4.1. Relação professor-aluno

Em uma sala de aula, existe uma relação de grande importância para o estudante: aquela criada com o professor/educador. Quando há um bom relacionamento em sala de aula, a relação ensino-aprendizado é mais eficiente, contribuindo para uma participação mais ativa, com dinamismo e interatividade nas aulas.

Na aprendizagem, há troca de experiências, informações e conhecimentos. Esse tripé é formado quando se conserva uma relação positiva, o que MANTÉM A MOTIVAÇÃO EM SALA.

A relação professor-aluno é uma via de mão dupla, ela deve ser pautada na confiança, afetividade e no respeito. A função do professor é orientar o aluno para que ele tenha conhecimento crítico, e o ponto principal dessa relação é o ensino-aprendizagem, em que não deve haver apenas o emissor, e, sim, uma troca de mensagens entre emissor-receptor, levando em consideração o conteúdo afetivo e emocional, o qual facilita o processo de aprendizagem.

Segundo Nisto Libâneo,

Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender a um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula. (LIBÂNEO, 1994, p. 251)

Para Silva e Mamedio (2016)

É certo que a afetividade influencia no processo de aprendizagem, pois, em momentos de brincadeiras, os alunos tendem a se aproximar do professor trocando ideias e opiniões que facilitam a convivência no dia a dia, ou seja, a relação dos dois baseada na afetividade gera uma convicção produtiva que ajuda o professor e auxilia

na construção do conhecimento tornando a interação entre ele menos conflitante e de certa forma com mais aprendizado. (SILVA e MAMEDIO, 2016, p. 4)

Com o contato mediado pelas telas digitais, essa convivência e afetividade reduziram-se, e o contato com os alunos tem sido via redes sociais, e-mails, plataformas de trocas de mensagens e de organização de sala de aula virtual, entre outras ferramentas que têm surgido constantemente para esse universo educacional. Diálogos sobre a rotina diária dos estudantes sempre ocorreram em sala de aula presencial, onde havia aquele contato e aquela sinergia, mas, com a migração para a sala de aula virtual, esse contato foi diminuindo.

Para que a sala de aula virtual seja local de aprendizagens, é necessário que tanto o professor quanto o aluno estejam presentes, atuantes e participativos, formando o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Libâneo (2007, p. 309), “o grande objetivo das escolas é a aprendizagem dos alunos, e a organização escolar necessária é a que leva a melhorar a qualidade dessa aprendizagem”.

Esse desafio tem sido ampliado logo que a pandemia assolou a sociedade, mudando, inclusive, a forma de relacionamento entre o professor e o aluno.

Ao se pensar o professor como sendo o principal ator no processo ensino-aprendizagem, em que procura fazer uso das tecnologias investigando e buscando caminhos que transformem a maneira de se apresentarem os conteúdos, por meio da diversidade e inovação na sala de aula, ele assume o papel de facilitador da construção do conhecimento pelo aluno, e não um mero transmissor de informações. (PEREIRA, s.d., p. 12)

Com isso, percebemos que a sociedade está em vias de midiaticização e que precisamos entender como enfrentar as novas condições sociais de produção da informação. É, portanto, necessário que haja uma educação midiática, ou seja, que possamos trazer a mídia para dentro da sala de aula, que passa a identificar condições e conhecimentos para a análise dessa mídia, no entanto a Educomunicação agrega a essa perspectiva teórica e metodológica a possibilidade de mergulhar na comunicação, passando a uma condição de sucesso para integrar a comunicação no cotidiano das escolas.

A Educomunicação é, então, uma maneira orientadora para que a escola possa avançar no seu trabalho, sendo um paradigma que orienta a implementação de processos e produtos destinados ao fortalecimento dos ecossistemas comunicativos²⁷ abertos, voltados à cidadania plena e à transformação social.

²⁷ Essa expressão diz respeito à relação que nós temos ao nosso redor. Esses ecossistemas são os espaços físicos em que estamos com as tecnologias ao redor dele, onde vivemos e onde nos relacionamos. Os ecossistemas são gerados pelo fluxo das pessoas, pelos espaços em que estamos.

A comunicação faz parte de um ecossistema, existem os que falam e os que escutam, existem os que produzem informação e os que recebem a informação, onde as pessoas estão dialogando entre si, no caso aqui específico, o professor dialogando com o aluno.

Nesta relação professor-aluno, a Educomunicação chega para orientar a orientação de processos e produtos destinados a fortalecer essa relação, e, em seu conceito amplo, a Educomunicação reafirma que a escola é um ecossistema. Os professores, os alunos, a gestão, e os demais que integram uma escola fazem parte de uma conexão.

A Educomunicação incentiva que esse ecossistema seja aberto, democrático, participativo, e que todos os atores do processo estejam voltados para a transformação social, possibilitando que o aluno seja colocado no centro do processo de ensino, o qual permite que ele se torne um agente ativo da própria aprendizagem, contribuindo para a melhor qualidade no ensino.

Esse processo transforma o ato de ensinar tradicional para um espaço descontraído, inovador e mais interessante para os alunos, a exemplo, estimulando o estudante a produzir uma revista digital, um blog, um jornal on-line, uma rádio on-line. Aqui, neste trabalho, o foco do estudo são estudantes do Colégio Universitário da UFMA, na disciplina de filosofia, e esses exemplos se tornariam sistemas educacionais para desenvolver práticas eficazes para o ensino-aprendizagem, sem perder de vista os objetivos de formação do estudante.

Essas ferramentas que serão apresentadas e que envolvem a comunicação e a tecnologia poderão ser utilizadas como apoio ao ensino. Ainda há muitas barreiras a superar, entre elas o domínio do uso da ferramenta, tanto por parte do professor quanto do aluno, a escolha das ferramentas adequadas e a elaboração de um planejamento educacional para o ensino da Filosofia, além da dificuldade de acesso à internet, de equipamentos compatíveis com os softwares e plataformas tecnológicas, e, por fim, a desigualdade social que enseja que docentes e discentes não possuam os recursos necessários para a implementação na prática.

Para entender o cenário atual dos professores que lecionam Filosofia, elaboramos um questionário estruturado, com perguntas de múltipla escolha e com perguntas abertas, por meio do *Google Forms*, cujo modelo estará disponível no Apêndice A deste trabalho.

O questionário foi aplicado a três representantes: um, representando o Colégio Universitário (objeto de estudo deste trabalho); outro, representando o Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão; e o outro, representando o curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, Câmpus de Pinheiro, localizado na Baixada Maranhense. Para manter a integridade da pesquisa e o anonimato, as identidades dos

entrevistados não serão reveladas, sendo, portanto, substituídas pelos setores os quais representam.

As análises realizadas no questionário evidenciam que os professores que lecionam Filosofia, por unanimidade, responderam que, durante sua graduação, não tiveram ou participaram de nenhuma atividade relacionada à tecnologia para aperfeiçoamento sobre o uso e aplicação delas em sala de aula.

Da mesma forma, também foi questionado se, desde a época de suas graduações, existia disciplina relacionada à tecnologia. Para essa questão, a resposta também foi unânime.

Ao analisar esses dados, verificamos que, por mais antiga que seja a tecnologia, ela era pouco explorada, principalmente no meio educacional, por mais que trouxesse diversos benefícios, como envolvimento, interesse e participação do aluno, desenvolvimento da criatividade e contato com diversas culturas.

Hoje, pós-março de 2020, o cenário encontra-se diferente. Os professores que há 20 ou 30 anos não exploraram as tecnologias, hoje, com os seus avanços, se veem ligados a elas, tendo que operá-las diariamente e até quase 24 horas.

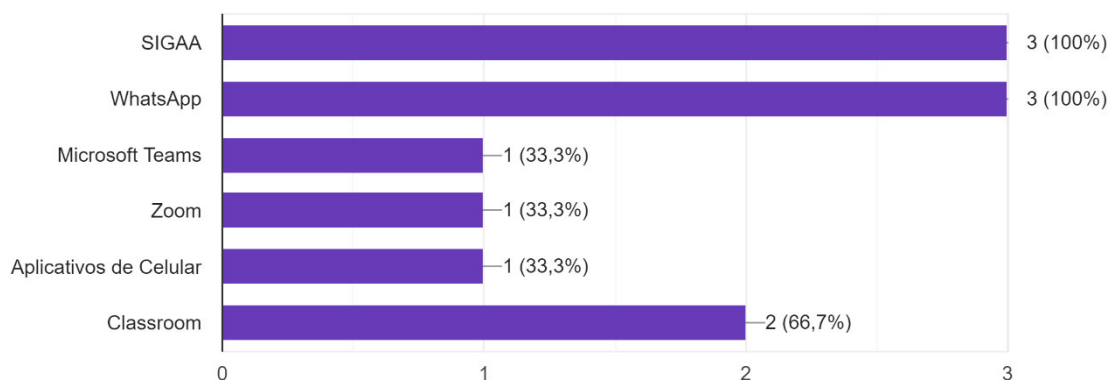
As linguagens de programação evoluíram, tornaram-se dinâmicas e, na pandemia, evoluíram ainda mais e em passos largos. Ferramentas que já existiam, mas que eram pouco utilizadas, hoje estão cada vez mais próximo dos professores. Trazendo para a UFMA, cita-se o Sistema Integrado de Atividades Acadêmicas (SIGAA), WhatsApp, Microsoft Teams, Zoom, Aplicativos de Celular, Google Meet, Google Classroom, entre muitas outras ferramentas que seria praticamente impossível citar, já que são várias e que surgem quase que constantemente.

No gráfico 1, apresentamos as ferramentas mais utilizadas em sala de aula pelos docentes pesquisados. Os resultados não trazem informações apenas deles, como docentes, e, sim, deles como coordenadores que são, os quais mostram os reflexos dos professores, na Universidade, que lecionam Filosofia, seja no ensino médio, seja na graduação.

Gráfico 1 – Quais tecnologias são utilizadas em sala de aula

Quais tecnologias, para além do Google Meet, são utilizadas ou o Google Meet é a única ferramenta utilizada?

3 respostas



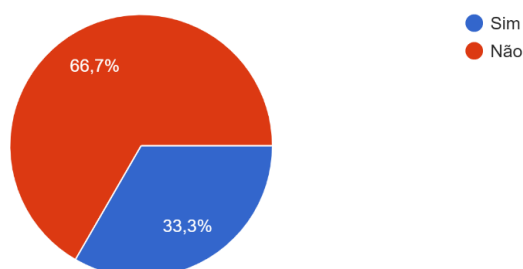
Apesar dos diversos benefícios da tecnologia em sala de aula, as instituições de ensino encontram desafios como o medo do novo, do inesperado. Essa realidade pode ser aprimorada com a capacitação dos educadores para a importância da tecnologia e sobre o seu uso para potencializar o ensino e dinamizar a aula, mantendo a relação ensino-aprendizagem.

Em um dos questionários, houve a necessidade de saber sobre o aperfeiçoamento do uso das tecnologias, ou seja, se em algum momento eles participaram de treinamentos para manusear essas ferramentas e produzirem conteúdo para a sala de aula. A resposta está descrita a seguir.

Gráfico 2 – Curso de aperfeiçoamento para uso das tecnologias

Foi ofertado algum curso para aperfeiçoamento do uso das tecnologias?

3 respostas



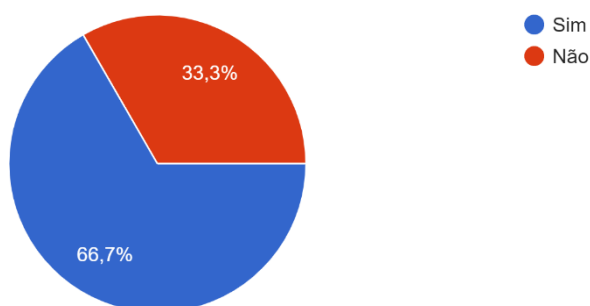
Percebe-se que não há, ainda, aptidão suficiente para acesso às ferramentas tecnológicas, seja pelas condições de trabalho, seja pela falta de estrutura, de acesso à internet ou outros motivos. Mesmo assim, para potencializar seu uso, em 2020, a Universidade

Federal do Maranhão promoveu diversos webinários²⁸, por meio da Diretoria de Tecnologia da Educação (DTED)²⁹, a fim de orientar e auxiliar os professores em relação ao uso das ferramentas tecnológicas, uma vez que, para muitos docentes, seria algo inovador e até difícil para ser aplicado em sala de aula.

No ato da pesquisa, também perguntamos aos professores se eles percebiam resistência às mudanças para o uso das tecnologias no ensino de Filosofia. Dois dos pesquisados responderam que sim, conforme apresentado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Resistências às mudanças para o uso das tecnologias

Você percebe que há resistência às mudanças para o uso das tecnologias no ensino de Filosofia?
3 respostas



Para eles, essa resistência deve-se a muitos docentes que têm dificuldades com o uso de tecnologias (em geral) ou que se opõem a esse uso por outros motivos, e pelo fato de as gerações mais velhas oferecerem resistência em razão de carência de formação para as novas tecnologias.

Nesse contexto, perguntamos, então, quais os benefícios que eles percebem no uso da tecnologia voltado para a Filosofia.

²⁸ Também conhecido como Webinar, é uma videoconferência utilizada para fins comerciais ou educacionais, transmitida on-line com hora marcada, ao vivo ou gravada, que tem por objetivo educar um público-alvo sobre um tema. A palavra é uma abreviação para “web-based seminar”, que, em uma tradução livre, significa seminário realizado na internet. (Fonte: Educa mais Brasil, disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/webinario-o-que-e-e-como-funciona-o-seminario-online> Acesso em: 15 Dez. 2021)

²⁹ Órgão auxiliar, com status de superintendência, responsável por promover, institucionalmente, o desenvolvimento e a implantação de políticas e ações relacionadas ao ensino a distância, assim como o aperfeiçoamento pedagógico por meio de tecnologias da informação e comunicação. (Fonte: DTED, disponível em <https://portalpadrao.ufma.br/dted/conhecendo-a-dted/a-dted> Acesso em: 15 dez. 2021)

Entrevistado 1 – Agilidade e interatividade.

Entrevistado 2 - Acesso independente de distância geográfica, produção de audiovisual para assistir e/ou rever aulas em qualquer momento, agilidade para uso de slides durante as aulas.

Entrevistado 3 - Mais acesso às informações, ampliaram-se as possibilidades de pesquisa e acesso ao texto e material bibliográfico.

Buscamos entender os prejuízos que essas tecnologias poderiam trazer ao ensino de Filosofia.

Entrevistado 1 - Ausência de problematização crítica

Entrevistado 2 - Exaustão mental e emocional maior do que no ensino presencial, ausência de interação social (que é parte essencial do aprendizado, da motivação psicológica e dos contatos profissionais para estágios, grupos, orientações, etc.), maior evasão.

Entrevistado 3 - Não vejo prejuízos

Em tudo sempre há vantagens e desvantagens, e, nesse aspecto, os pontos negativos do uso da tecnologia em sala de aula que mais têm preocupado os professores são pouco contato com o mundo físico, visto que a tecnologia em sala de aula contribui para o isolamento das relações físicas; falta de infraestrutura, logo é preciso preparar o ambiente com instalação da rede elétrica e de internet para receber computadores, lousas interativas, entre outros recursos; e a falta de formação do professor, já que muitos têm receio de como usar a tecnologia em sala de aula.

Essas questões podem ser analisadas nos principais desafios que os professores pesquisadores avaliaram sobre o uso das tecnologias no ensino de Filosofia.

Entrevistado 1 - Conjugação pesquisa filosófica e uso da tecnologia.

Entrevistado 2 - Desestímulo psicológico enorme à participação nas aulas, dificuldade para explicar alguns conteúdos (p. ex.: conteúdos lógicos ou argumentativos em geral), problemas gravíssimos com os procedimentos avaliativos.

Entrevistado 3 - Falta de acesso a uma internet de qualidade e falta de equipamentos, tais como computadores, notebooks, celulares ou tablets.

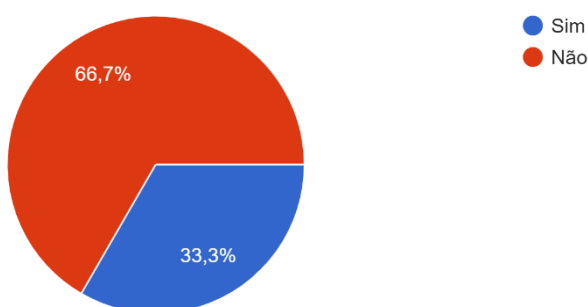
As estratégias de comunicação, nessa questão, se tornam protagonistas da história, até para definir o planejamento das aulas. Para isso, é necessário variar as formas de interação com o aluno, principalmente se for em uma aula intermediada pela rede de computadores, onde a maioria não utiliza câmera no decorrer das aulas, é necessário falar a linguagem do aluno, propor desafios para tirar dúvidas, usar de artifícios visuais (recursos multimídia), estar

atento à compreensão da turma e conceder liberdade e autonomia aos estudantes, para que haja uma relação de confiança professor-aluno.

Dentro dessas estratégias de comunicação, para entender como elas podem ser aplicadas na prática e se estão sendo aplicadas, relacionamos perguntas conforme os gráficos a seguir:

Gráfico 4 – Uso de algum aplicativo específico em sala de aula por parte dos professores

Os professores usam algum aplicativo específico em sala de aula?
3 respostas



Ao falar sobre os aplicativos, eles enfatizam as ferramentas Google Forms, SIGAA e Google Classroom. Da mesma forma, seguimos perguntando os métodos utilizados no ensino de Filosofia para comentários e problematização das questões que buscam a reflexão e participação direta e ativa dos estudantes.

Entrevistado 1 - Vídeos, casos concretos.

Entrevistado 2 - Questionários e exercícios no SIGAA, no Google Classroom, no Google Forms.

Entrevistado 3 - As tecnologias são apenas mais um dos inúmeros elementos utilizados para facilitar e promover os debates e a participação.

A criatividade, como um dos pontos de interação com o aluno, também deve ser explorada, se não até mais, neste período pós-pandemia. Sobre essa questão, os entrevistados responderam da seguinte maneira:

Entrevistado 1 - Explicando como realizar um uso crítico

Entrevistado 2 - O principal desafio é engajar a participação ativa de todos e sem fraudes. O restante seria mais fácil com isso.

Entrevistado 3 - As tecnologias facilitam o acesso às informações e por consequência, incentivados pelos professores, os alunos podem enriquecer sempre mais suas capacidades de crítica.

Mas, então, será que a Filosofia está utilizando, de fato, o recurso pedagógico dessas mídias ou está usando apenas como mediação da aula?

Entrevistado 1 - Não

Entrevistado 2 - Até onde estou informado, apenas como mediação de aulas e avaliações.

Entrevistado 3 - Sim, nos dois sentidos

Para compreender o antes e o durante, foi feito um balanço questionando sobre o ensino de Filosofia antes da pandemia e durante o período pandêmico.

Antes da pandemia como era o uso da tecnologia no ensino de Filosofia?

Entrevistado 1 - Quase inexistente.

Entrevistado 2 - Até onde estou informado, mínimo.

Entrevistado 3 - Menos utilizada.

Durante a pandemia como está o uso da tecnologia no ensino de Filosofia?

Entrevistado 1 – Corriqueiro.

Entrevistado 2 - Intenso, mas acredito que quase exclusivamente para mediação de aulas/avaliações e contato com a turma.

Entrevistado 3 - Tornou-se um elemento indispensável, mesmo quem resistia ou tinha pouca experiência e familiaridade se viu obrigado a fazer uso do aparato das novas tecnologias.

4.2. Ferramentas tecnológicas para utilização em sala de aula

Paulo Freire escreveu que “O homem está no mundo e com o mundo” (1983, p. 30). Em momentos atuais, há uma necessidade de repensar a educação e sua metodologia. O uso das ferramentas educacionais tem dado certo, e elas serão o futuro para as próximas gerações, que já nascerão imersas a este mundo tecnológico.

A educação está sendo modificada pela adaptação docente e discente, acerca de diversos programas, aplicativos, ferramentas que passaram a ser utilizadas na educação. [...] Esses programas e aplicativos que contribuem para a tecnologia usual (computador, slides, projetor) são apenas exemplos e possuem excelentes benefícios, dado que para a maior parte de suas aplicações possuem a gratuidade. (PASINI, CARVALHO e ALMEIDA, 2020)

Nesse caso, cita-se, como exemplo, as plataformas Google Meet, Google Sala de Aula, Jamboard, Google Agenda, Google Drive, Google Docs, Google Apresentação, YouTube, StreamYard, OBS Studio, Microsoft Teams, Zoom, Jitsi Meet, Canva, Padlet, entre outros, que têm sido os diversos meios de comunicação que estão conectando um professor a um aluno.

A tecnologia tem modificado a sociedade. Os modos de se relacionar e se comunicar também foram alterados.

Em meio a essa conexão à rede de informação, é necessário saber lidar com elas e, ao mesmo tempo, encontrar alternativas para substituir as aulas como eram ministradas, antes da pandemia, aquelas puramente expositivas, as quais mantinham o aluno à mercê de um processo de ensino e aprendizagem defasado, no qual ele recebe o conteúdo passivamente, e substituir por um processo atual, esse que tem sido adotado, utilizado e que está em estado de aperfeiçoamento e aprimoramento, durante a pandemia, trazendo consigo práticas pedagógicas mais dinâmicas, interativas, com recursos que estimulem o senso crítico do aluno, que o faça refletir sobre o ensino de filosofia, alertando-o para o principal ideal, o ato de filosofar, de pensar e de refletir, e isso aproximará o estudante e estimulará a sua participação.

É para garantir esse aprendizado que aplicativos foram surgindo, e outros sendo atualizados, visto que algumas formas de manter a relação ensino-aprendizagem datam da década de 80, porém eram pouco debatidas e agora, por causa do atual cenário de isolamento social, eles vieram à tona e foram se atualizando para garantir seu espaço no ambiente escolar. De forma geral, citam-se métodos como a gamificação e sala de aula invertida, e aplicações como khoot, padlet, whatsapp, quizzes, entre outros que têm surgido constantemente como forma de dinamizar e interagir em sala de aula.

A essas novas formas de ensinar, podemos denominar de Educomunicação, já que esse conceito, segundo Andrade,

surgiu para acolher as interações entre comunicação e educação no espaço escolar e mesmo fora da escola, constituindo-se como o lugar do diálogo e da criticidade sobre as finalidades e a atuação social dos meios de comunicação, beneficiando-se das tecnologias da informação e comunicação, mas colocando em primeiro plano a influência dos processos comunicativos na vida social. Na prática escolar, professores e estudantes tornam-se parceiros no processo de produção de conteúdos que ganham visibilidade por meio de programas de rádio, jornais, vídeos, blogs, entre outros (ANDRADE, 2019).

Com a democratização das tecnologias, espera-se que a população tenha maior acesso, mesmo sem dominar muito o seu uso, pois tem servido de grande impulso para a

Educomunicação, isto é, nas próprias salas remotas, sem que o professor perceba, ele tem desempenhado um papel de educador, no momento em que ele se dispõe a se atualizar e aprender com essas novas ferramentas, que, para muitos, é realmente uma novidade.

No ensino de filosofia, mais especificamente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão, temos visto essa mudança. Mesmo que no começo tenha sido um choque, a realidade agora é outra, os docentes estão buscando se aperfeiçoar, e isso, na Educomunicação, é o ato de se recapacitar, porque o processo de se educar está em constante mudança e evolução, principalmente porque as tecnologias vão muito além do que meros instrumentos de consumo, visto que há um universo ali presente que pode ser usado de forma positiva ou negativa e, para um professor de filosofia, pode favorecer ou não a prática docente e o ato de ensinar.

Assim, entende-se que o uso da internet seja o principal meio tecnológico existente, até porque de nada adiantaria ter somente um computador ou celular se estes não estiverem conectados, e é essa ligação que beneficia as práticas educacionais.

A Educomunicação surge, nesse contexto, como uma possibilidade dialógica e de transformação das práticas de aprendizagem. Ela não se contenta em conhecer os vários equipamentos, nem em reforçar o caráter decorativo da tecnologia, pois almeja o empoderamento social dos estudantes para a prática cidadã. Portanto não reforça atividades individuais, mas o uso coletivo dos meios para a valorização do indivíduo que deve trabalhar socialmente. Ao propor o trabalho coletivo, a Educomunicação incentiva as práticas de interação na escola e melhora as relações interpessoais entre direção, professores e estudantes. (ANDRADE, 2019, p. 224)

Dessa maneira, Soares (2014), enfatiza que o professor necessita ser reeducado e que ele precisa deixar de ser o transmissor de conteúdo, e, sim, aquele que estimula o senso crítico e que faz nascer no aluno o papel de questionador.

Mais do que nunca, a adoção de novas tecnologias exige que os educadores aprendam a dialogar com seus alunos para que consigam mediar uma troca mais aprofundada de argumentos e procedimentos voltados ao desenvolvimento de atitudes críticas. (SOARES, 2014, p. 27)

Para Moran (1997), uma das vantagens oferecidas pelo uso da internet em sala de aula é que ela permite o acesso a fontes inesgotáveis de informação, servindo de estímulo para os alunos na realização de suas pesquisas, pois, por meio dos acervos de livros eletrônicos das bibliotecas virtuais, é possível acesso a valiosos conteúdos, que favorecem o enriquecimento de conhecimentos e o desenvolvimento dos trabalhos com mais agilidade.

É o que Lévy (1999), em um espaço de cibercultura, define como suporte da inteligência coletiva, que garante as condições de seu próprio desenvolvimento. “Toda a

história da cibercultura testemunha largamente sobre esse processo de retroação positiva, ou seja, sobre a automanutenção da revolução das redes digitais. Esse é um fenômeno complexo e ambivalente.”

Seria um processo sem volta, é daqui para mais adiante. Não é possível retroagir, uma vez que a pandemia mostrou que é possível, sim, utilizar as tecnologias para ensinar, assim como para aprender. Para isso, faz-se necessária a qualificação profissional e o investimento em sua formação, que é fundamental para a elaboração de aulas que sejam atrativas para o aluno e, que, mesmo no distanciamento, o professor consiga levar o estudante ao ápice da reflexão, do pensar e do filosofar.

Isso significa que tais profissionais devem ser amparados por suas instituições de ensino porque, a bem da verdade, a maior parte daqueles que atuam no ensino superior, não obteve (por vários motivos) preparação didático-pedagógica para isso, mesmo na área das licenciaturas. Trata-se de desenvolver novas metodologias de ensino, capazes de promover a motivação e o engajamento dos estudantes, tornando-os agentes de suas próprias descobertas. O professor, nesse caso, é o designer e o estrategista de um processo que é levado a cabo pelo próprio estudante que, ativamente, reúne as condições necessárias para alcançar o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. A presença do professor não se legitima porque ele precisa ajudar o estudante; mas porque ele, pela sua estratégia, ajuda o estudante a ajudar a si mesmo (OLIVEIRA, 2020, p. s.p.).

O que significa dizer que muitos dos professores que lecionam filosofia no Colun – UFMA são egressos da própria instituição, e, no tempo em que fizeram sua graduação, não eram tão exploradas essas ferramentas tecnológicas, logo esses docentes não foram preparados nem qualificados para entreter seus alunos com o uso dessas ferramentas e tampouco saber como utilizá-las. Agora os tempos são outros, e precisa haver uma recapacitação.

Na UFMA, para envolver esses professores e auxiliá-los, a Diretoria de Tecnologia na Educação, responsável pelos cursos na modalidade a distância, realizou diversos webinários, treinamentos e cursos, logo no primeiro semestre de 2020, assim que estava no pico da pandemia, a fim de capacitar os professores e garantir-lhes mais preparação para ministrar suas aulas, bem como organizar seu plano de aula, dando mais dinamismo e criatividade nas aulas.

Mas aqui trazemos também pontos negativos desse processo, ou seja, a falta de internet para muitos estudantes, e até mesmo para professores, que, quando possuem o serviço, é algo que não condiz com o mínimo necessário para obter qualidade e aproveitamento do seu serviço, o que leva o professor a contratar um serviço ainda maior de internet que possa lhe oferecer mais qualidade para trabalhar com áudio e vídeo. Já para o

aluno, isso se torna mais difícil, devido à desigualdade econômica e social, uma vez que não dispõe sequer de uma internet em dados móveis boa o suficiente para garantir uma aula que não sofra quedas de conexão ou travamentos.

Por isso o trabalho do professor nas mais diversas áreas, em especial no ensino de filosofia, se torna difícil, uma vez que ele precisa buscar métodos de incluir aquele aluno nessa relação ensino-aprendizagem e criar atividades que possam aproximá-lo do conteúdo filosófico.

Trata-se de superar a mera transmissão de informações em benefício de um modelo de interação, no qual o conhecimento seja construído conjuntamente e o ambiente virtual seja um espaço de intercâmbio, convívio, influência mútua, associação, trabalho coletivo e engajamento sincrônico em torno de tarefas comuns. Isso, como se sabe, não será um produto fortuito, mas algo buscado intencionalmente e criado coletivamente, tendo como atores centrais os docentes. Amparados por instâncias de assessoria pedagógica, são eles que desenvolverão as estratégias, que testarão inovações, avaliarão riscos e benefícios. (OLIVEIRA, 2020, p. s.p.)

Com todo esse crescimento, as indústrias começaram a investir e produzir mais e buscar melhorar a qualidade do serviço para atender mais pessoas que agora estão mais em casa sendo mediadas por uma máquina. Para Castells (1999), uma nova economia surgiu em escala global no último quartel do século XX.

Chamo-a de informacional, global e em rede para identificar suas características fundamentais e diferenciadas e enfatizar sua interligação. É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. (CASTELLS, 1999, p. 87)

Essa afirmativa de Castells está presente em pleno século XXI, e até mais forte, porque, depois que a pandemia chegou, tudo precisou ser repensado, recriado e reorganizado, a fim de manter um serviço de excelência. Logo as atividades produtivas, as de consumo e de circulação estão se recriando em uma escala global, ligadas diretamente às conexões entre os agentes econômicos.

Não há como negar que a informação e o conhecimento são condições cruciais para o crescimento da economia, e o surgimento das novas tecnologias trouxe a capacidade produtiva da sociedade, a ponto de perceberem coisas que eram capazes de fazer e que nem sabiam, bem com os padrões de vida as formas sociais de organização econômica.

Por essa organização é que a Educomunicação se inventa e reinventa, estando sempre atualizada com o surgimento das novas ferramentas e que ela estará sempre presente na relação ensino-aprendizagem.

O trabalho da Educomunicação é desenvolvido por meio de teatro, desenhos, músicas, jornal, rádio, e, embasado nessa formação, o profissional poderá desenvolver programas de rádio, filmes e documentários, além de softwares de todo gênero, utilizando-se das potencialidades trazidas pelas tecnologias. (BARROS, s.d., p. s.p.)

Esse exemplo trazido por Barros mostra a dimensão do perfil de um educador e quantas ferramentas ele pode utilizar em aula para o ensino de filosofia, por exemplo. É possível, assim, dinamizar e motivar uma aula interativa que envolva os estudantes dentro dessa reflexão do ensinar filosofia, de ensinar a pensar, refletir e discutir os valores culturais de uma sociedade. A Educomunicação, nesse período, tem ajudado as pessoas a se reinventarem e a cumprir o seu papel.

Nesse período de pandemia, é natural que tenha havido evasão e distanciamento dos alunos do ambiente escolar, e, por meio da Educomunicação, alguns professores mudaram suas metodologias e formas de ensinar a filosofia, e, certamente, não foi uma tarefa fácil, mas eles se apropriaram do uso desse método de educar e se comunicar, sem terem conhecimento de que estavam nessa prática.

Eles utilizavam de linguagens e práticas educacionais para manter esse contato com os estudantes e buscar envolvê-los na disciplina. Isso porque a internet, segundo Castells (2003), tem sido considerada a maior invenção tecnológica dos últimos tempos em virtude do seu poder de alcance, da compressão espaço-tempo, das informações em tempo real e principalmente na sua capacidade de conectar pessoas do mundo todo nas mais variadas ocasiões.

De acordo com Castells (2016), “[...] internet, é um tecido da comunicação em nossas vidas: para o trabalho, os contatos pessoais, a informação, o entretenimento, os serviços públicos, a política e a religião”. Já para Lévy (2010), “... a maior parte dos programas atuais desempenha um papel de tecnologia intelectual: eles reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais”.

É por isso que, à medida que a tecnologia avança, novas mudanças precisam ser repensadas, recriadas e readaptadas, o que, de forma direta, impactam no ambiente, e aqui destacamos o escolar, como a possibilidade de o docente desenvolver novas habilidades e desencadear possibilidades que garantam a inclusão dos alunos e os aproximem ainda mais da relação homem-computador.

Em resumo, o paradigma da tecnologia da informação não evoluiu para seu fechamento como um sistema, mas rumo à abertura, como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu

desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos. (CASTELLS, 1999, p. 109)

No contexto pós-março de 2020, a sociedade hoje mais do que nunca conectada, propiciou uma nova experimentação, algo novo, de uma nova geração, de um novo futuro, de uma relação espaço-tempo que tem modificado o contato com a sociedade e com o meio externo, influenciando, inclusive, no senso crítico.

A internet é cada vez mais usada para acessar os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais), bem como qualquer forma de produto cultural ou informativo digitalizado (filmes, música, revistas, livros, artigos de jornais, bases de dados). A internet já transformou a televisão (CASTELLS, 1999, p. 11).

Nessa visão tecnicista, muitos estudantes, ao estudar em casa, além de ter acesso aos recursos tecnológicos, passam por problemas emocionais e dificuldade de se organizarem no ensino remoto, principalmente, na falta de um ambiente propício para o momento, no qual, no caso dos alunos do ensino médio, há uma dificuldade dos pais em acompanhar as atividades remotas.

Segundo Bottentuit Junior (2020, p. 3),

a promoção de experiências mais significativas em sala de aula é uma exigência nos dias atuais, uma vez que os alunos vão atuar em um mercado cada vez mais exigente e que necessita de profissionais polivalentes, com competências necessárias, entre elas: cultura digital, domínio dos recursos tecnológicos, facilidade em comunicação, colaboração, resolução de problemas, entre outros.

Partindo dessa afirmativa, verificamos que a educação precisa ultrapassar o ambiente escolar, desenvolvendo capacidades e potencialidades para o “saber” e o “fazer”. Cada tecnologia possui habilidades e limites. Moore e Kearsley (1996) afirmam que um dos piores erros que o docente pode cometer na educação é escolher apenas um meio, e a pandemia veio para mostrar isso, a multimidiatização dos meios, ou seja, utilizar vários recursos para que haja convergência das mídias, as quais falarão entre si, dialogarão e gerarão uma comunicação multimídia.

Para deixar a aula dinâmica, trabalha-se utilizando a união de vários recursos tecnológicos, a começar pelos aplicativos, pois muitos não possuem todas as ferramentas de que um professor necessita, sendo, portanto, utilizadas várias outras opções, que, reunidas, formam um conjunto de interatividade. De acordo com Mendes et al. (2020), “a escolha dos recursos adequados deve ser realizada para cada curso, para cada programa: cada um tem seus diferentes objetivos, diferentes alunos e diferentes ambientes de aprendizagem”.

Com essa assertiva, entendemos que, durante o planejamento do professor de Filosofia para ministrar as aulas, ele precisar conhecer um pouco sobre algumas tecnologias existentes e, só então, decidir qual utilizar, até para que a aula não seja sobrecarregada de recursos tecnológicos e nisso consistem as estratégias comunicativas integradas na sala de aula.

Moran afirma que “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”. (MORAN, 2000, p. 63)

É por isso que o uso consciente, integrando as características da comunicação na sala de aula com as ferramentas adequadas para a Filosofia, contribui para o processo didático-pedagógico da disciplina.

Para Moraes (1997), “o simples acesso à tecnologia em si não é o aspecto mais importante, mas, sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais com base no uso dessas novas ferramentas”.

As tecnologias integradas e as estratégias de comunicação exercem um papel importante no trabalho desses docentes, tornando-se um novo desafio, que pode ou não produzir os resultados esperados.

CAPÍTULO III

5. ATO DE COMUNICAR PARA A FILOSOFIA

A Filosofia e a Comunicação já dialogam desde a origem do pensamento ocidental. Rossetti (2018) comenta que a comunicação foi objeto de reflexão filosófica desde os gregos, que, se não trataram dela diretamente, trataram de temas afins.

Platão, ao conceber seu mundo das ideias, parte de um conceito de imagem que ignora o movimento e, assim, de certa forma, se aproxima do mecanismo cinematográfico. Aristóteles afirma que o homem é um animal que fala e que possui um discurso racional ao definir a natureza humana. Ao tratar do espírito dionisíaco e do apolíneo nas artes, Nietzsche fala da música e da canção. Bergson enfrenta a dura tarefa de comunicar o tempo e propõe a metáfora como possibilidade de comunicação mais adequada a fugaz natureza temporal. Foucault trata diretamente do discurso contextualizado em epistemes específicas, e Hannah Arendt fala do discurso que dá visibilidade à ação humana. (ROSSETTI, 2017, p. 69)

Rossetti (2017) trata da relação entre Comunicação e Filosofia e aponta alguns momentos em que a comunicação é objeto de reflexão filosófica. Ela lembra algumas ocasiões em que diversos filósofos trataram do tema da comunicação.

A Comunicação instituída como área do conhecimento é algo muito recente e pertence à história do século XX, embora a comunicação como fenômeno seja tão antiga quanto à própria humanidade. Já a comunicação, como tema discutido pelo pensamento ocidental, remonta aos filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, e contemporaneamente a pensadores como Nietzsche, Bergson, Foucault e Hannah Arendt, entre outros mais óbvios. (ROSSETTI, 2017, p. 68)

Jürgen Habermas é um dos filósofos da atualidade que desenvolve o conceito de competência comunicativa. Ele desenvolveu a teoria da ação comunicativa e contribuiu para a análise das teorias da comunicação em um processo rico de incorporação e superação.

Para uma teoria do agir comunicativo, só são instrutivas as teorias analíticas do significado que começam a abordagem pela estrutura da expressão linguística, em vez de começá-la pelas intenções dos falantes. Dessa maneira, a teoria se mantém atenta ao problema de como ligar umas às outras as ações de vários atores, com a ajuda do mecanismo de entendimento; isto é, como se podem situar tais ações em uma rede de espaços sociais e tempos históricos. (HABERMAS, 2012, p. 479).

Para o filósofo, a ação que se opõe àquelas voltadas para a razão instrumental de domínio do mundo objetivo, e esteja voltada para o entendimento intersubjetivo entre os seres humanos é entendida como ação comunicativa.

Essa Teoria da Ação Comunicativa de Habermas está fundamentada no conceito de ação, ou seja, a capacidade que os sujeitos sociais têm de interagirem intra e entre grupos, indo ao encontro, racionalmente, dos objetivos que podem ser conhecidos pela observação do

próprio agente da ação. Para a compreensão do ser humano em sociedade, o filósofo prioriza as ações da natureza comunicativa, referentes à intervenção do diálogo entre vários sujeitos.

Para Habermas (1988), a ação comunicativa constitui uma classe de interação “em que todos os participantes harmonizam entre si seus planos individuais de ação e perseguem, portanto, sem reserva alguma, seus fins ilocucionários”.³⁰ Trata-se de uma

comunicação difusa, frágil, constantemente submetida à revisão e só alcançada por alguns instantes, na que os implicados se baseiam em pressuposições problemáticas e não aclaradas, sempre movendo-se aproximadamente desde algo no que ocasionalmente estão de acordo até o seguinte. (HABERMAS, 2012, p. 145)

A discussão do agir estratégico e do agir comunicativo representam distintos modos da ação pedagógica. A escola está inserida em uma estrutura do mundo da vida, considerada o que Prestes (1996, p. 106) chama de produção genuína da racionalidade comunicativa.

O fundamento da ação dialógica encontra-se na participação do sujeito em um mundo compartilhado com outros sujeitos. Isso tem validade para as diferentes instâncias do processo pedagógico, seja no plano da relação professor-aluno, seja no plano da definição da política educacional, da administração e da relação com outras áreas do conhecimento científica. A educação escolar precisa fazer valer as formas de vida que possam dar sentido à formação do sujeito racional (PRESTES, 1996, p. 106).

Nesse sentido, destaca-se que as escolas são importantes para os alunos não apenas para transmitir informações e conhecimentos, mas pela rica convivência em sociedade. A Filosofia nasce com esse papel importante de formar cidadãos críticos, que coloquem em questão o próprio conhecimento, sobretudo os estudos fundamentais sobre a existência, os valores, a razão, a mente e a linguagem, estabelecendo diálogos sociais para avançar na prática pedagógica.

5.1. O que se ensina na filosofia?

A pergunta que caracteriza o título da presente seção — O que se ensina na filosofia? — pode ser abordada por meio de dois temas complementares. O primeiro diz respeito ao problema secular já levantado por Kant no século XVIII, em “A arquitetônica da razão pura”, cuja formulação consiste no seguinte: aprende-se filosofia ou aprende-se a filosofar? Faremos a exposição do argumento de Kant, pois trata-se da gênese filosófica da pergunta que conduz esta pesquisa. Em seguida, faremos a apresentação da recepção contemporânea

³⁰ HABERMAS, 2012, p. 376-377

problematizadora desse argumento por parte de um trabalho intitulado *Ensinar a filosofar – um livro para professores*, de dois estudiosos brasileiros, Renata Aspis e Silvio Gallo.

O outro tema concerne à eventual absorção do saber filosófico pelos Estados-nação, em sua política educacional, especificamente na situação dos currículos, os quais são espaço de luta e poder, voltados para pragmatizar visões de mundo particulares, que culminam em distintos entendimentos do que seja a educação e o processo ensino-aprendizagem.

Com relação ao problema kantiano acima mencionado, é oportuno retomar a argumentação do referido filósofo. O texto de “A arquitetônica da razão pura” está localizado no terceiro capítulo da “Doutrina transcendental do método” da *Crítica da razão pura*. Kant afirma que a arquitetônica é a arte dos sistemas, mais especificamente a doutrina da ciência, pertencendo à doutrina do método.

Por arquitetônica eu entendo a arte dos sistemas. Uma vez que a unidade sistemática daquilo que o conhecimento comum transformou primeiramente em ciência, i.e., fazendo de um mero agregado daquele sistema, a arquitetônica é a doutrina do científico em nosso conhecimento em geral, e pertence, necessariamente, portanto, à doutrina do método (KANT, 2012, p. 600).

Isso significa que, do ponto de vista racional, constituem um sistema no qual pudessem apoiar os fins e interesses da própria razão. Ademais, para Kant, um sistema é a unidade dos conhecimentos diversos sob a primazia de uma ideia. Tamanha unidade deve ser articulada, e não um mero amontoado de conhecimentos.

Para tanto, necessita de um esquema para que ocorra a realização dessa articulação. Semelhante esquema é a projeção de uma ideia capaz de fundar uma arquitetônica sistêmica do conhecimento e não corresponde a uma construção empírica e contingencial, que culmina numa espécie de unidade técnica. Portanto todo conhecimento que pretenda ser considerado uma ciência é arquetônico ou sistemático, e não apenas técnico.

Com base nisso, Kant caracteriza a razão como sendo a faculdade superior do conhecimento arquetônico, do qual derivam dois outros tipos de conhecimento: o racional e o empírico. Em seguida, Kant argumenta que, se abstrairmos de todo o conteúdo do conhecimento que é considerado de um ponto de vista objetivo, então o resíduo subjetivo desse conhecimento será ou histórico ou racional.

O conhecimento histórico pode ser caracterizado por sua cronologia ao longo de determinada concepção de tempo (*cognitio ex datis*). Por sua vez, o conhecimento racional está pautado no estudo dos princípios que sustentam as ideias e os sistemas de ideias (*cognitio ex principiis*).

Nesse caso, o conhecimento histórico é aquele que é apreendido por meio da experiência imediata, por relatos ou por ensinamentos. Isso significa que alguém que tenha aprendido um sistema de filosofia (ou de outro tipo de conhecimento) memorizando seus princípios, definições e provas, bem como toda a doutrina contida nesse sistema, possui um conhecimento histórico.

A consequência disso, para Kant, é que esse estudante do conhecimento histórico terá sido alguém que se educou pela razão alheia ou mesmo usando o “olhar” alheio. Ainda que, em sua origem, seja um conhecimento da razão, subjetivamente, naquilo que tange ao aprendizado e à educação, é um conhecimento histórico, pois se absorveu algo produzido pela razão de outrem. Não houve criação, mas reprodução. A imagem que Kant utilizada para caracterizar esse aprendizado é a de um molde de gesso de um homem vivo, que compreendeu e reteve.

Ele se educou segundo uma razão alheia, mas a faculdade de reproduzir não é a de criar; ou seja, o conhecimento não surgiu nele com base na razão, e, embora certamente fosse objetivamente, um conhecimento da razão, do ponto de vista subjetivo, era meramente histórico. Ele compreendeu e reteve bem, i.e., aprendeu, e é um molde de gesso de um homem vivo, (KANT, 2012, p. 602)

Por outro lado, conhecimentos racionais subjetivos, para Kant, só podem ser classificados dessa maneira caso tenham sido criados com base nas fontes universais da razão, ou seja, com base em princípios dos quais podem surgir também a crítica e a recusa daquilo que se aprendeu. Nesse caso, Kant distingue dois tipos de conhecimentos racionais: conhecimentos por conceitos ou conhecimento por construção de conceitos. O primeiro tipo é denominado por Kant de “filosófico”; já o segundo é chamado de “matemático”.

Por conseguinte, Kant argumenta que um conhecimento pode ser objetivamente filosófico e subjetivamente histórico, como nas situações em que ocorre a memorização de um sistema de ideias. Kant, inclusive, elucida que, nessa situação, estão todos aqueles que nunca vão além da escola e permanecem reprodutores, e não criadores a vida inteira.

Em seguida, Kant trata das semelhanças e diferenças do conhecimento e do aprendizado entre filosofia e matemática, uma vez que ambos são conhecimentos da razão. No caso da matemática, ela é considerada por Kant como sendo subjetivamente um conhecimento da razão, porém não se encontra nele a mesma diferença que ocorre no conhecimento filosófico. Isso é fruto do fato de que as únicas fontes que estão disponíveis para promover aprendizagem e ensino, nessa situação, são os princípios essenciais da razão usados em situações problemáticas concretas (os problemas matemáticos).

O corolário disso, para Kant, consiste em afirmar que, do ponto de vista de um conhecimento racional, só é possível aprender matemática e nunca a filosofia, cujo aprendizado é subjetivamente histórico, isto é, estudo e memorização de sistemas de ideias. Contudo Kant adverte que, na perspectiva da elaboração teórica de uma arquitetura de pensamento, surge a possibilidade, quando muito, de aprendermos a filosofar. Portanto a célebre fórmula possui o seguinte enunciado: “não se aprende filosofia, aprende-se a filosofar”.

Entre todas as ciências (a priori) da razão, portanto, só se pode aprender a matemática, e nunca a filosofia (a não ser historicamente), ainda que, no que diz respeito à razão, se possa – quando muito – aprender a *filosofar* (KANT, 2012, p. 603).

Consequentemente, retomando a pergunta que caracteriza o título da presente seção — O que se ensina na filosofia? — podemos recolocar a fórmula acima apresentada: “não se ensina filosofia, ensina-se a filosofar”. Essa fórmula corresponde a outra: “ensina-se história e métodos dos sistemas filosóficos, para que possamos tentar ensinar a filosofar”. Trata-se, assim, de uma compreensão sobre os sistemas de pensamento filosófico como casos concretos que necessitam ser estudados como introdução ao processo de filosofar.

Posto isso, podemos retomar a argumentação de Kant em sua “A arquitetura da razão pura”. Nesse sentido, Kant afirma que o sistema de todos os conhecimentos filosóficos é a filosofia. Kant recomenda que esse macrossistema seja tomado objetivamente e que sirva como um modelo para o julgamento e avaliação de todas as tentativas de filosofar, funcionando, inclusive, para julgar todas as filosofias subjetivas, as quais são formadas por bases pouco sólidas ou oscilantes.

Consequentemente, Kant argumenta que a filosofia, com base no que foi exposto, é uma mera ideia de uma possível ciência que não é dada concretamente (como no caso da matemática) em parte alguma. Todavia existe uma constante tentativa humana de se aproximar dessa ideia por diversos caminhos até que seja possível encontrar um único caminho e que a cópia presente em cada reprodução histórica e de sistemas de ideias possa ser efetivamente comparada com o máximo de semelhança ao modelo, ou seja, à criação de novas ideias e arquitetônicas de pensamento.

Como consequência disso, Kant afirma que, do ponto de vista daquilo que foi exposto até então, não é possível aprender filosofia alguma. O núcleo dessa afirmação é construído por três problemas fundamentais acerca da própria filosofia, que têm uma profunda consequência para o seu ensino: “Pois onde ela está?”; “Quem está em sua posse?”; “Como se pode reconhecê-la?”.

Dessa maneira, dentro dos limites do argumento de Kant, se não é possível aprender filosofia alguma, resta que, se algo é possível de ser aprendido, seja o filosofar, isto é, o exercício do talento da razão de acordo com princípios universais em certas tentativas dadas, porém resguardando o direito de problematização desses mesmos princípios com o propósito de concordância ou de recusa.

Entretanto Kant adverte, na sequência de sua linha argumentativa, que é possível, com base naquilo que foi exposto, contrastar duas concepções de filosofia: 1 – escolástica; 2 – mundana. A concepção escolástica compreende a filosofia como um sistema de conhecimento que só é buscado como ciência, cuja finalidade última consiste em sua unidade sistemática. Já a concepção mundana trata a filosofia como a ciência que realiza a remissão de todo conhecimento aos fins essenciais da razão humana, e o filósofo passa a ser aquele que é um legislador da razão humana, diferindo de um artista da razão.

Nesse ponto, cabe uma elucidação concernente às concepções de filósofos que estão permeando o problema de Kant sobre aprender/ensinar filosofia ou filosofar. Em todo o percurso da *Crítica da razão pura*, livro do qual “A arquitetura da razão pura” faz parte, Kant trata da física de Newton, da geometria de Euclides e da lógica de Aristóteles como possíveis modelos de cientificidade para a própria filosofia e para o processo de filosofar.

Consequentemente, as concepções, imagens e os modelos de que seja filosofar e do filósofo estão relacionadas a essa discussão. Todavia o geômetra, o físico e o lógico são considerados artistas da razão, e não propriamente legisladores da razão. Em decorrência disso, Kant afirma que há um mestre ideal, que coloca todos esses acima mencionados para trabalhar e os utiliza como ferramentas para promover os fins essenciais da razão humana. Esse mestre é o filósofo, compreendido como aquele cujas ideias de sua legislação (criação) podem ser encontradas em toda razão humana.

Essa imagem do filósofo como legislador permite que Kant retome a noção de filosofia mundana e busque a unidade sistemática do ponto de vista dos fins, e não apenas da sistematização em si mesma, tão presente na concepção escolástica de filosofia, conforme foi acima caracterizada. Nesses termos, compreendemos que Kant opere com dois elementos: 1 – filosofia mundana; e 2 – legislação. Sua concepção de filosofar está intimamente ligada à noção de mundo e ao pressuposto da legislação, implicando, inclusive, um modelo ou imagem de filósofo como aquele que está “pelo mundo” e está “legislando (criando) pensamentos”.

Essa é a ideia de formulação de uma unidade sistemática filosófica do ponto de vista dos fins essenciais, os quais não são os mais elevados. E apenas um desses fins pode vir a ser, sobretudo, para resguardar uma unidade sistemática perfeita da razão. Desse modo, os fins são

ou o fim último, ou os fins subalternos que necessariamente pertencem ao fim último como meios.

O fim último corresponde à determinação completa do ser humano, e o ramo da filosofia que se ocupa dessa tarefa é a moral. Kant argumenta que semelhante primazia da filosofia moral carrega consigo o pressuposto da concepção ou imagem do filósofo como o “moralista”, ou seja, aquele que busca a determinação prática e completa do ser humano.

Ocorre que Kant explica que essa concepção carrega consigo uma limitação, visto que o processo de filosofar como legislar ou legislação da razão humana possui dois objetos: a natureza e a liberdade. Isso significa que o filosofar recai sobre as leis da natureza e as leis morais. Por conseguinte, a filosofia da natureza trata de tudo aquilo que existe e a filosofia moral de tudo aquilo que deve existir.

Na esteira de uma interpretação problematizadora da fórmula de Kant, acima detalhada (aprende-se filosofia ou aprende-se a filosofar?), e inspirada pela filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de um ponto de vista contemporâneo, a pergunta — O que se ensina na filosofia? — foi abordada de maneira direta por Renata Aspis e Silvio Gallo no livro *Ensinar filosofia – um livro para professores*, especificamente no capítulo 2, cujo título é “O que ensinar?”.

Aspis e Gallo interpretam a fórmula kantiana (aprende-se filosofia ou aprende-se a filosofar?) sob a óptica de três possibilidades: 1 – ensinar a filosofia como produto do pensamento; 2 – ensinar a filosofia como conhecimento sistematizado ao longo dos séculos; 3 – ensinar a filosofia como processo do pensamento filosófico. De acordo com esses autores, Kant preconiza que a filosofia não pode ser ensinada, pois, por ser ideia de uma ciência possível, sempre é inacabada. Logo não pode ser aprendida ou apreendida.

Isso significa que, mesmo sendo possível aprender a história daquilo que foi pensado, não corresponde a aprender filosofia. Para Aspis e Gallo, Kant defende que só é possível aprender o filosofar, como exercício do talento da razão. Nesse caso, o estudo da história da filosofia é capaz de fornecer uma dimensão daquilo que os filósofos elaboraram, porém não apresenta o processo de filosofar em si mesmo.

Essa posição de Aspis e Gallo nos conduz à uma compreensão específica acerca do problema “o que ensinar numa aula de filosofia?”. Aspis e Gallo argumentam que existem dois caminhos predominantes relativos ao problema do que ensinar em filosofia: 1 – ensinar temas filosóficos; ou 2 – ensinar história da filosofia. Cada um desses caminhos pode ser remontado à fórmula de Kant, todavia, com algum cuidado, uma vez que o caminho pautado na história da filosofia pode facilmente ser aproximado na primeira possibilidade da fórmula,

ou seja, “aprende-se/ensina-se filosofia”. Entretanto o caminho predominantemente marcado por ensinar temas filosóficos não corresponde necessariamente à segunda possibilidade da fórmula de Kant “aprende-se/ensina-se a filosofar”, visto que o filosofar não significa propriamente ensinar temas filosóficos.

É possível ensinarem-se temas filosóficos por meio de outras disciplinas e formas de conhecimento, como no caso da ética, que pode ser abordada pelas ciências jurídicas ou por uma disciplina como cidadania e diversidade. A grande questão consiste em conceder um tratamento filosófico para os temas filosóficos. Portanto um caminho que se coloca para a pergunta “o que ensinar numa aula de filosofia” consiste na tentativa de fornecer um tratamento filosófico para os temas filosóficos, vindo, inclusive, a abandonar a dicotomia entre “aprender filosofia ou aprender a filosofar”.

Esta distinção entre ensinar filosofia ou ensinar a filosofar precisa, pois, ser superada e abandonada pelos professores. O que ela fez entre nós foi embasar duas posições complicadas: afirmar um ensino de filosofia baseado em habilidades e competências de pensamento, esvaziado de conteúdo (quando se põe ênfase no processo de filosofar); e a de afirmar um ensino conteudista da filosofia, negando a possibilidade da experiência do pensamento pelos estudantes, quando lança ênfase sobre o produto da filosofia. (ASPIS e GALLO, 2009, p. 61)

Ainda sobre a dicotomia entre ensinar temas filosóficos ou história da filosofia, Aspis e Gallo afirmam que tomar a história de filosofia como o núcleo do ensino da filosofia na educação básica, do ponto de vista da estruturação de uma matriz curricular, representa um grande risco, já que pode ocorrer uma espécie de enciclopedismo, em que seria realizada uma mera exposição, para os estudantes, de filósofos e sistemas do pensamento, produzindo o perigo de uma indiferença para com as aulas de filosofia que poderia ser convertido num desprezo e numa aversão.

Por outro lado, os autores ressaltam sua predileção e recomendação por uma abordagem temática para o ensino de filosofia, pois consideram esse tipo de abordagem capaz de viabilizar um ensino ativo voltado para experiências do pensamento. Ainda assim, Aspis e Gallo alertam para os riscos de, mesmo numa abordagem temática, ocorrer um certo tipo de enciclopedismo, marcado pela excessiva exposição de temas filosóficos que interessam aos professores, mas em quase nada tocam os alunos. Isso mostra a necessidade de algum diagnóstico filosófico capaz de capturar, por meio da sensibilidade, aquilo que toca e move os alunos, para, em seguida, selecionar os temas que serão apresentados.

Além desse diagnóstico filosófico, o outro elemento capaz de possibilitar uma experimentação e uma abordagem filosófica dos temas filosóficos consiste na

problematização desses temas. Problematizar significa evidenciar os problemas que estão por trás dos temas e por trás da própria história da filosofia, isto é, aquilo que está implícito, latente ou subentendido e como tudo isso funciona como o fundo ou motor da expressão dos temas ao longo da história da filosofia. Portanto afirmam Aspís e Gallo que, sem problemas ou campos problemáticos, não existe abordagem filosófica dos temas filosóficos.

É a capacidade de visualizar, de fato, os problemas que mobilizaram os filósofos e os movimentos e as trajetórias de pensamento que estes fizeram que pode produzir nos alunos a possibilidade de que eles se afetem também pelos problemas e se ponham no movimento do pensamento. (ASPIS e GALLO, 2009, p. 52)

Em termos de realização concreta, o ensino de filosofia possui algumas condições objetivamente colocadas, ou seja, um projeto educacional que não está dissociado do projeto de determinado Estado-nação (país). E isso, de maneira inicial, presente na carta magna de cada sociedade. Além disso, existe toda uma complexa discussão acerca da construção do currículo de filosofia e mais ao fundo do que seja propriamente uma matriz curricular.

Nesse sentido, segundo Young, o currículo é o conceito mais importante que emergiu do campo dos estudos educacionais. As escolas, faculdades e universidades têm um sentido de currículo que nenhuma outra instituição possui. As instituições educacionais afirmam e presumem dispor de um conhecimento ao qual os outros têm direito de acesso e empregam gente que é especialista em tornar esse conhecimento acessível, isto é, os professores. (YOUNG, 2014, p. 197).

Para o autor, o currículo é tanto um sistema de relações sociais e de poder com uma história específica: o que poderia ser chamado de “conhecimento dos poderosos”, como um corpo complexo de conhecimento especializado e que poderia proporcionar alternativas, qualquer que seja a área de conhecimento e etapa de escolarização.

Young propõe que os teóricos do currículo devem se tornar especialistas duplos, atentos às duas camadas de especificidade que o currículo exige. Ampliando e complexificando os argumentos apresentados por Young, Tomaz Tadeu da Silva (2010, pp. 14-15) destaca que a questão de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado. A questão norteadora é: o que eles/elas devem saber? Qual conhecimento ou saber é considerado importante ou válido ou essencial para merecer ser considerado parte do currículo?

Para responder a tais questões, coloca-se a pergunta acerca de qual projeto de sociedade e de sujeito está posto. O autor levanta algumas delas: “Qual o desejável para um determinado tipo de sociedade? Uma pessoa competitiva seguindo os modelos neoliberais?

Será uma pessoa cidadã ajustada aos moldes do estado-nação? Será um sujeito crítico aos modelos sociais preexistentes desconfiando de seus mitos de origens civilizatórios?” Para cada um dos modelos, haverá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo. Para realizar tal escolha, é preciso compreender que dois elementos estão presente no currículo: identidade e poder. Como destaca Silva:

Selecionar é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder. As teorias do currículo não estão, nesse sentido, situadas num campo “puramente” epistemológico, de competição entre “puras” teorias. As teorias do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico *social*. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado (SILVA, 2009, p. 16).

Assim, o autor compreende que o currículo é um projeto de poder e de identidade de um determinado grupo que registra no currículo o tipo de sociedade que está sendo construída. Enfim, um projeto civilizatório. Por isso o currículo se torna um território contestado por diversas áreas do conhecimento.

É a questão do poder que vai realizar uma divisão entre as chamadas teorias tradicionais críticas e as pós-críticas. As teorias tradicionais pretendem ser teorias neutras, científicas e desinteressadas. Enquanto que as teorias críticas e pós-críticas argumentam que nenhuma teoria é neutra e desinteressada. Toda teoria está implicada em relação de poder. As teorias pós-críticas estão preocupadas com a conexão entre saber, identidade e poder.

Dessa forma, o autor nos propõe um olhar para o currículo de forma articulada considerando tanto as relações de poder em seus múltiplas formas e processos, inclusive na linguagem, sem perder de vista sua base material e estruturante. As teorias pós-críticas apontam que o currículo não é apenas ensino, aprendizagem e eficiência ou categorias psicológicas, mas também a construção de subjetividade, de gênero, de corpos nos currículos. O currículo reproduz relações sociais possuindo um papel decisivo na reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista ao realizar um apagamento das lutas de classe, do racismo, do sexismo.

No quadro abaixo, sistematizamos os principais conceitos que Silva (2010) destaca nos três campos das teorias do currículo:

Teorias Tradicionais	Teorias Críticas	Teorias Pós-Críticas
Ensino	Ideologia	Identidade, alteridade, diferenças
Aprendizagem	Reprodução cultural e social	Subjetividade
Avaliação	Poder	Saber-poder
Metodologia	Classe social	Significação e discurso
Didática	Capitalismo	Representação
Organização	Relações sociais de produção	Cultura
Planejamento	Conscientização, emancipação e libertação	Gênero, raça, etnia, sexualidade
Eficiência	Currículo oculto	Multiculturalismo
Objetivos	Resistência	-----

Fonte: Silva (2009).

Dessa forma, entre as teorias pós-críticas, existe uma diversidade de ênfases nas análises sobre os currículos: como as relações de gênero e a pedagogia feministas, o currículo como narrativa étnica e racial, a teoria queer, o pós-modernismo para pensar o fim das metanarrativas, uma teoria pós-colonialista do currículo e os estudos culturais.

Outra análise do currículo é com base no pós-modernismo para pensar o fim das metanarrativas. Essa perspectiva aponta que a questão não é o currículo, mas, sim, é a própria teoria crítica que é colocada sob suspeita. A teorização crítica da educação e do currículo segue as grandes narrativas da Modernidade dependente do universalismo, do essencialismo e do fundacionalismo do pensamento moderno. O pós-modernismo desconfia profundamente dos impulsos emancipadores e libertadores da pedagogia crítica.

A teoria pós-colonialista vai nessa mesma direção fazer a crítica ao analisar o complexo das relações de poder entre as diferentes nações que compõem a herança econômica, política e cultural da conquista colonial europeia. Essa perspectiva reivindica, fundamentalmente, um currículo descolonizado.

Em diálogo com a perspectiva pós-colonial, os estudos culturais realizam uma equiparação das diversas formas de conhecimento no currículo sem uma centralidade eurocêntrica e colonial. Todo objeto cultural é entendido como conhecimento expressando significados sociais, culturais envolvido em complexas relações de poder. É compreendendo o currículo em toda a sua complexidade e elementos que o compõem que podemos analisar o currículo em suas diversas camadas.

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinam. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2009, p. 150).

5.2. Desafios do ensino de Filosofia

No caso do Brasil, a função e a tarefa da educação, como projeto, está colocada no texto da Constituição Federal de 1988. O tema da educação pode ser localizado no Título II, que trata dos Direitos e Garantias Fundamentais, especificamente no capítulo II, precisamente no art. 6º, o qual se refere aos Direitos Sociais. Isso significa que, de um ponto de vista do projeto de Estado-nação, a educação é, em nosso país, um Direito Social.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2021, p. 6).

Todavia, o que é um Direito Social? Direitos Sociais são Direitos Humanos. Contudo como caracterizar os Direitos Humanos? Se seguirmos a argumentação de Norberto Bobbio presente em *A era dos Direitos*, postularemos que Direitos Humanos são Direitos Históricos, os quais surgem em circunstâncias específicas com o objetivo de defender novas formas de vida e de liberdade contra determinados poderes constituídos e que não admitem suas existências.

Do ponto de vista teórico, sempre defendi — e continuo a defender, fortalecido por novos argumentos — que os direitos do homem, por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não todos de uma vez e nem de uma vez por todas. O problema — sobre o qual, ao que parece, os filósofos são convocados a dar seu parecer — do fundamento, até mesmo do fundamento absoluto, irresistível, inquestionável, dos direitos do homem é um problema mal formulado: a liberdade religiosa e um efeito das guerras de religião; as liberdades civis, da luta dos parlamentos contra os soberanos absolutos; a liberdade política e as liberdades sociais, do nascimento, crescimento e amadurecimento do movimento dos trabalhadores assalariados, dos camponeses com pouca ou nenhuma terra, dos pobres que exigem dos poderes

públicos não só o reconhecimento da liberdade pessoal e das liberdades negativas, mas também a proteção do trabalho contra o desemprego, os primeiros rudimentos de instrução contra o analfabetismo, depois a assistência para a invalidez e a velhice, todas elas carecimentos que os ricos proprietários podiam satisfazer por si mesmos. Ao lado dos direitos sociais, que foram chamados de direitos de segunda geração, emergiram hoje os chamados direitos de terceira geração, que constituem uma categoria, para dizer a verdade, ainda excessivamente heterogênea e vaga, o que nos impede de compreender do que efetivamente se trata (BOBBIO, 2004, p. 9).

Nesse sentido, os Direitos Humanos de fundamento histórico, podem ser classificados, simultaneamente, em relação à cronologia de seu surgimento e naquilo que concerne aos seus objetos de proteção e amparo. Assim, podemos dizer que os Direitos Humanos de fundamento histórico do tipo Direitos Sociais são direitos de segunda geração, uma vez que decorrem da necessidade de prestações positivas e materiais por parte do Estado, com o fito de promover uma inclusão de grandes contingentes populacionais que foram afetados por dinâmicas econômicas e sociais que comprometeram a existência desses indivíduos e grupos.

Nesse caso são direitos econômicos, sociais e culturais, sendo que o mecanismo de sua efetivação são prioritariamente as políticas públicas. Políticas públicas são ações planejadas pelos Estados com o objetivo de diagnosticar e tentar sanar problemas sociais específicos que estejam comprometendo as condições de acesso às instituições e aos bens produzidos pelo conjunto da sociedade.

Dessa maneira, a educação é um Direito Social de fundamento histórico de segunda geração, cujo fundamento conceitual é a ideia de igualdade material. O conceito de igualdade material diz respeito à igualdade de condições para todos os indivíduos e grupos integrantes da dinâmica societária. Esse conceito surge relacionado à noção de justiça social e é oposto ao conceito de igualdade formal que trata especificamente da igualdade de oportunidades, sem propriamente abordar o tema da igualdade de condições.

À luz dessa discussão, a educação em nosso país é um Direito Social que carece de políticas públicas para a sua efetivação, pois está ligado ao conceito de igualdade material, o qual busca promover o exercício de igualdade prática de condições, reduzindo assimetrias, distorções e possibilitando inclusões. Nos termos do projeto de Nação exposto em nossa Constituição Federal, a educação é, prioritariamente, uma ferramenta indutora de igualdade de condições.

Seguindo nossa argumentação voltada para caracterizar a educação no contexto de um projeto de Estado-nação, após a Constituição Federal, somos direcionados à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96. Em seu art. 1º, a LDB caracteriza a educação como sendo o conjunto de processos formativos que se desenvolvem em diferentes situações, as

quais vão desde a vida familiar, a convivência humana no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais demais organizações e manifestações culturais da sociedade civil.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Ademais, a LDB destaca que a educação está pautada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, cuja finalidade, em nosso país, busca pelo desenvolvimento do educando, frisando seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Portanto, além de ser uma ferramenta de pragmatização do conceito de igualdade material, a educação também busca preparar para a vida pública cidadã e para a inserção no mundo do trabalho. E isso ocorre com base em catorze princípios que norteiam a atividade do ensino:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII - valorização do profissional da educação escolar; VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; IX - garantia de padrão de qualidade; X - valorização da experiência extra-escolar; XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. XII - consideração com a diversidade étnico-racial. XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva.

Com isso, na perspectiva de caracterizar a educação e o ensino em nosso país, enquanto um projeto de Estado-nação, a partir de seus documentos oficiais, cabe destacar as finalidades do ensino médio com base no Art. 35 da LDB. Nessa ocasião, são apresentadas quatro finalidades, das quais cabe ressaltar, no contexto da Educomunicação, a finalidade IV, que está voltada para a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV - a compreensão dos fundamentos

científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

A consequência disso, é o conteúdo do art. 35-A da LDB, que prevê a existência de uma Base Nacional Curricular Comum, cujo propósito será definir direitos e objetivos da aprendizagem, respeitando as diretrizes curriculares estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação. Com base nisso, a Base Nacional Curricular Comum será constituída por quatro áreas de conhecimento. I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas.

Ademais, naquilo que diz respeito à disciplina de filosofia o § 2º, do art. 35-A da LDB, da BNCC do ensino médio incluir estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. Cabe ressaltar que a noção de “estudos e práticas” e não propriamente de “componente curricular” causa um entendimento, no mínimo, ambíguo, visto que se por um lado é possível admitir outras formas de ensino para educação física, arte, sociologia e filosofia, o mesmo não ocorre com conhecimentos como matemática e língua portuguesa, os quais são tratados como componentes curriculares.

Como consequência disso, é possível interrogar se não está havendo uma hierarquização e priorização dos conhecimentos, pois alguns são colocados como componentes curriculares e outros não. Essa prioridade seria a estabilidade de alguns conhecimentos como componentes curriculares e outros enquanto estudos e práticas.

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas. § 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural. § 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia.

Dessa maneira, a implementação do novo ensino médio tem gerado preocupação para professores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, na área de Filosofia. A principal razão é o fato de a Filosofia ter perdido seu *status* disciplinar, sendo diluída nas diversas habilidades e competências (gerais e específicas) das áreas do conhecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC não exclui a filosofia nem dá diretrizes rígidas para a sua configuração no Ensino Médio. Ela mesma afirma explicitamente não constituir-se no currículo dessa fase formativa, mas apenas na definição das suas aprendizagens essenciais. O fato de a filosofia ter deixado de ser disciplina obrigatória não significa que ela

tenha saído do currículo nem que precise sair. O futuro da unidade curricular de filosofia ainda é incerto, pois a BNCC permite que ele seja decidido nas instâncias estaduais e municipais e mesmo nas escolas (SAVIAN FILHO, CARVALHO e FIGUEIREDO, 2018).

Para contextualizar o ensino da Filosofia no ensino médio e falar da sua importância em sala de aula, bem como trazer à tona o uso das tecnologias em sala de aula, é preciso compreender as discussões que têm sido travadas com essa área do conhecimento nas escolas públicas. A Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) tem estado à frente desses debates e realizadas diversas lives com profissionais da área para dialogarem sobre o tema e lutar para que a Filosofia continue com sua grade curricular, já que a nova legislação, estabelece um conteúdo comum para todos os estudantes do país pautado nas quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), Linguagens e suas tecnologias (LT), Matemática e suas tecnologias (MT) e Ciências da Natureza e suas tecnologias (CNT).

Cada uma dessas áreas possui competências e habilidades específicas. Em se tratando da Filosofia, essa está inserida na CHSA, a qual possui seis competências e trinta habilidades, visando mobilizar conteúdos filosóficos notadamente de Epistemologia, Metafísica, Ética e Filosofia Política.

A permanência de filosofia como unidade curricular dependerá da resistência das escolas. Na elaboração de seus projetos pedagógicos, em função da reorganização que virá (definindo especializações na formação), as escolas podem manter o ensino de filosofia. Não apenas as escolas que se especializarão em “ciências humanas”, mas mesmo as escolas especializadas em “ciências exatas” poderão ter horas de formação em filosofia. A melhor estratégia de resistência, neste momento, parece-nos estar na ação dos professores: começando por seus estudantes e pelo Conselho de Escola, eles podem iniciar um movimento de conscientização: (i) sobre a continuidade da filosofia como unidade curricular; e (ii) sobre a importância da filosofia na formação humana. A partir daí, em união com os professores da escola, do município, do estado e do país, os professores podem e devem lutar para que os projetos pedagógicos das escolas conservem filosofia (como também sociologia, história e geografia!). O MEC e as secretarias estaduais de educação apostarão na atual propaganda derrotista e na possibilidade de as próprias escolas assimilarem a falsa ideia de que a “filosofia caiu”, tirando-a do seu currículo. Se as próprias escolas excluírem por si mesmas a filosofia do Ensino Médio, a “legitimidade” da retirada será maior (nisso parece investir a BNCC) (SAVIAN FILHO, CARVALHO e FIGUEIREDO, 2018).

Para entender melhor, a BNCC, segundo documento publicado pelo Ministério da Educação, é fruto de amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira e encontra-se organizada em um todo articulado e coerente fundado em direitos de aprendizagem, expressos em dez competências gerais, que

guiam o desenvolvimento escolar das crianças e dos jovens desde a creche até a etapa terminal da Educação Básica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Segundo a ANPOF (2021), a distinção entre a BNCC e os itinerários formativos, pode ser identificada de duas formas: 1) Como carga horária da BNCC, que corresponde a 60% do total da carga horária do novo ensino médio, dedicada aos itinerários formativos que deve contemplar os demais 40%; 2) No caso dos itinerários formativos, adiciona-se a Formação técnica e profissional às áreas contidas na BNCC, considerando a perspectiva de aprofundar os conhecimentos de uma das áreas ou habilitar os estudantes ao mundo do trabalho.

A luta promovida pela ANPOF, entidades estudantis, sindicatos, sociedades científicas e tantos outros interlocutores garantiu, no ato de conversão da Medida Provisória nº 746/2016 em lei, a de nº 13.415/2017, a instituição da Filosofia como estudos e práticas no âmbito da BNCC. Embora não se saiba exatamente o que significa, abre-se a possibilidade de reivindicar o espaço específico dos conteúdos filosóficos na elaboração dos referenciais curriculares em cada estado (NÚCLEO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2021).

Com essa afirmativa, ressalta-se que os conteúdos filosóficos eram ministrados no ensino médio de forma disciplinar. Nesse sentido, a redação do texto da BNCC para o ensino médio, caracteriza a si mesmo como um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, cujo conceito matricial é a noção de competência, a qual é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2021).

Por conseguinte, a BNCC destaca dez competências gerais da educação básica, dentro das quais devem estar localizadas as competências específicas de cada grupo de

conhecimentos. Semelhantes competências vão desde a valorização e uso dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e digital; exercício da curiosidade e análise crítica de elaboração e testagem de hipóteses; reconhecimento das diversas formas de manifestações culturais locais, regionais e mundiais; uso significativo de tecnologias da informação; valorização de saberes e vivências; argumentação com base em fatos e dados; agir com empatia; e autonomia das ações e práticas.

As Competências Gerais da BNCC são: 1) Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; 2) Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular, resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas; 3) as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção – verbal (oral ou visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo; 4) Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e de comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e conhecer, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva; 5) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações do do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade; 6) Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si se, apreciar-se e cuidar de se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas; 7) Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e conceitos de qualquer natureza; 8) Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2021).

No caso específico do ensino de filosofia, dentro do contexto da BNCC, requer ressaltar que ela está localizada na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, juntamente com Geografia, História e Sociologia. No que tange precisamente ao ensino médio, o texto da BNCC destaca o desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração, voltados para simbolização e abstração. Como decorrência disso, existem seis competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. 2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder. 3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. 4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades. 5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. 6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2021).

Cada uma dessas competências específicas é constituída por um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas. Do ponto de vista da filosofia, identificamos que é possível destacar as competências gerais 7 e 10, as quais, respectivamente, estão voltadas para argumentação e ação autônoma:

Competência Geral 7: Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, BNCC). Competência Geral 10: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2021).

Por sua vez, as habilidades, localizadas em meio as competências específicas para ciências humanas e sociais aplicadas, que podem eventualmente serem trabalhadas pela filosofia, podem ser, nos termos da C2 (competência específica 2), é a (EM13CHS202). Já nos termos da C5 (competência específica 5), podemos destacar a (EM13CHS501), (EM13CHS502), (EM13CHS503) e a (EM13CHS504), conforme detalhamento abaixo:

C2 - Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações. (EM13CHS202) – Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicos e culturais (BRASIL, 2021)

C5 – Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os

Direitos Humanos. (EM13CHS501) – Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade. (EM13CHS502) – Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovamos Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (EM13CHS503) – Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. (EM13CHS504) - Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.” (BRASIL, 2021).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura marcado por uma visão interdisciplinar entre algumas áreas já definidas. Logo no primeiro capítulo, trabalhamos com o conceito da Educomunicação, interação mediada por tecnologias, o histórico do Colégio Universitário, nosso lugar de estudo e análise neste trabalho e o processo de evolução das tecnologias.

Esse primeiro momento nos fez ver que as tecnologias sempre estiveram presentes nas escolas e que, ao seu tempo, vieram se desenvolvendo e tomando espaço na sociedade. Percebemos que após março de 2020, no momento crítico da pandemia, que levou ao isolamento social, ninguém podia sair, ninguém podia se ver, ninguém tinha contato físico com ninguém e a nossa vida se tornou 100% digital, a indústria tecnológica aproveitou para inovar, aprimorar e criar serviços, principalmente na área pedagógica, no sentido da educação, que não podia parar esperando a pandemia passar, isso se ela tivesse passado.

As empresas, que tinham planejamento para médio e longo prazo, e que buscavam implantar etapa por etapa sistemas tecnológicos, se viram na obrigação de antecipar todo seu planejamento para o agora, para o instantâneo, porque a sociedade não podia parar e a área de Tecnologia da Informação se tornou o centro, quicá, o coração do mundo, tudo girando em torno das tecnologias e desses profissionais de TI.

Na educação não foi diferente o avanço pela qual passou, salas de reuniões virtuais já existiam, a exemplo do Hangout do Google, que hoje, conhecemos como Google Meet, foi uma das alterações existentes nesse período de 2020. O Brasil é que ainda está atrás de muitos países que já realizavam e já até falavam de tecnologias avançadas, algo que, até 2019, aqui no Brasil, não era uma pauta para agora, e sim para o “futuro”.

Essa integração e conexão social que vemos hoje, passados todo um contexto histórico da criação e implantação das tecnologias, é que nos faz lembrar do segundo capítulo deste trabalho, porque essas ferramentas ampliam nosso poder de fala, nossa imersão na tecnologia pela qual a pandemia nos faz passar. Essa ligação, ao mesmo tempo que aproxima, também afasta, e isso temos visto em salas de aula virtuais, professores e alunos que sequer se conheciam presencialmente, passaram semestres sem se verem, porque nem sempre a câmera é o objeto mais utilizado nas aulas virtuais.

Esse capítulo, também nos fez refletir que ainda precisamos ter mais apoio financeiro e incentivo para fazer uso de tecnologias que são essenciais para educação. Na Filosofia, percebemos, com os questionários aplicados, que os professores entrevistados, sabem da

existência das ferramentas, mas não sabe o potencial que elas têm ou como utilizá-las em sala de aula para garantir maior envolvimento e participação ativa dos alunos, e manter a relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem, principalmente aplicada à disciplina de Filosofia, objeto de estudo deste trabalho, por ser uma área que requer o senso crítico, o pensar, a reflexão, o sentir, entre outras expressões que são próprias do ramo filosófico.

Verificou-se, nesse capítulo, que a tecnologia é uma ferramenta de suporte para uma educação consubstanciada nesse novo tempo e nas novas gerações. Então, para enfatizar os conceitos de tecnologia, usaremos um quadro elaborado por (HERARTH e WUNSCH, 2020, p. 56), com base em VEIRA PINTO (2005), BATES (2017) e MIRANDA (2016).

Quadro 2 – Conceitos de Tecnologia

Terminologia	Conceito	Autor e ano
Tecnologia	Homem dentro de seu processo de hominização, sob dois aspectos fundamentais: a aquisição, pela nossa espécie, da capacidade de projetar, e a conformação de um ser social, condição necessária para que se possa produzir o que foi projetado.	VIEIRA PINTO, 2005
Tecnologia para a aprendizagem	Coisas ou ferramentas usadas para apoiar o ensino e a aprendizagem. Assim, computadores, programas, como um ambiente virtual de aprendizagem, ou uma rede de transmissão ou comunicação, são, todos, tecnologias. Um livro impresso é uma tecnologia. A tecnologia frequentemente inclui uma combinação de ferramentas e conexões técnicas específicas que as permitem funcionar como um sistema tecnológico, como a rede de telefone ou a internet. No entanto, para mim, tecnologias ou mesmo os sistemas tecnológicos não se comunicam ou criam significados, apenas esperam até serem comandadas a fazer algo, ativadas ou que uma pessoa comece a interagir com essas tecnologias	BATES, 2017, p. 247
Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC	Refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na internet e mais particularmente na World Wide Web (WWW) a sua mais forte expressão	MIRANDA, 2016, p. 43

Fonte: HERARTH e WUNSCH (2020) com base em VEIRA PINTO (2005); BATES (2017); MIRANDA (2016)

Esses conceitos, foram fundamentais para a revisão bibliográfica deste trabalho, que levou a entender que ensino remoto, não se trata de Educação a Distância, conceitos distintos, e essa diferença, tivemos o cuidado de fazê-la. Levou-se a crer ainda, que a relação professor-aluno continua sendo a peça-chave fundamental em todo o processo da educação, mesmo que vivamos na era da transformação digital.

O que percebemos ainda, principalmente na entrevista aplicada, é a preocupação dos professores que lecionam Filosofia de manter os estudantes ativos e engajados durante o período de isolamento ou enquanto durar a pandemia. Com isso, o professor precisa formar outras metodologias, específicas, para a aprendizagem remota, essa criação, requer investimento.

Mesmo que haja inúmeros *softwares* livres que desempenham papel amigável no processo ensino-aprendizagem, ainda sim possuem limitações e versões que exigem investimento para seu funcionamento total ou parcial. Aqui, como contribuição para os docentes de Filosofia, nesse período de pandemia, para desenvolver a criatividade, a responsabilidade e o senso crítica, sugerimos a criação de blog³¹ da disciplina, que pode ser criado na plataforma Blogger, um sistema gratuito de criação de sites e que pode ser bastante útil para a interatividade com o aluno, onde ele mesmo possa alimentar o site com informações, curiosidades, ideias ou artigos que seja escrito pelo próprio aluno e respeitando a temática apresentada pelo professor.

Outra ideia, é a gravação de Podcasts³², que tem sido bastante utilizado atualmente, onde o aluno possa conversar com outro professor de filosofia ou até mesmo de outra área do conhecimento e fazer um contraponto entre diversos temas. Pode-se criar ainda, um jornal mural, vídeos curtos, realização de pequenos eventos virtuais, que o aluno organize, entre eles mesmos para propor debate sobre os temas relacionados à filosofia.

São várias as opções que podem ser aplicadas e que requer, também, apoio de outras áreas, o que pontua como positivo essa ação por demonstrar o caráter inter ou até mesmo multidisciplinar da Filosofia, ou seja, é essa área dialogando com as várias áreas do conhecimento.

Já no terceiro e último capítulo, trouxemos uma discussão que tem sido comum não somente na Filosofia, mas em outros campos, que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Essas discussões têm ganhado espaço em âmbito nacional, visto que a BNCC não exclui a filosofia nem dá diretrizes rígidas para a sua configuração no Ensino Médio, ou seja, a permanência de filosofia como unidade curricular dependerá da resistência das escolas.

Segundo a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), o Ministério da Educação e as secretarias estaduais de educação apostarão na atual propaganda derrotista e na possibilidade de as próprias escolas assimilarem a falsa ideia de que a “filosofia caiu”, tirando-a do seu currículo.

³¹ Blogs são páginas on-line, atualizadas com frequência, que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais

³² Reportagem que se baseou em registros de um caso de notório interesse público, procurou ouvir todos os envolvidos e deu espaço às versões dos que se manifestaram

Essa análise, leva-nos entender que a conservação ou a retirada da Filosofia não depende apenas dos professores do Ensino Médio, dos professores de ensino superior e, também, dos estudantes.

Nos trabalhos futuros, acreditamos que esta pesquisa seja continuada adotando visões para além da ótica dos professores, permitindo um estudo apurado, que envolva os estudantes, no sentido de perceber como tem sido a absorção do conteúdo mediado pelas tecnologias.

Assim, poderemos averiguar os reflexos das aulas remotas, como tem sido o comportamento do professor, do aluno e se conseguiram manter a relação professor-aluno nesse ambiente virtual de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria J. N. ABP Educom. **EDUCOMUNICAÇÃO E FILOSOFIA: uma experiência de jornal mural temático como prática educacional na formação inicial de professores**, 2019. Disponível em:

<<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/17/14/456-1?inline=1>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

ANDRADE, Maria José Netto. **EDUCOMUNICAÇÃO E FILOSOFIA: uma experiência de jornal mural temático como prática educacional na formação inicial de professores**, São João del-Rei, 23 Jul. 2019. Disponível em:

<<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/17/14/456-1?inline=1>>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

ASPIS, Renata L.; GALLO, Sílvio. **ENSINAR FILOSOFIA: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009. ISBN 978-85-62971-00-6.

BARROS, Jussara D. Brasil Escola. **Graduação em Educomunicação**, s.d. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/graduacao-educomunicacao.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

BATES, Tony. **Educar na era digital [livro eletrônico]: design, ensino e aprendizagem**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

BOBBIO, Noberto. **A Era dos Direitos**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 30ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista Bottentuit Junior. Aplicativos de interação em sala de aula: análise de três possibilidades pedagógicas com recursos digitais. **Revista Cocar**, Pará, v. 14, n. 30, Set./Dez. 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3313>>. Acesso em: 6 Jun. 2021.

BRAGA, José L.; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

BRAGA, José Luiz ; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e bases da educação nacional, 2021.

BRITO, Marcela Cristiane Ribeiro Brito; SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitosa; LUIZ, Thiago Cury. Educomunicação na Pandemia. **Plataforma Espaço Digital**, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68482>>. Acesso em: 28 Abr. 2021.

BUTCHER, Isabel. Até 2023, 5,3 bilhões de pessoas estarão conectadas à Internet, diz Cisco. **Mobile Time**, 18 Fev. 2020. Disponível em: <<https://www.mobiletime.com.br/noticias/18/02/2020/ate-2023-53-bilhoes-de-pessoas-estarao-conectadas-a-internet-diz-cisco/>>. Acesso em: 16 Out. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 14ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, v. 1, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Comunicação**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 1999.

CORDEIRO, Karolina M. D. A. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino, Manaus, 2020. Disponível em: <<http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

DONADEL, João Carlos Rossi; MAMAN, Daniela de. **EDUCAÇÃO FÍSICA E TECNOLOGIA: POSSÍVEIS RELAÇÕES EDUCACIONAIS. OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE**, v. I, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_artigo_joao_carlos_rossi_donadel.pdf>. Acesso em: 10 16 2021.

FILHO, Luis L. D. **Paulo Freire e a “Educação Bancária” Ideologizada**, 2013. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/paulo-freire-e-a-educacao-bancaria-ideologizada-1m9so0wm12r2m2wau4ghfvedh/>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 6ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 16 ed. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALVÃO, Viviane M. R. A educomunicação quebrando paradigmas. **Administradores.com**, 24 Fev. 2015. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/a-educomunicacao-quebrando-paradigmas>>. Acesso em: 14 Out. 2021.

- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, v. 1, 2012.
- HERARTH, Helbe H.; WUNSCH, Luana Pricila. **FORMAÇÃO CONTEXTUALIZADA DE LÍDERES CORPORATIVOS: framework podcast baseado na para concepção de Design Science Research**, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.uninter.com/mestrado/wp-content/uploads/2020/12/Versao-Final_Dissertacao_Helbe-Heliamara-Herarth.pdf>. Acesso em: 2 set. 2021. [Dissertação de Mestrado].
- JACQUINOT, Geniviève. O que é um educador?, 1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Fernando C. Mattos. São Paulo: Editora da Universidade São Francisco, 2012.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 34ª ed. ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª. ed. São Paulo: 34 Ltda, 1999.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. et al. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 5ª. ed. São Paulo: [S.n.], 2007.
- MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli; GABRIEL, Fábio Antônio; ARAÚJO, Arhur Silva. O ensino de filosofia no nível médio: tecnologias digitais e práticas pedagógicas inovadoras. **REFILO - Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, v. 6, jun. 2020.
- MENDONÇA, Samuel. O Ensino Remoto e a Filosofia: entrevista com Samuel Mendonça. [Entrevista concedida a] Patrícia Del Nero Velasco. **UFABC**, In: Anpof, São Paulo, 5 ago. 2021. Disponível em: <<https://anpof.org/comunicacoes/entrevistas/o-ensino-remoto-e-a-filosofia-entrevista-com-samuel-mendonca>>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. A Base Nacional Comum Curricular. **Base Nacional Comum**, 11 Mai. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf>. Acesso em: 19 Jun. 2021.
- MOLIN, Suênia I. L. **Novas tecnologias na educação: transformações da prática pedagógica no discurso do professor**. 21ª edição. ed. Itajaí: Bertrand Brasil, 2010. 34 p.
- MORAES, Maria Candida. Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação. **Domínio Público**, 1997. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001169.pdf>>. Acesso em: 28 Abr. 2021.

MORAN, José M. Como utilizar a Internet na educação. **Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, 1997. DOI: 10.18225/ci.inf.v26i2.700. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/700>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6^a. ed. Campinas: Papirus, 2000.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. A implementação do novo ensino médio: um estudo preliminar sobre a presença da Filosofia nos currículos estaduais, 20 Mai 2021. Disponível em: <<https://www.anpof.org/wlib/ckfinder/userfiles/files/A%20PRESENC%cc%a7A%20DA%20FILOSOFIA%20NO%20PO%cc%81S-BNCC%20-%20versa%cc%83o%20final%20com%20timbre.pdf>>. Acesso em: 19 Jun. 2021.

OLIVEIRA, Jelson. ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. **Pandemia e Educação On-Line: contra a desprofessorização e a automação do ensino**, 2020. Disponível em: <<https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/pandemia-e-educacao-on-line-contra-a-desprofessorizacao-e-a-automacao-do-ensino>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

PAIVA, Vera L. M. D. O. Ensino remoto ou ensino à distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários**, Recife, v. 37, n. n° 1 e 2, p. 13, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosuniversitarios/article/view/249044/37316>>. Acesso em: 12 Nov. 2021.

PASINI, Carlos Giovani Delevati; CARVALHO, Élvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. Universidade Federal de Santa Maria. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**, 2020. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 16 Abr. 2021.

PEREIRA, Bernadete Terezinha. O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola. **Dia a dia educação**, s.d. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf>>. Acesso em: 25 Abr. 2021.

PONS, Juan D. P. **Visões e conceitos sobre a tecnologia educacional**. In: Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artmed, 1994. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/A-VIS%C3%83O-TECNOL%C3%93GICA-E-A-QUEST%C3%83O-EDUCACIONAL.pdf>>. Acesso em: 2021 fev. 08.

PONS, Juan D. P. **Visões e conceitos sobre a tecnologia educacional**. In: SANCHO, Juana (Org.). Porto Alegre: ArtMed, 1998.

PRESTES, Nadja M. H. **Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

PRIMO, Alex F. T. Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream_id/7759/000449573.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

PRIMO, Alex F. T. UFRGS Lume Repositório Digital. **Interação mediada por computador:** a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional, 2003. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6959/000449573.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ROSSETTI, Regina. Apontamentos para uma Filosofia da Comunicação. **Comunicação e Contemporaneidades** 2, v. 24, Rio de Janeiro, n. n. 3, 2017. 68-82. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2017.20189>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/20189/23947>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SAVIAN FILHO, Juvenal; CARVALHO, Marcelo; FIGUEIREDO, Vinicius Berlendis de. A BNCC e o futuro da filosofia no Ensino Médio – Hipóteses. **ANPOF**, 2018. Disponível em: <<http://www.anpof.org/portal/index.php/en/artigos-em-destaque/1584-a-bncc-e-o-futuro-da-filosofia-no-ensino-medio-hipoteses>>. Acesso em: 19 jun 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 11^a. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

SILVA, Claudinei G. D. Utilização das tecnologias de informação e de comunicação nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, 2019. 17.

SILVA, Diego da; MAMEDIO, Marilda. A relação professor x aluno para o ensino aprendizagem. **Anais do Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa**, Goiás, 2016. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/8756>>. Acesso em: 22 Mai. 2021.

SILVA, Tomaz T. D. **Documentos de identidade - uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

SOARES, Donizete. Educomunicação – O que é isto? **Educomunicação**, 28 Mai. 2017. Disponível em: <<https://educunicacaosite.wordpress.com/2017/05/28/educunicacao-o-que-e-isto-donizete-soares/>>.

SOARES, Ismar D. O. MAS, AFINAL, O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO? **Núcleo de Comunicação e Educação da USP**, 2011. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SOARES, Ismar D. O. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV online**, v. 7, p. 19-34, jan./jul. 2014. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/41468/40212>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

SOARES, Ismar D. O. A Comunicação e o Ensino Médio, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/19.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2020.

SOARES, Ismar D. O. Uma Educação para a Cidadania, São Paulo, s.d. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: [S.n.], 2011.

SOUZA, Márcia C. S. D. O Ensino Remoto Durante a Pandemia: Desafios e Perspectivas para Professores e Alunos, Cabedelo, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1228>>. Acesso em: 16 jan. 22.

UNESCO. TIC na educação do Brasil. **Unesco**, s.d. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/ict-education-brazil>>. Acesso em: 16 out. 2021.

YOUNG, Michael. TEORIA DO CURRÍCULO: o que é e porque é importante. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 151, p. 190-202, jan/mar 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Justificativa da ausência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Conforme assegura a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, em seu IV artigo que versa sobre o Consentimento Livre e Esclarecido:

IV.8 - Nos casos em que seja inviável a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou que esta obtenção signifique riscos substanciais à privacidade e confidencialidade dos dados do participante ou aos vínculos de confiança entre pesquisador e pesquisado, a dispensa do TCLE deve ser justificadamente solicitada pelo pesquisador responsável ao Sistema CEP/CONEP, para apreciação, sem prejuízo do posterior processo de esclarecimento.

Eu, **Sansão Hortegal Neto**, pelo presente termo, solicito ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão a **DISPENSA** do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em razão da pesquisa intitulada **EDUCOMUNICAÇÃO: pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade**, ser um estudo observacional, analítico ou descritivo retrospectivo, que empregará apenas informações dadas por um número reduzido de professores que lecionam a disciplina de Filosofia no Colégio Universitário da UFMA; todos os dados serão manejados e analisados de forma anônima, sem identificação nominal dos participantes de pesquisa; os resultados decorrentes do estudo serão apresentados de forma agregada, não permitindo a identificação individual dos participantes; e por se tratar de um estudo não intervencionista e sem alterações/influências na rotina/tratamento do participante da pesquisa, e, conseqüentemente, sem adição de riscos ou prejuízos ao bem-estar dos mesmos, uma vez que toda a pesquisa será em formato virtual por meio do Google Forms.

O investigador principal, o único envolvido no estudo acima se compromete, individual, a utilizar os dados provenientes deste, apenas para os fins descritos e a cumprir todas as diretrizes e normas regulamentadoras descritas na Res. CNS Nº 466/12, e suas complementares, no que diz respeito ao sigilo e confidencialidade dos dados coletados, autorizado pela instituição **Universidade Federal do Maranhão**, onde a pesquisa será realizada.

São Luís, / /

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE B – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCOMUNICAÇÃO: pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão no período de pandemia

Pesquisador: SANSÃO HORTEGAL NETO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55510021.5.0000.5086

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.410.015

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO__1833844.V2. Datado de 27/04/22).

No universo acadêmico, tem-se a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem é uma relação simples em que um termo depende do outro para a sua existência. No entanto, apesar deste fato ser evidente por si mesmo, essa reflexão exige um olhar mais apurado porque a indissociabilidade do processo incentiva uma análise sobre o que é ensinar e o que é aprender, uma vez que um depende do outro para existir, ou seja, só é possível

aprender se alguém ensinar, e para ensinar é necessário existir alguém para aprender. Este esforço cotidiano do professor em levar alguém a compreender uma situação, e não apenas a transmitir a informação, é parte de um processo de constituição da realidade, de onde a experiência é extraída para dar sentido ao mundo tanto do ensinamento quanto da aprendizagem como duas interfaces de uma mesma lógica. Esse entendimento modifica a visão da pedagogia tradicional – de uma proposta de que a educação deve ser centrada no professor –, cuja função define-se por um controle permanente dos alunos, um ensinamento unilateral do conhecimento e a correção dos possíveis erros que surgem na relação. A metodologia decorrente desta concepção, conhecida por

Endereço: Rua Barão de Itapary nº 227

Bairro: CENTRO

UF: MA

Município: SÃO LUIS

Telefone: (98)2109-1250

CEP: 65.020-070

E-mail: cep@huufma.br



Continuação do Parecer: 5.410.015

educação bancária, tem como princípio a transmissão do conhecimento através da aula do professor, que centra o processo discursivo, a partir da sua instância de enunciação, ou seja, ele fala e o aluno apenas ouve e aprende. Isto se dá,

pelo fato do professor não conceder espaço para que o aluno participe do processo de aprendizagem, surgindo somente como um sujeito passivo, uma vez que o professor é quem detém o saber. Ensinar, entretanto, não é somente transmitir, não é somente transferir conhecimentos de uma cabeça a outra, não é somente comunicar. Ensinar é fazer pensar, é estimular o outro para a identificação e a resolução dos problemas; é ajudar a criar novos hábitos de pensamento e ação. (BORDENAVE e PEREIRA, 2003) O modelo de educação idealizada por Paulo Freire, manteria na essência das classes sociais, um método diferente de ensinar que passaria de um simples sistema de treinamento para a formação de uma sociedade trabalhadora. Paulo Freire também buscava a construção do saber em que o professor, nesse caso chamado de educador, estivesse próximo aos pré-conhecimentos dos estudantes, para que ele (professor) desenvolvesse uma habilidade de apresentar o conteúdo aos alunos, tendo então o poder e o espaço para discutir a cerca dos novos saberes. Na prática, a coisa seria para funcionar assim: o professor questiona os estudantes sobre o seu dia a dia, apresenta uma explicação ideológica para os problemas e insatisfações relatados, e depois discute com eles o que acharam desse conteúdo. Se os alunos discordarem da explicação, o professor argumenta em favor do seu próprio ponto de vista ideológico. Ao fim do diálogo, o professor conclui que os alunos que ele conseguiu convencer estão agora "conscientes" da sua "verdadeira" condição de oprimidos e explorados pela sociedade de classes. (FILHO, 2013) Já na pedagogia moderna, o professor é visto como um mediador no processo de busca do conhecimento que deve partir de uma experiência comum ao aluno. Neste caso, o professor deve organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver em cada um as suas capacidades e habilidades intelectuais. Deste modo, o entendimento do que seria o termo aprender significa que o professor deve conduzir o aluno ao processo de aprendizagem para que este adquira o domínio sobre o conteúdo ensinado, reflita sobre ele e consiga transformar a sua realidade e a dos outros, traduzindo na prática o que foi e está sendo ensinado. Agora, com a pandemia do novo coronavírus, essa pedagogia precisou ser reinventada em todas as áreas do conhecimento e aqui, nos ateremos ao ensino da Filosofia, principalmente quando o conteúdo é transmitido pelos meios midiáticos, em uma união da educação, comunicação e tecnologia. No campo da educação, por exemplo, há uma tendência para a inter-relação entre Educação e Comunicação observada desde a criação de meios como o Rádio no Brasil, o qual já surgiu sob uma proposta de levar a educação

Endereço: Rua Barão de Itapary nº 227

Bairro: CENTRO

CEP: 65.020-070

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)2109-1250

E-mail: cep@huufma.br



Continuação do Parecer: 5.410.015

por meio desta mídia, a chamada “mídia-educação”. Fazendo um estudo das interfaces (Educação e Comunicação) e como os dois campos sociais podem ter seus caminhos cruzados com a ajuda das novas tecnologias, contribuindo para o processo ensino-aprendizagem. A pesquisa busca entender as particularidades e interfaces nos dois campos, conforme classifica Braga e Calazans (2000) como sendo penetrabilidade e inclusividade. Dado esse processo introdutório, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, intitulado Conceito e aplicação, apresentaremos o termo Educomunicação, explicando sua empregabilidade tanto na prática quanto na teoria, mostrando como esse processo pode ser utilizado em sala de aula para dinamizar e potencializar a relação professor-aluno, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem. No segundo capítulo, abordaremos O ato de comunicar para aprender: Educomunicação no contexto da Filosofia mediada por tecnologias. Este trabalho versa sobre a disciplina de Filosofia aplicada no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão, logo, é necessário entender o conceito e aplicação do termo educomunicação para entender esse processo na sala de aula, se o professor conhece o termo e se utiliza essa prática em sala de aula, mais especificamente em Filosofia do Ensino Médio, principalmente no cenário atual de pandemia. Esse capítulo é dividido em duas partes: a primeira, falará sobre a Relação professor-aluno, como se dá esse processo, agora mediado por uma tela, seja desktop, notebook, celulares ou tablets, será que está sendo possível manter esse diálogo essa relação, de forma virtual, mediada pelas tecnologias? Na segunda parte, intitulado Ferramentas tecnológicas para utilização em sala de aula, trará sugestões de ferramentas que poderão ser trabalhadas em salas de aula, sem perder de vista o conceito da educomunicação. Nessa parte, será possível citar ferramentas que contribuam ao professor, sua usabilidade aplicada ao contexto da comunicação, deixando a aula interativa, dinâmica, trazendo a criticidade do aluno nesse processo educacional, visto a dificuldade que muitos alunos têm tido em aprender durante esse período pandêmico e o professor de ensinar mediado por tecnologias, mais especificamente na área de Filosofia, objeto de estudo deste trabalho. No terceiro e último capítulo, falaremos sobre O ato de comunicar para a filosofia. Nesse ponto, traremos uma discussão que tem ocorrido em cenário nacional sobre a permanência da disciplina de Filosofia nas escolas de ensino médio. Faremos uma breve introdução sobre essa situação, utilizando a Base Nacional de Comum Curricular (BNCC). Também nesse capítulo, apresentaremos dois tópicos: um, refere-se aos Desafios do ensino de Filosofia e o outro será Como a educomunicação potencializa o ensino de filosofia. Após essas discussões, traremos as Considerações Finais, com base nos resultados encontrados, após pesquisas que poderão ser aplicadas, virtualmente, nas aulas remotas de Filosofia do Colun UFMA, e as Referências Bibliográficas utilizadas para a construção

Endereço: Rua Barão de Itapary nº 227

Bairro: CENTRO

CEP: 65.020-070

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)2109-1250

E-mail: cep@huufma.br



Continuação do Parecer: 5.410.015

desta dissertação.

Metodologia Proposta:

Entender como, em tempos de pandemia, os professores da disciplina de Filosofia do Colégio Universitário tem utilizado as ferramentas tecnológicas para potencializar o ensino da disciplina. Será aplicado um formulário por meio do Google Forms

Desfecho Primário:

Entramos em contatos com o diretor do Colégio Universitário, pedindo a permissão para realizarmos a pesquisa, mesmo que de forma virtual, pesquisa esta que envolverá os professores que lecionam a disciplina de Filosofia no Colégio de Aplicação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como essas tecnologias têm refletido para formação crítica dos estudantes do ensino médio, na área de Filosofia.

Objetivo Secundário:

- Apresentar conceitualmente a existência dos termos Educomunicação, Tecnologia e Ensino de Filosofia.
- Entender como os professores do ensino médio do Colun que lecionam a disciplina de filosofia, tem trabalho o conteúdo mediado pelas tecnologias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

SEGUNDO O PESQUISADOR:

RISCOS:

Há sigilo nos dados e, somente as pessoas envolvidas terão acesso. Os pesquisadores para minimizarem esses riscos, guardarão esses dados em um local seguro, em que só eles terão acesso.

Benefícios:

Contribuir para melhorias no processo ensino-aprendizando do Colégio Universitário, trazendo sugestões de melhorias para esse modelo de ensino remoto.

Endereço: Rua Barão de Itapary nº 227		CEP: 65.020-070
Bairro: CENTRO	Município: SAO LUIS	
UF: MA		
Telefone: (98)2109-1250	E-mail: cep@huufma.br	



Continuação do Parecer: 5.410.015

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Com o passar dos tempos, as tecnologias foram ganhando cada vez mais espaço, e foi havendo um grande interesse dos jovens pelas tecnologias de informação e comunicação, as quais estão ganhando mais presença na utilização das mídias em sala de aula, a qual se configura como recurso de ensino-aprendizagem para o ensino de Filosofia, objetivo de análise neste trabalho. Nesse contexto, fica evidente uma readequação das práticas pedagógica quanto ao ensino da Filosofia, visto que o aluno está cada vez mais inserido nas tecnologias e conhecendo outras formas de aprender.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo apresenta documentos referente aos "Termos de Apresentação Obrigatória": Folha de rosto, Declaração de compromisso em anexar os resultados na plataforma Brasil garantindo o sigilo, Orçamento financeiro detalhado, Cronograma com etapas detalhada, Termo de Dispensa do TCLE, Autorização do Gestor responsável do local para a realização da coleta de dados e Projeto de Pesquisa Original na íntegra em Word. Atende à Norma Operacional no 001/2013 (item 3/ 3.3). O protocolo apresenta ainda a declaração de responsabilidade financeira e termo de compromisso com a utilização dos dados resguardando o sigilo e a confidencialidade.

Recomendações:

Após o término da pesquisa o CEP-HUUFMA solicita que se possível os resultados do estudo sejam devolvidos aos participantes da pesquisa ou a instituição que autorizou a coleta de dados de forma anonimizada.

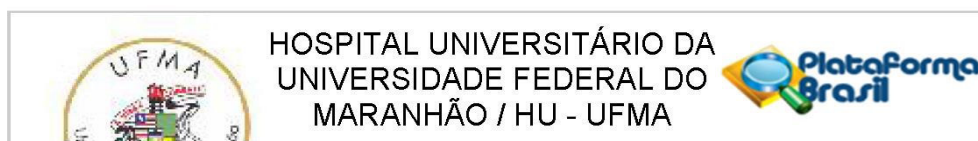
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O PROTOCOLO atende aos requisitos fundamentais da Resolução CNS nº 466/12 e suas complementares.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa–CEP-HUUFMA, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº.466/2012 e Norma Operacional nº. 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do projeto de pesquisa proposto. Eventuais modificações ao protocolo devem ser inseridas à plataforma por meio de emendas de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Relatórios parcial e final devem ser apresentados

Endereço: Rua Barão de Itapary nº 227		CEP: 65.020-070
Bairro: CENTRO		
UF: MA	Município: SAO LUIS	
Telefone: (98)2109-1250	E-mail: cep@huufma.br	



Continuação do Parecer: 5.410.015

ao CEP, inicialmente após a coleta de dados e ao término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1833844.pdf	27/04/2022 15:06:14		Aceito
Outros	carta_resposta_SANSÃO_HORTEGAL_NETO.pdf	27/04/2022 15:05:51	SANSÃO HORTEGAL NETO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DO_MESTRADO_SANSÃO_HORTEGAL_NETO_CEP.pdf	27/04/2022 14:12:05	SANSÃO HORTEGAL NETO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_SANSÃO_HORTEGAL_NETO_novo.pdf	27/04/2022 14:02:47	SANSÃO HORTEGAL NETO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Justificativa_da_Ausencia_do_Termo_de_Assentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	01/11/2021 21:22:16	SANSÃO HORTEGAL NETO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 16 de Maio de 2022

Assinado por:
Rita da Graça Carvalho Frazão Corrêa
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Barão de Itapary nº 227

Bairro: CENTRO

CEP: 65.020-070

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)2109-1250

E-mail: cep@huufma.br

ANEXOS

ANEXO A – Formulário elaborado no *Google Forms* para aplicação do questionário

Uso e integração das tecnologias em sala de aula neste período de pandemia

O presente questionário faz parte da Pesquisa que comporá a Dissertação de Mestrado intitulada "EDUCOMUNICAÇÃO: pressupostos tecnológicos na relação professor-aluno em aulas de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão no período de pandemia", de responsabilidade do Investigador e Mestrando Sansão Hortegal Neto, do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, sob a orientação do Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha, e co-orientação do Prof. Dr. João Batista Bottentuit Júnior.

A pesquisa em questão tem objetivo acadêmico, no intuito de entender a utilização da tecnologia em sala de aula, no período da pandemia. Neste texto você responderá alguns questionamentos sobre as tecnologias utilizadas, as metodologias, processo de interação professor-aluno e estratégias de comunicação. O acesso e a análise dos dados coletados serão feitos apenas pelo pesquisador. Para quaisquer esclarecimentos pode contatar via whatsapp (98) 98865-0405.

 sansao.hortegal@ufma.br (não compartilhado) [Alternar conta](#) 

***Obrigatório**

Informações Pessoais

Docente de qual setor *

☐ Colun

☐ Departamento de Filosofia

☐ Filosofia - Campus de Pinheiro

Gênero *

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Outro: _____

Idade *

Sua resposta _____

Ano de Formação em Filosofia *

Sua resposta _____

Início no Colun, Departamento de Filosofia ou Campus de Pinheiro *

Sua resposta _____

Tempo de atuação na docência (Ensino Fundamental, Médio e Superior) *

Sua resposta _____

Titulação *

Titulação *

☐ Graduação
☐ Especialista
☐ Mestre
☐ Doutor
☐ Pós-doutor

No tempo da sua graduação, houve disciplina relacionada à tecnologia? *

☐ Sim
☐ Não

Participou de alguma atividade (cursos, palestras, webinários, minicursos, workshops) relacionadas à metodologias ativas? *

☐ Sim
☐ Não

Se Sim, qual atividade e onde?

Sua resposta

Próxima

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Uso e integração das tecnologias em sala de aula neste período de pandemia

 sansao.hortegal@ufma.br (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Uso das Tecnologias

Quais tecnologias, para além do Google Meet, são utilizadas ou o Google Meet é a única ferramenta utilizada? *

☐ SIGAA
☐ WhatsApp
☐ Microsoft Teams
☐ Zoom
☐ Aplicativos de Celular
☐ Classroom
☐ Outro:

Há integração do celular em sala de aula, mesmo que as aulas sejam virtuais? *

☐ Sim
☐ Não

Se sim, de que forma?

Se sim, de que forma?

Sua resposta

Qual suporte tecnológico é dado para os professores desenvolverem atividades que utilizem recursos tecnológicos? *

Sua resposta

Foi ofertado algum curso para aperfeiçoamento do uso das tecnologias? *

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual?

Sua resposta

Quanto tempo durou o curso?

Sua resposta

Você percebe que há resistência às mudanças para o uso das tecnologias no ensino de Filosofia? *

Você percebe que há resistência às mudanças para o uso das tecnologias no ensino de Filosofia? *

☐ Sim

☐ Não

Se sim, justifique

Sua resposta

Quais os benefícios das tecnologias no ensino de Filosofia? *

Sua resposta

Quais os prejuízos das tecnologias no ensino de Filosofia? *

Sua resposta

Quais os principais desafios para o uso da tecnologia no ensino de Filosofia? *

Sua resposta

Voltar

Próxima

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Uso e integração das tecnologias em sala de aula neste período de pandemia

 sansao.hortegal@ufma.br (não compartilhado) [Alternar conta](#) 

*Obrigatório

Estratégias de comunicação

Os professores solicitam que os alunos façam pesquisa na internet? *

☐ Sim

☐ Não

Os professores usam algum aplicativo específico em sala de aula? *

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual aplicativo e como utilizam?

Sua resposta

Como os professores estão utilizando as tecnologias nas aulas de Filosofia para comentários e problematização das questões? *

Sua resposta

Como os professores estão utilizando as tecnologias nas aulas de Filosofia para comentários e problematização das questões? *

Sua resposta

De que forma é possível os professores explorarem a criatividade dos alunos e o pensamento crítico, por meio das novas tecnologias? *

Sua resposta

A Filosofia está utilizando, de fato, o recurso pedagógico dessas mídias ou está usando apenas como mediação da aula? Explique. *

Sua resposta

Antes da pandemia como era o uso da tecnologia no ensino de Filosofia? *

Sua resposta

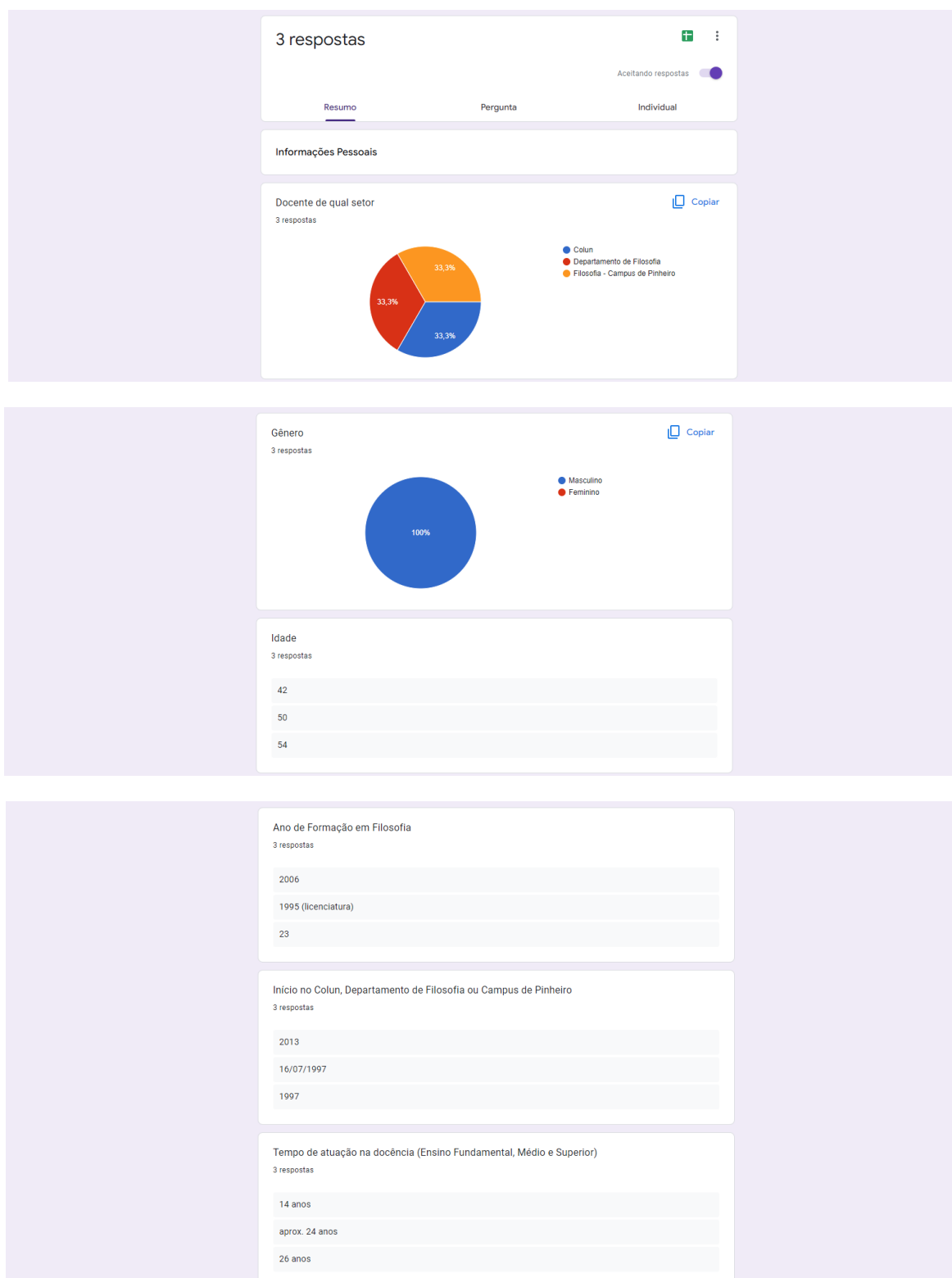
Durante a pandemia como está o uso da tecnologia no ensino de Filosofia? *

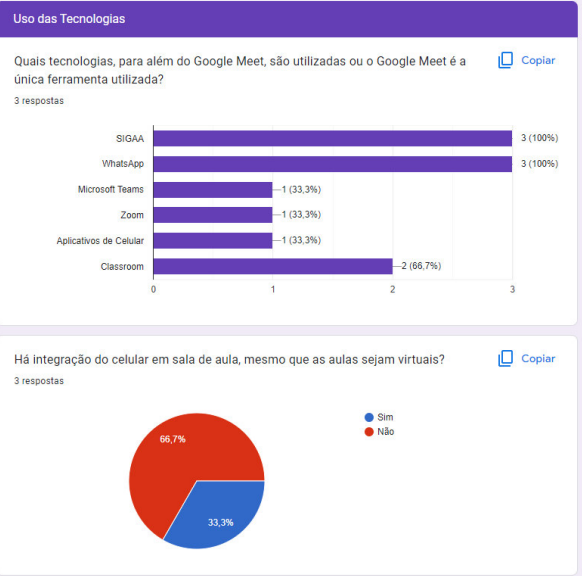
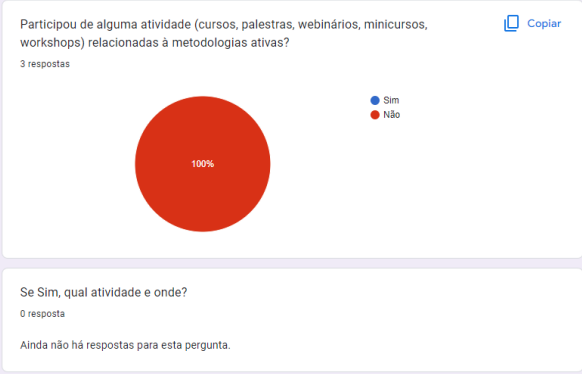
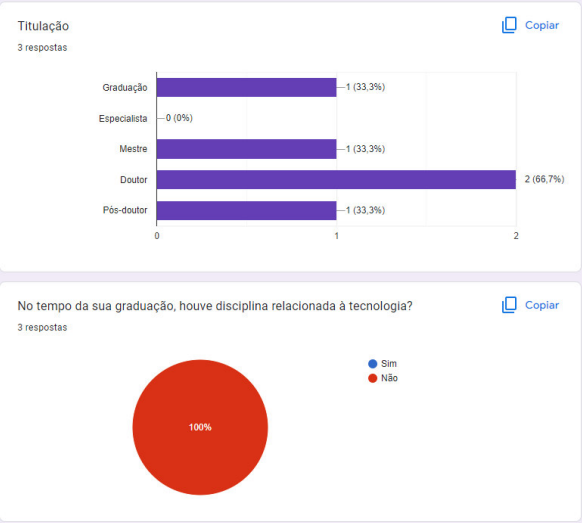
Sua resposta

[Voltar](#) [Enviar](#) [Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

ANEXO B – Respostas do questionário aplicado por meio do *Google Forms*





Se sim, de que forma?

1 resposta

Como mais uma ferramenta de trabalho, pesquisa e comunicação

Qual suporte tecnológico é dado para os professores desenvolverem atividades que utilizem recursos tecnológicos?

3 respostas

Desconheço

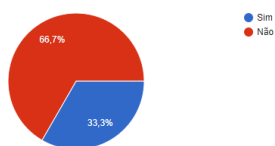
Apenas orientações individuais, sob demanda.

Sinal de Internet, chips e Tablets aos alunos...

Foi ofertado algum curso para aperfeiçoamento do uso das tecnologias?

[Copiar](#)

3 respostas



Se sim, qual?

2 respostas

Não se aplica.

Informática básica, e treinamento para manusear as novas ferramentas

Quanto tempo durou o curso?

2 respostas

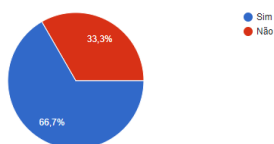
Não se aplica.

20h

Você percebe que há resistência às mudanças para o uso das tecnologias no ensino de Filosofia?

[Copiar](#)

3 respostas



Se sim, justifique

2 respostas

Muitos docentes ou têm dificuldades com o uso de tecnologias (em geral) ou se opõem a esse uso por outros motivos.

As gerações mais velhas oferecem resistência em razão de carência de formação para as novas tecnologias

Quais os benefícios das tecnologias no ensino de Filosofia?

3 respostas

Agilidade, interatividade

Acesso independente de distância geográfica, produção de audiovisual para assistir e/ou rever aulas em qualquer momento, agilidade para uso de slides durante as aulas.

Mais acesso a informações, ampliou-se as possibilidades de pesquisa e acesso texto e material bibliográfico

Quais os prejuízos das tecnologias no ensino de Filosofia?

3 respostas

Ausência de problematização crítica

Exaustão mental e emocional maior do que no ensino presencial, ausência de interação social (que é parte essencial do aprendizado, da motivação psicológica e dos contatos profissionais para estágios, grupos, orientações, etc.), maior evasão.

Não vejo prejuízos

Quais os principais desafios para o uso da tecnologia no ensino de Filosofia?

3 respostas

Conjugar pesquisa filosófica e uso da tecnologia

Desestímulo psicológico enorme à participação nas aulas, dificuldade para explicar alguns conteúdos (p.ex., conteúdos lógicos ou argumentativos em geral), problemas gravíssimos com os procedimentos avaliativos.

Falta de acesso a uma Internet de qualidade e falta de equipamentos, tais como computadores, notebooks, celulares ou Tablets

Estratégias de comunicação

Os professores solicitam que os alunos façam pesquisa na internet?

[Copiar](#)

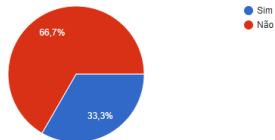
3 respostas



Os professores usam algum aplicativo específico em sala de aula?

[Copiar](#)

3 respostas



Se sim, qual aplicativo e como utilizam?

1 resposta

Algumas avaliações são feitas pelo Google Forms, pelo SIGAA ou pelo Google Classroom.

Como os professores estão utilizando as tecnologias nas aulas de Filosofia para comentários e problematização das questões?

3 respostas

Vídeos, casos concretos

Questionários e exercícios no SIGAA, no Google Classroom, no Google Forms.

As tecnologias são apenas mais um dos inúmeros elementos utilizados para facilitar os e promover os debates e a participação

De que forma é possível os professores explorarem a criatividade dos alunos e o pensamento crítico, por meio das novas tecnologias?

3 respostas

Explicando como realizar um uso crítico

O principal desafio é engajar a participação ativa de todos e sem fraudes. O restante seria mais fácil com isso.

As tecnologias facilitam o acesso às informações e por consequência, incentivados pelos professores, os alunos podem enriquecer sempre mais suas capacidades de crítica

A Filosofia está utilizando, de fato, o recurso pedagógico dessas mídias ou está usando apenas como mediação da aula? Explique.

3 respostas

Não

Até onde estou informado, apenas como mediação de aulas e avaliações.

Sim, nos dois sentidos

Antes da pandemia como era o uso da tecnologia no ensino de Filosofia?

3 respostas

Quase inexistente

Até onde estou informado, mínimo.

Menos utilizadas

Durante a pandemia como está o uso da tecnologia no ensino de Filosofia?

3 respostas

Corriqueiro

Intenso, mas acredito que quase exclusivamente para mediação de aulas/avaliações e contato com a turma.

Se tornou um elemento indispensável, mesmo quem resistia ou tinha pouca experiência e familiaridade se viu obrigado a fazer uso do aparato das novas tecnologias.